METROPOLIS

A GUERRA DOS TRONOS

STANA KATIC

DUMBO

CAPITÃO MARVEL

JOÃO SALAVIZA

FESTIVAL DE BERLIM

RODRIGO SANTORO

NURI BILGE CEYLAN

SHARP OBJECTS

AFTER LIFE

SNU

NEIL JORDAN

CINEMAMETROPOLIS.COM
ANO 6 | Nº67 | ABRIL 2019

HELLBOY
VAI SER INFERNAL
11 ABRIL
NOS CINEMAS
VIVE A EXPERIÊNCIA IMAX
#HellboyPT
LIONSGATE

DIRECTOR
Jorge Pinto

EDITOR
Tiago Alves

EDITORA TELEVISÃO
Sara Quelhas

REDACÇÃO
Catarina Maia
Nuno Antunes
Tatiana Henriques
Sérgio Alves

COLABORADORES
Aisha Rahim
Inês N. Lourenço
Luís Salvado
Marco Oliveira
Maria Henriques - Raposo
Pedro Santos Ferreira
Rui Pedro Tendinha
Rita Fonseca
Rodrigo Fonseca
Sara Afonso
Vasco Baptista Marques

DIRECÇÃO GRÁFICA
Maria João Barcelos

SITE
Cristina Brites - 7App

ABRIL 2019 – NÚMERO 67

redaccao@cinemametropolis.com
facebook: revistametropolisportugal

METROPOLIS

UMA CINÉ PRIMAVERA

O cinema nacional mais bem premiado no festival mais prestigiado do mundo pode ser agora apreciado pelo seu público. Na primavera, entre março e abril, chegam às salas dois filmes totalmente distintos e que conquistaram prémios inéditos no Festival de Cannes: «Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos», a segunda longa metragem de João Salaviza, realizada em parceria com Renée Nader Messoura, prémio do júri na seção Un Certain Regard, e «Diamantino», a estreia na longa metragem de Gabriel Abrantes, que recebeu o prémio de melhor filme da secção paralela Semana da Crítica.

O ano ficou marcado pelas estreias de três comédias burlescas que apelaram à mobilização dos espectadores. «Ladrões de Tuta e Meia» com Leonor Seixas e Rui Unas, «Tiro e Queda», com Eduardo Madeira e Manuel Marques, e «Portugal Não Está à Venda» de André Badalo. O drama biográfico «Snu», de Patricia Sequeira, e a saga do pugilista «Gabriel», a primeira longa-metragem de Nuno Bernardo, são outras estreias recentes.

Os documentários «Terra Franca, de Leonor Teles, e «Debaixo do Céu» de Nicholas Oulman, e o drama de época «A Portuguesa» chegaram às salas nas primeiras semanas do ano.

No primeiro semestre ainda veremos uma nova comédia de Vicente Alves do Ó («Quero-te Tanto»), e o novo filme de Ivo M. Ferreira («Hotel Império»). Assim, um filme português estreia-se, em média, quinzenalmente. Nada de surpreendente se considerarmos que durante 2018 foram exibidas 38 produções nacionais nas salas. A quantidade nem sempre contribuiu para aproximar os públicos do nosso cinema, mas as estreias deste ano mostram propostas narrativas muito diferentes e ideias novas, como damos conta neste número, desejando que a primavera também chegue com estes filmes.

TIAGO ALVES

A GUERRA DOS TRONOS

Há vários anos que andamos a ouvir "Winter is Coming" pois bem o Inverno chega finalmente à gloriosa temporada final do maior fenómeno televisivo do século XXI.

CAPITÃO MARVEL

A procura e o deslumbramento do público pelos filmes de super-heróis continua imparável, uma mulher lidera um *blockbuster* da Marvel que está a deixar meio mundo rendido ao poder da Captain Marvel e ao charme de Brie Larson.

FESTIVAL DE BERLIM

O primeiro grande festival da temporada chega às páginas da **METROPOLIS** com as referências do que iremos visionar em termos de cinema de qualidade e do mundo no próximo ano nas salas.

67
METROPOLIS

6 **PLANOS DO MÊS**

20 **WESTWORLD**
RODRIGO SANTORO EM ENTREVISTA

44 **TRUE DETECTIVE**
STEPHEN DORF EM ENTREVISTA

58 **JOÃO SALAVIZA**

62 **SNU**
PATRICIA SEQUEIRA EM ENTREVISTA

70 **TIM BURTON**

74 **DUMBO**
FINLEY HOBBINS EM ENTREVISTA

78 **GABRIEL**
NUNO BERNARDO EM ENTREVISTA

82 **IO SONO TEMPESTA**
DANIELE LUCHETTI EM ENTREVISTA

88 **KARL LAGERFELD**

94 **LADRÕES DE TUTA E MEIA**
HUGO DIOGO EM ENTREVISTA

98 **NURI BILGE CEYLAN**

102 **BIG VS SMALL**
MINNA DUFTON EM ENTREVISTA

108 **VERÃO EM RILDAS**
DANIEL CAETANO EM ENTREVISTA

112 **NEIL JORDAN**

116 **SHARP OBJECTS**

120 **ABSENTIA**
STANA KATIC EM ENTREVISTA

126 **TVCINE - DOCUMENTÁRIOS**

ZAPPING

ABSENTIA 132
BILLIONS 133
KNIGHTFALL 134
PRETTY LITTLE LIARS 135
THE CASE AGAINST ADNAN 136
THE ENEMY WITHIN 137
AFTER LIFE 138

CRÍTICAS

A PEREIRA BRAVA 141
UMA CRIANÇA COMO JAKE 142
NA FRONTEIRA 143
OPERAÇÃO FRONTEIRA 144
CAPITÃO MARVEL 146
PIERCING 147
A CHUVA É CANTORIA
NA ALDEIA DOS MORTOS 149
NÓS 150
THE LITTLE DRUMMER GIRL 152
ESTRELAS 154

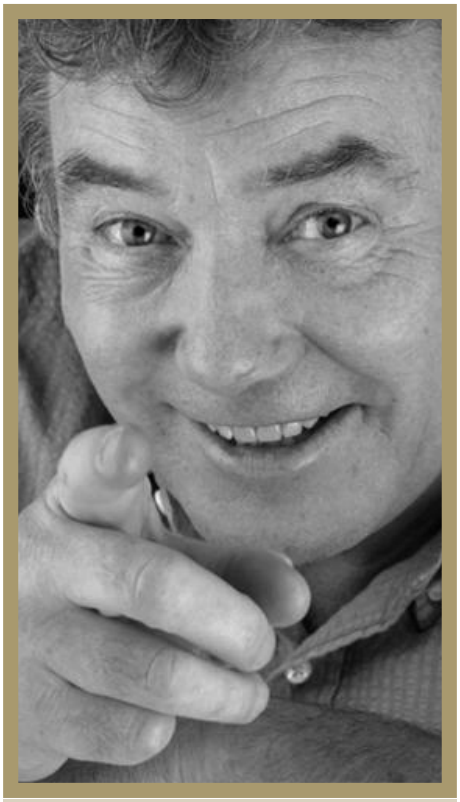
PLANOS DO MÊS

TIAGO ALVES

6 FEVEREIRO

2018: CINEMAS EUROPEUS PERDEM PÚBLICO

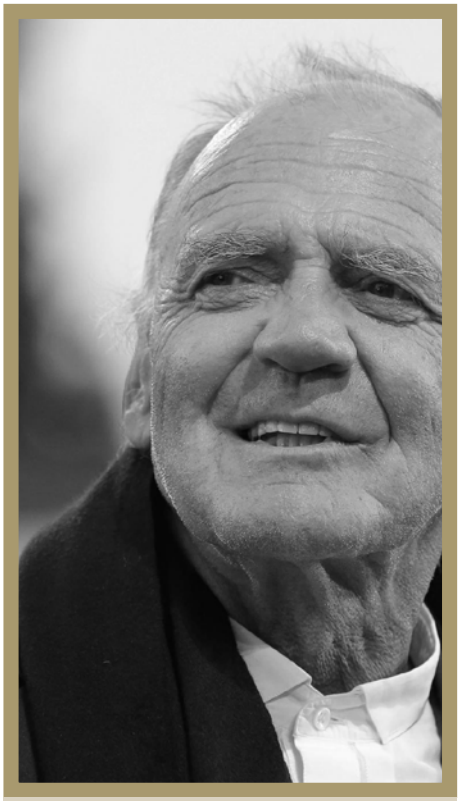
Contrariando o que se passou nos Estados Unidos, as salas de cinema na União Europeia (UE) caíram 3,3% em 2018 e ficaram pelos oito mil milhões de euros de receitas e 955 milhões de espectadores, revela o relatório do Observatório Europeu do Audiovisual divulgado durante o Festival de Berlim. Os resultados são claramente negativos em vários países e contribuíram para menos 29,4 milhões de espectadores em 2018. A Alemanha é o pior território, com as receitas a caírem 14,8% (menos 156,8 milhões de euros) e os espectadores 13,9% (quebra de 16,9 milhões de bilhetes). Outros países em que os números pioraram bastante foram a Suíça, Áustria, Bulgária, Luxemburgo, Finlândia, Israel, Grécia e Itália. Portugal surge com menos 4% de receitas e 5,9% de espectadores, o que confirma a quebra de 3,3 milhões de euros e menos 920 mil bilhetes.



7 FEVEREIRO

ALBERT FINNEY (1936 – 2019)

Albert Finney estudou na Royal Academy of Dramatic Art, brilhou em obras de William Shakespeare, tornou-se num dos grandes talentos do teatro britânico, integrando a geração de Peter O´ Toole, Alan Bates, Richard Harris e Anthony Hopkins. Era um dos atores vivos mais conceituados que nunca ganhou o Óscar e foi nomeado cinco vezes. A sua carreira vai desde os momentos de afirmação da 'nova vaga' britânica, por exemplo com «Sábado à Noite, Domingo de Manhã» (1960), de Karel Reisz, até composições em «O Grande Peixe» (2003), de Tim Burton, ou «Antes que o Diabo Saiba que Morreste» (2007), título final da filmografia de Sidney Lumet. Em 1968, Finney realizou «Charlie Bubbles» («Um Homem e a sua História») e o seu derradeiro papel foi em «007 – Skyfall». Albert Finney morreu com 82 anos.



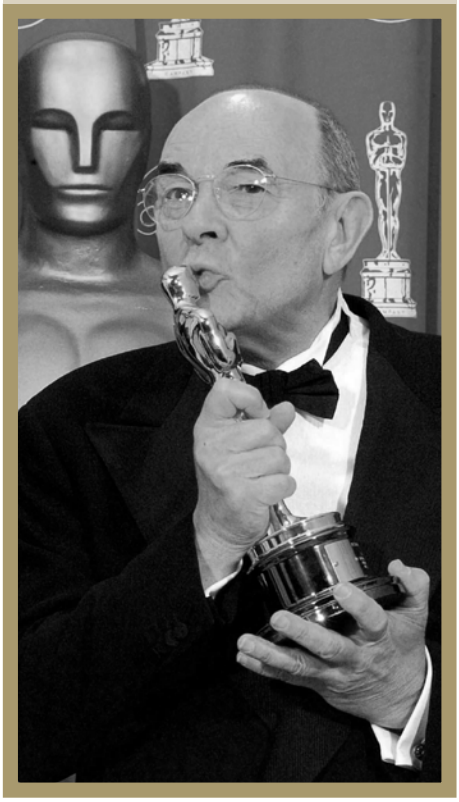
16 FEVEREIRO

BRUNO GANZ

Actor nascido da Suíça, personagem emblemática do moderno cinema alemão, com uma sólida formação teatral, passou pelo Berliner Schaubühne e, em boa verdade, nunca abandonou o palco. De qualquer modo, foi o cinema que o tornou internacionalmente conhecido, e tanto mais quanto a sua carreira manteve um permanente ziguezague entre cinema europeu e produção americana. Entre os seus títulos mais populares incluem-se «Nosferatu, o Fantasma da Noite» (1979), de Werner Herzog, «As Asas do Desejo» (1987) e a sequela «Tão Longe, Tão Perto» (1993), de Wim Wenders, e «A Queda» (2004), de Oliver Hirschbiegel, em que interpretou a personagem de Adolf Hitler. Em 2010, a Academia de Cinema Europeu distinguiu-o com um prémio de carreira. Bruno Ganz faleceu com 77 anos de idade.

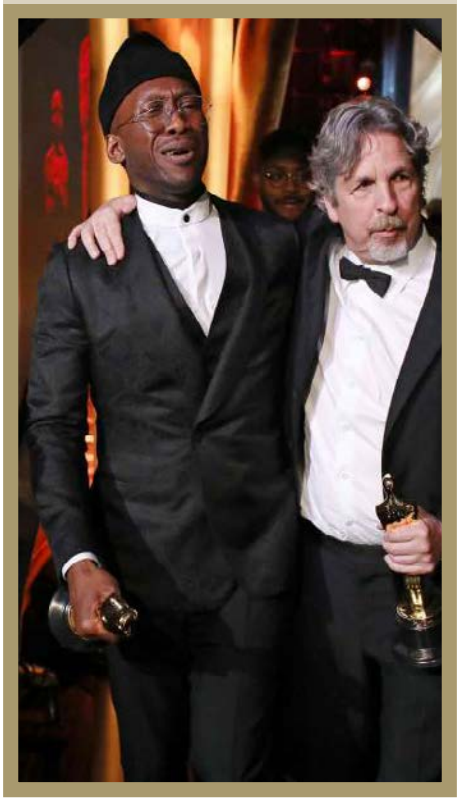
19 FEVEREIRO
STANLEY DONEN (1924 – 2019)

Stanley Donen, um dos grandes realizadores da idade de ouro do musical de Hollywood, estreou-se como dançarino de coro e afirmou-se em produções da MGM Metro Goldwyn Mayer. O primeiro filme que realizou «Um Dia em Nova Iorque» (1950), revolucionou o género ao libertar o musical das constrições do estúdio. Dirigiu, com Gene Kelly, o mais mítico de todos o musicais, «Serenata à Chuva». Acabado o contrato com a MGM e com o sistema de estúdios a começar a colapsar, Stanley Donen começou a trabalhar como realizador independente, realizando, em 1957, mais dois musicais clássicos, «Cinderela em Paris», com Fred Astaire e Audrey Hepburn, e «Negócio de Pijamas», com Doris Day. Nos anos sessenta, em Inglaterra, diversificou o seu trabalho, «Charada», um dos maiores sucessos da sua carreira, com Cary Grant e Audrey Hepburn, é um dos filmes desse período. Recebeu um Óscar honorário da Academia em 1988. Stanley Donen morreu com 94 anos.



25 FEVEREIRO
«GREEN BOOK» TRIUNFA NOS ÓSCARES

«Green Book – Um Guia Para a Vida», sobre a história da amizade entre o famoso pianista negro Donald Shirley e o seu motorista branco Tony 'Lip', triunfou nos Óscares. O filme estava nomeado em cinco categorias e ganhou três prémios: melhor filme, ator secundário (Mahershala Ali) e argumento original. «Roma» e a Netflix fizeram história ao receber três estatuetas importantes: melhor filme estrangeiro (primeiro prémio para o cinema México), realização e fotografia para Alfonso Cuarón. «Bohemian Rhapsody», sobre Freddie Mercury, acabou por ser o mais premiado, com quatro Óscares: melhor ator para Rami Malek, montagem efeitos sonoros e mistura de som.



27 FEVEREIRO
SOPHIA: «PARQUE MAYER» LIDERA NOMEAÇÕES

A longa-metragem de António-Pedro Vasconcelos recolheu 15 nomeações da Academia Portuguesa de Cinema. Seguem-se «Pedro e Inês», de António Ferreira (10 nomeações), «Cabaret Maxime», de Bruno de Almeida e «Raiva», de Sérgio Tréfaut (ambos com nove cada). Na categoria de melhor filme, «Parque Mayer», compete com «Cabaret Maxime», «Raiva», e «Soldado Milhões». «Parque Mayer» valeu a António-Pedro Vasconcelos, uma nomeação na categoria de melhor realizador, ao lado de António Ferreira («Pedro e Inês»), Bruno de Almeida («Cabaret Maxime») e Sérgio Tréfaut («Raiva»). A 11.ª longa-metragem de António-Pedro Vasconcelos faz o pleno nas categorias de representação com Daniela Melchior (atriz), Francisco Froes (ator), Alexandra Lencastre e Carla Maciel (atriz secundária) e Miguel Guilherme (ator secundário).

UM NOVO PESADELO DA MENTE DO VENCEDOR DE UM ÓSCAR®

JORDAN PEELE

ARGUMENTISTA/REALIZADOR DE *FOGE*

Nós

M/16 Anos

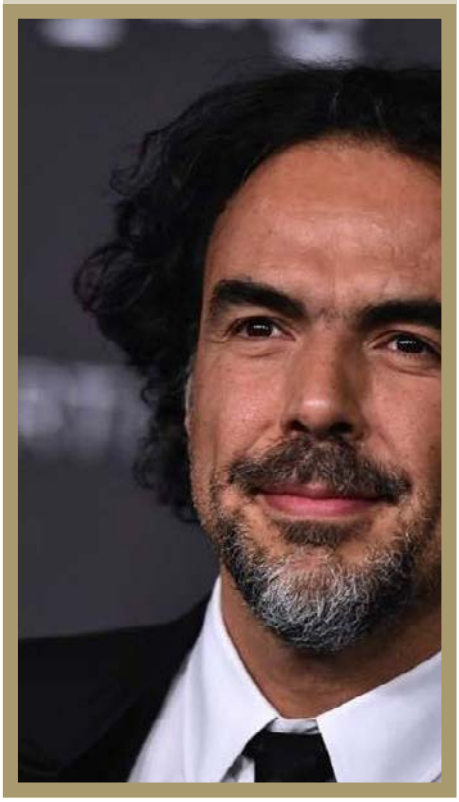
CUIDADO CONTIGO

21 MARÇO NOS CINEMAS

© 2019 UNIVERSAL STUDIOS

28 FEVEREIRO
ALEJANDRO IÑÁRRITU, EL PRESIDENTE

Alejandro González Iñárritu será o presidente do júri da 72ª edição do Festival de Cannes. O cineasta mexicano declarou: "O Festival de Cinema de Cannes foi importante para mim desde o início da minha carreira. O cinema flui nas veias do planeta e este Festival é o seu coração. Com o júri, teremos o privilégio de sermos os primeiros espectadores dos novos filmes dos nossos colegas cineastas de todo o mundo. É um verdadeiro prazer e uma grande responsabilidade que vamos assumir com paixão e dedicação". Pierre Lescure, presidente do Festival, exprimiu o seu contentamento: "É muito raro que Alejandro G. Iñárritu concorde em ser jurado e, pela primeira, vez o júri do Festival de Cinema de Cannes será presidido por um artista mexicano." O 72º Festival de Cinema de Cannes terá lugar de 14 a 25 de maio.



4 MARÇO
STEVEN SPIELBERG CONTESTA NETFLIX

O papel da Netflix no sistema de produção e distribuição de cinema e televisão continua a ser debatido. Steven Spielberg, numa entrevista à ITV News, veio defender a experiência de ver filmes em sala de cinema, reforçando que só os filmes feitos de raiz para esse espaço deverem competir nos prémios da especialidade como os Óscares. "Não acredito que filmes que tenham apenas exibições específicas em alguns cinemas por menos de uma semana, se possam qualificar para nomeações aos Óscares", sublinhou o realizador. Em resposta, a Netflix comentou: "Nós adoramos o cinema. Aqui vão algumas coisas que também adoramos: acesso às pessoas que nem sempre podem custear, ou que vivem em cidades sem cinema; que toda a gente em todo o lado possa usufruir dos lançamentos ao mesmo tempo; dar aos realizadores mais vias para partilhar a arte. Estas coisas não são mutuamente exclusivas".

8 MARÇO
JULIE ANDREWS, LEÃO DE OURO DE CARREIRA

A atriz Julie Andrews será galardoada com o Leão de Ouro de Carreira no 76.º Festival Internacional de Cinema de Veneza. A decisão foi tomada pela Bienal de Veneza, presidida por Paolo Baratta, que apoiou a proposta do diretor do festival, Alberto Barbera. "Numa idade muito jovem, a sra. Andrews ganhou fama nas salas de música de Londres e, mais tarde, na Broadway graças ao seu notável talento de cantora e atriz. O seu primeiro filme de Hollywood, «Mary Poppins», deu-lhe o estatuto de estrela, que mais tarde foi confirmado num outro filme precioso, «Música no Coração». Estes dois papéis projetaram-na para o estrelato internacional, tornando-a uma figura icónica, adorada por várias gerações de cinéfilos", declarou Alberto Barbera a respeito da entrega deste prémio

A GUERRA DOS TRONOS

É certo que lá fora se começa a augurar os primeiros sinais de bom tempo, mas para os seriólicos o inverno só agora chegou. A temporada final da série mais popular da atualidade tem apenas seis episódios e a estreia está marcada para a madrugada de 15 de abril, ao mesmo tempo dos EUA, na HBO Portugal e no Syfy.

SARA QUELHAS

QUEM SE VAI SENTAR NO TRONO MAIS DESEJADO DA TV?

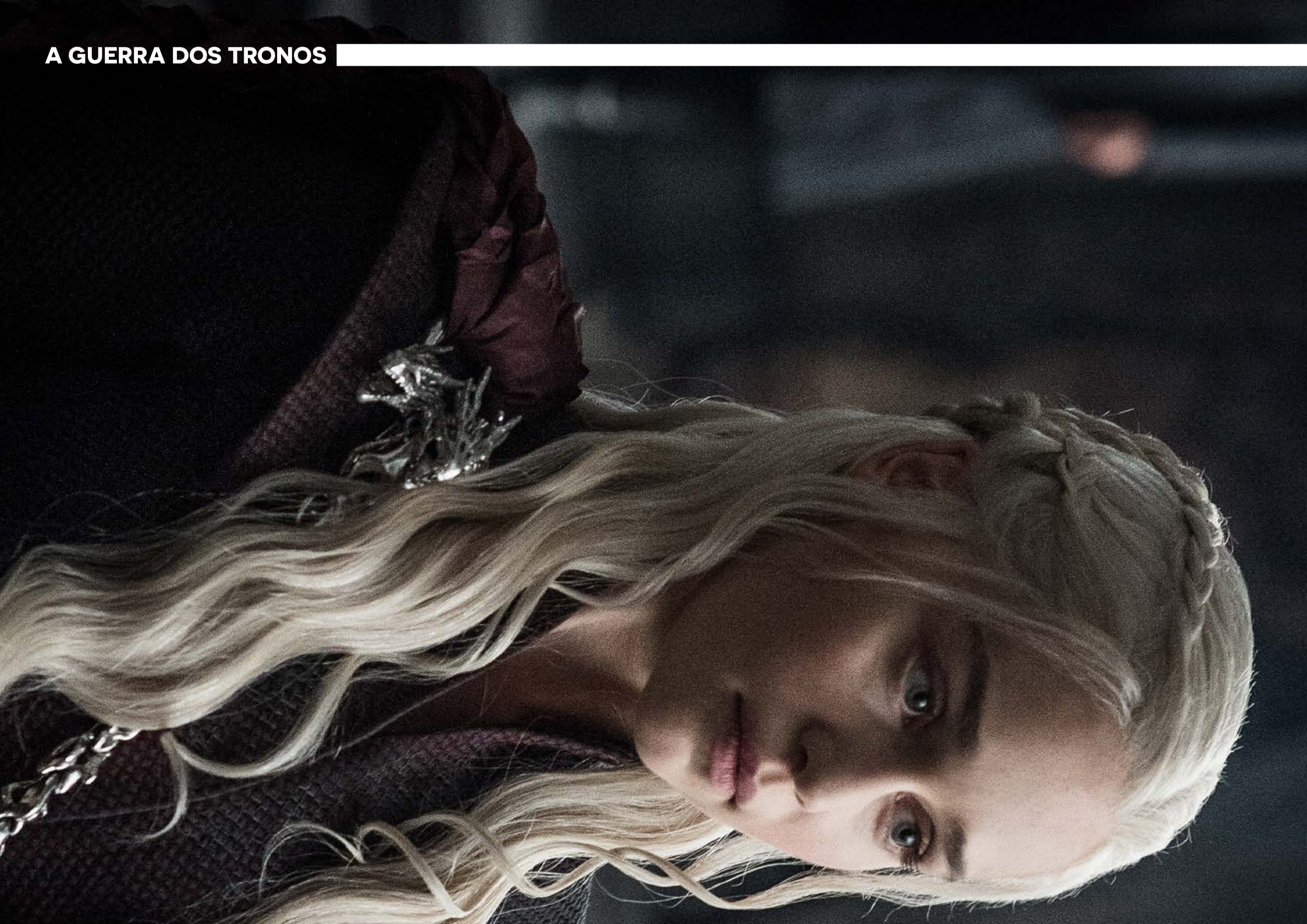
O inverno está a chegar". Perdemos a conta às vezes que ouvimos as personagens de «A Guerra dos Tronos» proferirem esta frase, desde o primeiro livro de George R.R. Martin, publicado em 1996. Muitas dessas personagens, bem à imagem de marca da saga e da HBO, foram assassinadas entretanto e não viram o inverno chegar. Já as que sobreviveram ao massacre, de escritor e argumentistas, arriscam-se a não sobreviver ao tão anunciado inverno. Os "white walkers" ultrapassaram a muralha e ninguém está a salvo entre os vivos. E, atendendo aos poderes do "Night King", nem entre os mortos e enterrados.

A oitava temporada de «A Guerra dos Tronos» é histórica em Portugal. Pela primeira vez, os episódios vão estrear ao mesmo tempo nos Estados Unidos e em solo nacional, muito por 'culpa' da chegada da HBO ao nosso país, em fevereiro. O serviço de streaming prometeu estreias simultâneas e o Syfy Portugal, detentor dos direitos televisivos, respondeu na mesma moeda. Quem sai a ganhar, claro está, são os seguidores da série. Que, em sentido contrário, perdem horas de

sono para escaparem aos spoilers [revelações de momentos-chave do episódio antes de o vermos] que proliferam habitualmente nas redes no dia seguinte.

O legado, esse, já está garantido. Nos próximos anos, a HBO irá apostar em prequelas da história original, reconstruindo "storylines" que nos chegaram, até agora, apenas como lenda ou memória distante. Quanto a sequelas, só depois do derradeiro final conseguiremos perceber se tal faz sequer sentido. Também será curioso testemunhar qual o desenrolar dos livros, já que George R.R. Martin se deixou ultrapassar pela série televisiva e, já se sabe, continuará a ação de forma diferente da TV. Livros e televisão, aliás, já tiveram diferenças no passado – algumas das quais muito criticadas por GRRM.

Com os primeiros livros a terem intervalos de dois anos entre eles, o autor lançou o quarto apenas em 2005, o quinto em 2011 e sexto, "The Winds of Winter, o penúltimo, tem tido a data de publicação sucessivamente adiada. Recordamos que a série estreou em 2011.



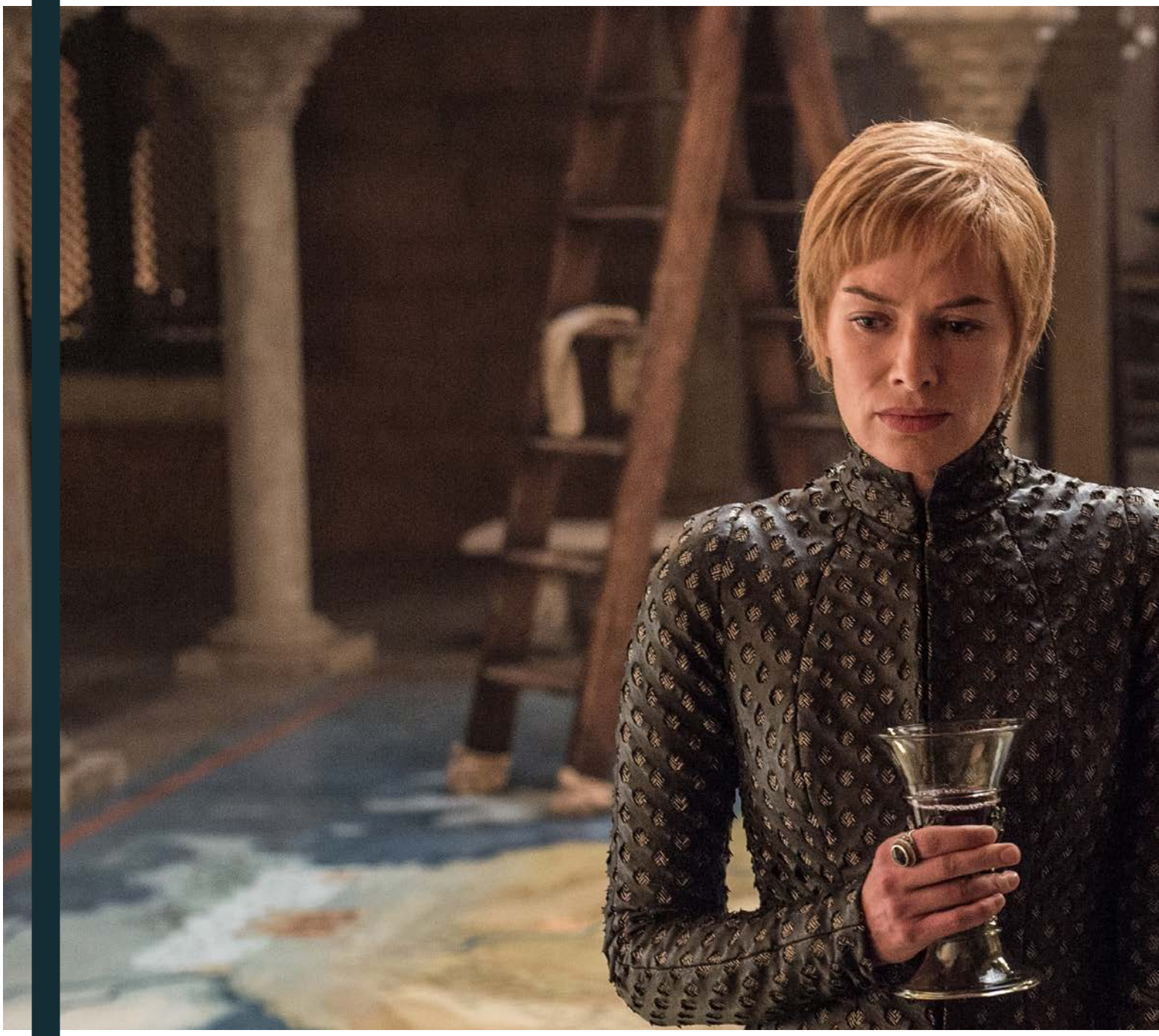
UM FINAL QUE MARCA A HISTÓRIA DA TV

Costuma dizer-se que tudo tem de fazer sentido no final, no que à ficção diz respeito. Por mais surreal que seja, uma história deve, teoricamente, ter um desfecho convincente que, olhando para trás, torne a premissa exequível e seja capaz de fechar as pontas que foram deixadas soltas ao longo do tempo. Embora haja margem para que alguns acontecimentos do passado sejam explorados nas prequelas, a verdade é que muitas 'storylines' vão ter de encontrar o seu fim nos próximos seis episódios. E, apesar de os criadores terem garantido no passado que o final principal será igual ao que GRRM idealizou, «A Guerra dos Tronos» não vive apenas de quem se senta no trono.

Entre mistérios, alianças e traições, foram muitas as reviravoltas que a série e o livro deram a conhecer ao longo das últimas duas décadas. Sem qualquer problema, aliás, GRRM assassinou a sua personagem principal no primeiro livro e, nos seguintes, foi-nos lembrando que não teria qualquer problema em fazer o mesmo com todas as outras. Essa tática narrativa e ousada desenvolveu também uma relação diferente entre o universo dos Tronos e quem o acompanhava, com os aspetos positivos que tal acarreta: se por um lado o nível de suspense agarrava a audiência, por outro lado o público estava sempre à espera do choque e, quando isso não acontecia, choviam críticas.

Depois de esperar mais três meses do que o habitual pela chegada da sétima temporada, a audiência já está avisada para o que aí vinha: no final de contas, foram 20 meses sem «A Guerra dos Tronos». Mais tempo ainda passou desde a última vez que os irmãos Stark estiveram juntos, com o quarteto, composto por Jon (Kit Harington), Bran (Isaac Hempstead Wright), Sansa (Sophie Turner) e Arya (Maisie Williams), a reencontra-se em Winterfell. Tal tinha acontecido pela última vez na primeira temporada. No entanto, este não será um reencontro feliz, já que os "white walkers" se aproximam, anunciando a guerra mais épica da saga, e Bran sabe que Jon é, na verdade, um Targaryen, ultrapassando assim Daenerys Targaryen (Emilia Clarke) na linha de sucessão.

Apesar de ter apenas seis episódios, os últimos quatro da temporada têm cerca de 1h20 de duração cada, numa experiência que promete ser verdadeiramente cinematográfica. Algumas fontes garantes que cada episódio custou 15 milhões de dólares, alegadamente mais um milhão do que os da sétima temporada. Muito deste investimento vai para as cenas de ação. As principais batalhas são já tradicionalmente longas e complexas, aproveitando o balanço narrativo dos episódios que as antecipam. Veja-se os exemplos Blackwater (temporada 2, episódio 9), Hardhome (temporada 5, episódio 8) e a Batalha dos Bastardos (temporada 6, episódio 9). Os produtores capricham nestas cenas, de grande orçamento e com gravações que duram várias semanas.



TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR A WINTERFELL

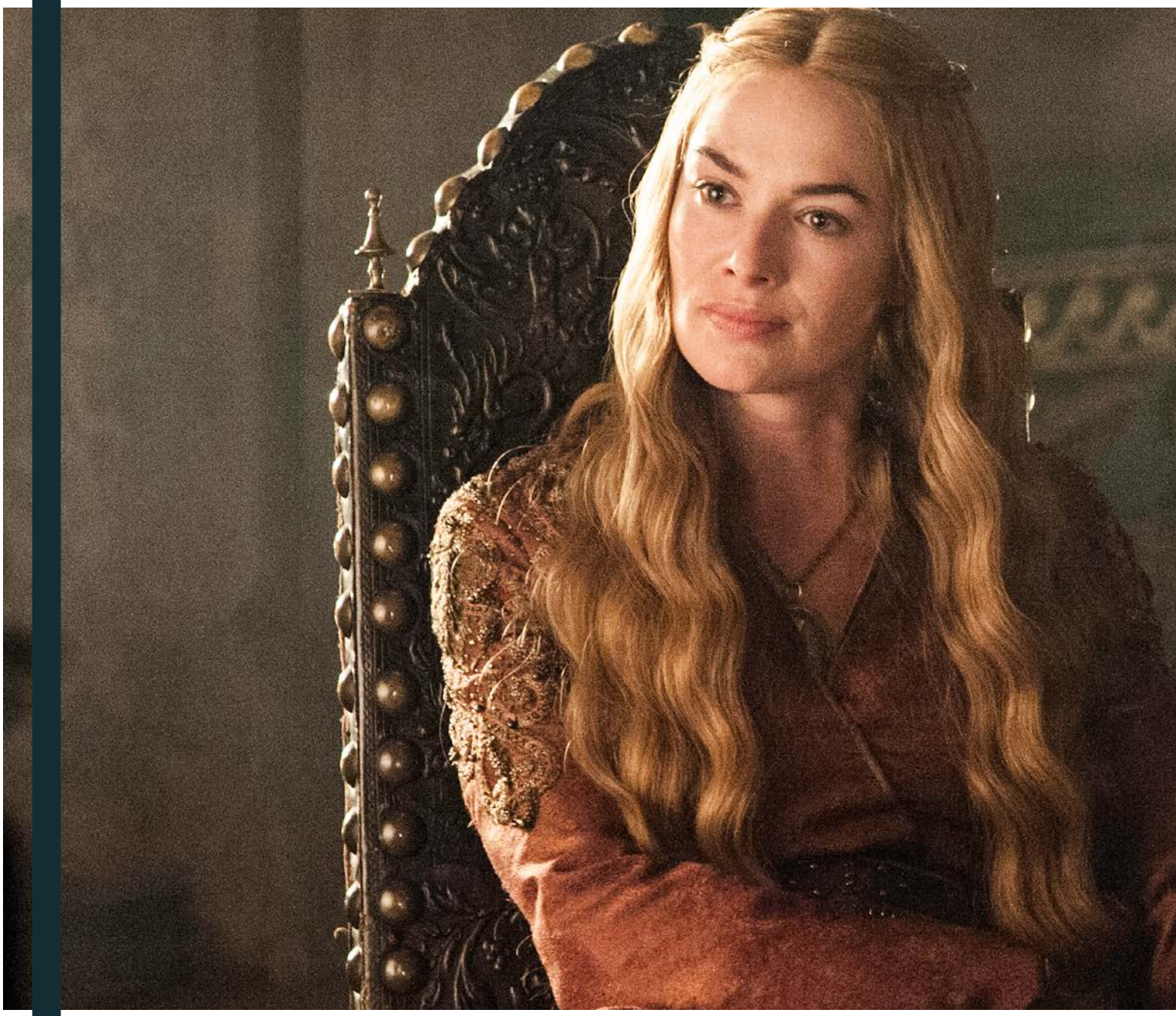
Em jeito de brincadeira, os fãs da série costumam dizer que o inverno demorou porque os "white walkers" andam devagar. É certo que a sua chegada se esperada desde a primeira temporada, mas a série nunca foi apenas sobre esse confronto derradeiro da Humanidade com a sua escuridão, ao jeito de um Apocalipse zombie ainda mais dramático e sangrento. Da mesma forma, «A Guerra dos Tronos» nunca foi apenas uma série com muita violência e sexo, atendendo à qualidade dos livros e, numa fase posterior, do argumento e da realização de cada episódio. Mas da fama, muitas vezes, não se livra.

Assume até os contornos de premonição: faz todo o sentido que a última temporada arranque num reino que, traduzido literalmente, significa algo como "o inverno caiu", Winterfell. Foi lá que tudo começou, com a queda de Bran Stark da torre, depois de testemunhar o incesto dos Lannister, o que abriu caminho a uma das guerras interfamiliares mais sangrentas da história da literatura e da televisão. Tal como aconteceu na temporada de estreia, na qual Robert Baratheon (Mark Addy) e a família real se deslocaram a Winterfell, também Jon Snow e Daenerys Targaryen cavalgam até ao bastião dos Stark, como se pode ver num dos trailers da nova temporada.

Há muito que se augura uma épica batalha em Winterfell e, tendo

em conta que também os "white walkers" caminham para lá, tudo indica que essa seja uma das poucas teorias em que a 'fandom' acerta. A série, inclusivamente, é muito conhecida por duas correntes mais 'audíveis': a dos fãs que tentam antecipar o que vai acontecer e a dos fãs que leram primeiro os livros e, como tal, têm tendência para comentar exaustivamente cada desvio da série da HBO. Quando as duas vertentes se unem numa só pessoa, o mais certo é haver desistências no 'campo de batalha', ou prosseguir por própria conta e risco e iniciar debates que podem demorar horas a fio.

Atendendo à popularidade de «A Guerra dos Tronos», não é de estranhar a forma apaixonada com que certos espectadores falam dos acontecimentos e das personagens. Sobretudo tendo em conta a facilidade como, desde o início, o autor e argumentistas principais, David Benioff e D.B. Weiss, assassinam personagens principais e sem qualquer aviso. No entanto, não é esse o único elemento em comum entre os três: os criadores reuniram várias vezes com GRRM inicialmente, com o escritor a assumir um papel bastante ativo como produtor, e alinharam desde logo algumas revelações que o escritor ainda guardava no segredo dos deuses. Como tal, será interessante perceber que outras teorias dos fãs podem ser confirmadas na última temporada, após a revelação do parentesco de Jon Snow.



PRETENDENTES AO TRONO

NIGHT KING

Os posters da nova temporada colocam o líder da armada dos mortos no Trono, numa altura em que se antecipa um confronto estrondoso entre vivos e mortos em Winterfell. Embora não tenha propriamente a ver com uma questão de poder consciente, a vitória do Exército dos Mortos resultaria no comando do Night King, capaz de controlar todos os que perderam a vida. Depois de Winterfell, todavia, faltaria enfrentar a rainha Cersei, não cumpriu a sua palavra, ao contrário de Jaime (Nikolaj Coster-Waldau) e se manteve em King's Landing.

CERSEI LANNISTER

O comportamento de Cersei Lannister (Lena Headey) em batalha faz lembrar a terceira armada que, depois de ver duas destruírem-se uma à outra, chega no final para reclamar vitória. No último episódio da sétima temporada, a rainha acertou uma aliança com Jon, Daenerys e (crê-se) Tyrion (Peter Dinklage), mas tudo não passava de uma mentira. Euron Greyjoy (Pilou Asbæk) não foi para a sua ilha, mas sim para Braavos, em busca de apoio dos bancos para Cersei garantir o controlo dos Sete Reinos, também com o wildfire do seu lado para proteção.

JON SNOW… ups, AEGAN TARGARYEN

Sendo filho de Rhaegar Targaryen, irmão mais velho de Daenerys, e fruto do seu casamento com Lyanna Stark, Jon Snow posiciona-se como o herdeiro legítimo ao Trono de Ferro. Depois de ter jurado fidelidade a Daenerys, despoletando até a raiva de Cersei, o jovem que cresceu como bastardo dos Stark é, afinal, o derradeiro herói da saga. Embora não seja conhecido por ter sede de poder, a revelação dá uma nova importância a Jon, que se tinha afastado da luta pelo Trono. Muitos acreditam, desde o início, que o final conta com Jon à frente dos destinos de Westeros, mas numa série como «A Guerra dos Tronos» não há certezas.

DAENERYS TARGARYEN

Acreditando que tudo se mantém como está, sem Daenerys "dobrar o joelho" e jurar fidelidade a Jon, a vitória dos humanos pode significar a reconquista dos Targaryen, que contam com dois dragões no seu exército. Porém, tudo se complica ainda mais se recordarmos que Jon e Daenerys, afinal tia e sobrinho, se envolveram romanticamente no final da passada temporada. É certo que em tempos medievais as relações intrafamiliares nem sempre são encaradas com a mesma 'repulsa', como é o caso dos gémeos Lannister, até porque os Targaryen, no passado, se relacionavam uns com os outros para garantir a prevalência dos seus genes.

GENDRY

Os trailers já anunciaram a sua chegada, pelo que Gendry (Joe Dempsie) terá ainda uma palavra a dizer antes do final da saga. Filho ilegítimo do rei Robert Baratheon, possivelmente o único atendendo ao facto de todos os filhos de Cersei terem Jaime como pai, o jovem era uma séria ameaça ao sucesso dos Lannister. Muitas temporadas depois, Gendry ressurge ainda com futuro incerto, mas com alguns fãs de «A Guerra dos Tronos» a acreditarem que se vai sentar no Trono de Ferro no final.

NINGUÉM

Poderíamos acrescentar à lista de pretendentes figuras como Jaime Lannister, Sansa ou Arya Stark, já que há muitas outras personagens que seriam facilmente candidatas ao Trono. No entanto, há também uma outra possibilidade, em caso de vitória dos humanos perante o Exército dos Mortos: os Sete Reinos chegarem a um entendimento e, em vez de um estado de soberania, organizarem-se num formato bem mais equilibrado e igualitário.

TYRION LANNISTER

Um dos personagens favoritos da audiência, Tyrion já mudou de lado várias vezes, sendo agora a "Mão" de Daenerys. O final da sétima temporada, com o anão a testemunhar a aproximação entre Jon e a sua rainha, deixa no ar a possibilidade de ele reagir novamente, em busca dos seus melhores interesses. Algumas teorias apontam para o facto de também Tyrion ser um Targaryen, quiçá irmão de Daenerys e filho do "Mad King". Além disso, Tyrion também pode estar a jogar 'infiltrado' para garantir o sucesso dos Lannister ou o seu próprio sucesso, sendo que, na eventualidade de ser verdadeiramente um herói, poderá lutar por um reinado mais justo, caso Jon e Danny morram em batalha.

WESTWORLD

RODRIGO SANTORO
ACTOR

Se fica desorientado com o argumento de «Westworld», não se preocupe, o brasileiro Rodrigo Santoro percebe-o perfeitamente. Em conversa com a METROPOLIS, aquando do lançamento oficial da HBO Portugal, o ator falou sobre a série criada por Jonathan Nolan e Lisa Joy, bem como sobre como percebeu que queria viver da representação.

JORGE PINTO/SARA QUELHAS

Como é que um ator se prepara para uma série tão complexa como «Westworld»?

RODRIGO SANTORO: É engraçado, porque a série é muito complexa, mas eu não me consegui preparar muito. Isto porque não tínhamos muita informação, tem a ver com o facto de fazer uma personagem que é o que chamamos de "host", que é uma inteligência artificial. Eu não tinha acesso ao passado da minha personagem, talvez não tivesse passado, e trabalhámos, na primeira temporada especificamente, com uma espécie de "esteja presente e faça aquilo que intuir que é a forma certa de fazer". Eu nunca tinha passado por um processo assim, normalmente

fazemos filmes e há um roteiro, sabe a história, prepara-se, pesquisa. Só que neste caso não pude. Preparei o meu corpo para estar preparado para realizar tudo o que tinha de realizar com o personagem, estudei um pouco sobre inteligência artificial e tive muitas conversas com os criadores, o Jonathan Nolan e a Lisa Joy, sobre o que eles tinham em mente. Eles não revelavam muito, então não sabíamos muita coisa, eu não tinha os guiões até muito próximo de filmarmos. A preparação passou pela ligação ao meu instinto e colocar o meu corpo preparado.

Como é que foi a relação de trabalho, que foi muito próxima, com a Thandie Newton?

RS: Foi maravilhosa! A Thandie é uma pessoa incrível e uma atriz muito talentosa, muito disponível, aberta e generosa. Tivemos realmente o que se chama de química, temos uma química muito boa, até hoje somos amigos e divertimo-nos muito a trabalhar juntos, são personagens muito atípicas, não são seres humanos. Fomos conhecendo as personagens juntos, porque a nossa história está relacionada desde o princípio. Inclusivamente, o que veem na segunda temporada é reflexo da resposta do público, o público gosto muito de ver os dois. E, assim sendo, os autores decidiram colocar os dois juntos, apesar de não ser uma história de amor típica como estamos acostumados. Eles têm uma missão muito clara, mas o que os une é muito interessante.

Como é que foi o trabalho com a Lisa Joy e o Jonathan Nolan?

RS: Eles são jovens, muito acessíveis. É muito interessante poder conversar com os criadores, ao mesmo tempo que eles têm um processo próprio de trabalhar, que é um processo de desenvolvimento constante dos guiões. Até por isso acho que acabamos por ter acesso ao material mais próximo da hora de filme, mas são visionários, com uma visão bastante profunda. Há até uma ambição nisto de falar

da natureza humana, acho que a série tem um viés filosófico e antropológico e estamos a falar da natureza humana, do livre-arbítrio, da memória. Basicamente até onde o homem pode ir se ele estiver num ambiente confinado onde não existe julgamento, não existem consequências. Acho muito interessante a forma de discutir a natureza humana, e claro também é um entretenimento, tem ação, é um faroeste. Ou seja, a embalagem é de um faroeste, mas o meu personagem, por exemplo, o Hector não é um cowboy como os que vemos nos filmes do faroeste, ele é profeta, tem filosofias. É um mundo incrível, mas a Lisa e o Jonathan são amigos, são pessoas muito queridas e realmente muito inteligentes. Às vezes em conversa até fica "uau, deixa eu dar corda a ver se eu acompanho onde eles estão indo".

Quando está a participar nas gravações consegue ter noção de toda a complexidade? Ou quando vê os episódios como espectador é surpreendido e aí sim percebe tudo o que aconteceu para trás?

RS: A sensação é mais ou menos essa. Claro que quando lemos temos uma noção, mas depois quando se vê o episódio finalizado ele surpreende sempre. Tenho noção da complexidade e de como eles realizam muito bem, o nível e produção envolve um calibre de talento muito grande, o resultado é sempre muito impressionante. Então quando estamos a fazer, eu pelo menos, não tenho exatamente noção. Estou muito concentrado naquilo que estou a fazer, mas gosto muito de assistir e entender o contexto quando vejo o episódio e percebo onde a

minha personagem está. É muito importante ver, especialmente para este trabalho, para esta série, porque é uma série com muitas camadas, com timelines, então é muito importante até para o meu próprio entendimento.

Para o Rodrigo é uma viagem fantástica em termos de personagem, a do Hector. Uma viagem emocional que começa numa violência exacerbada e acaba num amor incondicional. Como é que é sentir essa flutuação e interpretá-la?

RS: O interessante foi que as personagens, os "hosts", começam de uma forma muito inconsciente e a tomada de consciência, esta humanização, acaba por gerar uma crise existencial para o meu personagem. É uma inteligência artificial numa crise existencial, nunca fiz nada sequer parecido, é como se fosse uma criança que vai aprendendo as coisas, a dar um passo, a entender as suas próprias emoções, mas não é uma criança, é um homem. Existe uma pureza nesse sentido e estamos a falar de um matador, de um bandido, o mais procurado do parque, então existem conflitos muito interessantes para se trabalhar e eu trabalhei com nuances. Recomendo às pessoas voltarem a assistir mais uma vez, pois é o tipo de série que pede isso se tiver interesse, porque vai reparar em muitos detalhes que podem passar despercebidos numa primeira visualização. Acho que nesse caso, especialmente na segunda temporada, tive a oportunidade de trabalhar detalhes, desde emoções, tomadas de consciência... Então começamos a entender como este homem vai dando conta das coisas e é muito rico, é um banquete para um ator, na verdade. É incrível a

JEFFREY WRIGHT, EVAN RACHEL WOOD

quantidade de nuances que pode colocar, sem exagerar dentro do propósito de cada cena, mas é um trabalho subtil. Por isso, digo que pode passar despercebido se estiver a prestar atenção à cena, mas se prestar atenção à personagem e contextualizar, vai captar uma série de detalhes que são bastante interessantes.

O Rodrigo já participou em grandíssimas produções, por exemplo o «300» (2006), e agora está a trabalhar na televisão. Calculo que não haja grandes diferenças entre trabalhar no "HBO World" e trabalhar na grande produção de cinema, certo?

RS: É parecido, acho que a diferença é falarmos em série e longa-metragem. Na série, cada temporada são 10 filmes, como se estivéssemos a fazer 10 filmes. Em termos de produção não, não é muito diferente, estrutura, orçamento, quantas câmaras, equipa, é muito parecido nesse sentido. No caso de «Westworld» eu trabalhei com um elenco de estrelas, Anthony Hopkins, Ed Harris, Jeffrey Wright, Thandie Newton, são atores incríveis. Não que os de «300» (2006) não fossem, só não eram tão conhecidos na altura. Eu nunca fico no trailer à espera, fico sempre no set. Observando, aproveitando o tempo e observando os outros atores a trabalharem, mesmo quando eu não estou a trabalhar.

Lembras-te do primeiro momento, na tua infância, em que te viste um filme e te marcou? E quando é que decidiste que ias ser ator?

RS: O filme por acaso lembro-me bem, foi «E.T. - O Extra-Terrestre» (1982) do Spielberg, vi no cinema e

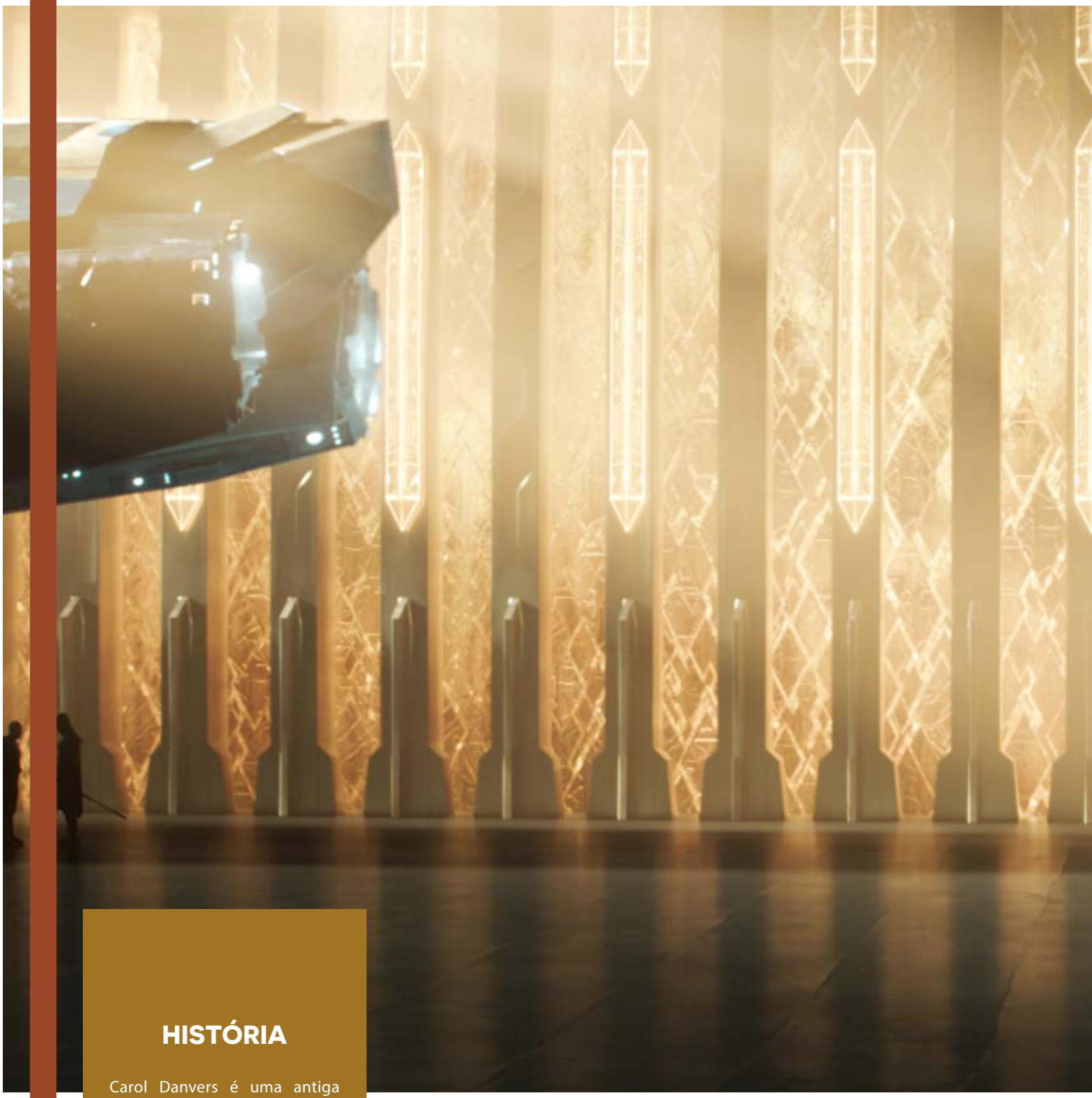
THANDIE NEWTON, RODRIGO SANTORO

comecei a pensar no que é a magia do cinema. Outro filme que me fez pensar no que é o trabalho do ator foi o «Despertares« (1990), com Robert DeNiro e Robin Williams. Lembro-me, nesse filme, do trabalho do Robert DeNiro e, quando acabou, vi uma entrevista e pensei "ele é normal". E aí fiquei impressionado com o trabalho e comecei a pensar, eu era muito jovem, ele consegue fazer uma personagem tão diferente dele e isso pareceu-me absolutamente genial. Não esqueci esse momento, mas quando pensei "eu quero ser ator", demorou muito. Porque eu fiz jornalismo e acabei por fazer um curso lá no Brasil de *workshop* para televisão e entrei na televisão. Também fiz teatro, mas nos primeiros anos eu ainda achava que era um hobbie para mim, algo de que eu gostava, mas que não encarava como profissão. Esta decisão vou trabalhar, vou viver disso, demorou bastante, foi lá pelo meu segundo ou terceiro trabalho profissional na televisão, que pensei "acho que me posso dedicar a isso, parece que a coisa está a caminhar bem". Mas até então era um hobbie, sempre foi, sempre gostei muito, sempre vi muitos filmes, sempre gostei de arte em geral. Segundo a minha mãe, um dia numa conversa eu disse "eu pensei em ser médico, ser jornalista". E ela "Rodrigo, não te lembras, pequenininho no Natal, na Páscoa, pegavas nos teus primos e faziam apresentações para a família?"; e eu disse que isso era uma brincadeira. "Uma brincadeira, mas já era você expressando", dizia ela, minha mãe é artista, é pintora, então entende mais.

CAPITÃO MARVEL

«Capitão Marvel» chega finalmente ao Cinema e com todo o estrondo. Uma das personagens mais poderosas do Universo Cinematográfico Marvel exalta a força feminina através de uma atriz, também ela, poderosa: Brie Larson. Neste especial da **METROPOLIS**, conheça os detalhes de um filme que mostra o verdadeiro alcance das super-heroínas no grande ecrã.

TATIANA HENRIQUES

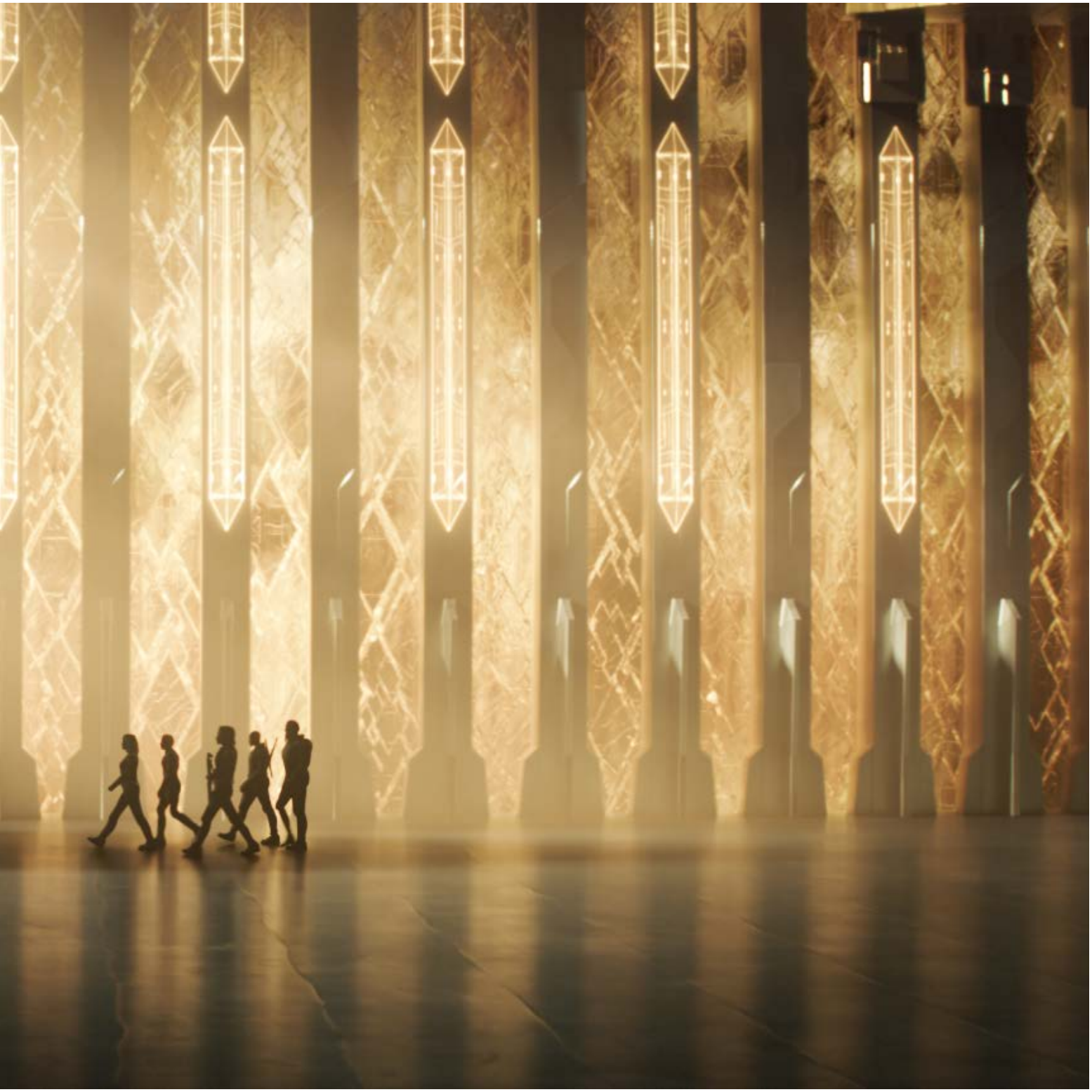


HISTÓRIA

Carol Danvers é uma antiga agente da Força Aérea norte-americana que ganha superpoderes de uma forma misteriosa e que não tem lembranças da sua vida passada. Danvers faz parte de uma força de elite da raça alienígena Kree e tenta impedir uma invasão no planeta Terra dos Skrulls, que têm a capacidade para mudar de aparência. Pelo caminho, vai conhecer o agente Nick Fury e, sobretudo, saber quem realmente é.

O ÁRDUO CAMINHO

Ao 21.º filme, o Universo Cinematográfico Marvel (UCM) finalmente entregou por completo o destaque a uma personagem feminina. A saga já deu espaço a heroínas poderosas e carismáticas, como Viúva Negra ou Feiticeira Escarlate, e até atribuiu protagonismo repartido a Vespa na obra «Homem-Formiga e a Vespa» (2018). Todavia, nunca uma obra deste Universo tinha uma líder feminina em todo o seu esplendor, como a DC arriscou em «Mulher-Maravilha» (2007). A obra arrecadou mais de 800 milhões de dólares nas bilheteiras mundiais e provou que a força feminina tem mesmo poder no grande ecrã.



Contudo, em boa verdade, a Marvel já havia tentado a sua sorte em filmes de super-heróis protagonizados por heroínas femininas em «Elektra» (2005), com Jennifer Garner no papel principal. O filme foi um enorme *flop*, com cerca de 56 milhões de dólares no *box-office*, assustando os responsáveis dos estúdios. Pouco tempo antes, também «Catwoman» (2004), protagonizado por Halle Berry, havia tido receções negativas por parte do público e crítica.

O processo para mudar este cenário foi, portanto, muito lento e só agora começa a ganhar mais força. Além deste filme da Marvel, também será lançado este ano «X-Men: Fénix Negra», que dá palco a uma das heroínas da banda-desenhada mais poderosas, Jean Grey, interpretada por Sophie Turner. Após muitos pedidos dos fãs, está também já finalmente em marcha o filme a solo de Viúva Negra, a quem Scarlett Johansson dá vida.

A ORIGEM DO CAPITÃO MARVEL

Antes do épico «Vingadores: Endgame», a Marvel apresenta-nos uma heroína muito renomada na banda-desenhada: Capitão Marvel. Trata-se de um projeto em desenvolvimento há já vários anos, começando com um argumento chamado "Ms Marvel", numa versão que pouco se assemelha com o filme que acabou por ser produzido. A obra cinematográfica muito deve à nova vida que a personagem ganhou na série de livros criada por Kelly Sue DeConnick em 2012, quando a piloto Carol Danvers se torna verdadeiramente em capitão. A autora de livros de banda-desenhada foi também uma importante peça neste filme, já que foi consultora da obra.

A primeira aparição da personagem foi em *Marvel Super Heroes #13* (março de 1968), tendo sido criada por Roy Thomas e Gene Colan. Começou por ser sobretudo o interesse romântico da versão masculina de Capitão Marvel, ganhando destaque pela sua beleza. Com a mudança dos tempos, a personagem foi tendo cada vez mais poderes e a ter uma posição feminista, assumindo o nome de Miss Marvel nos anos 1970. O título de Capitão - e o direito de vestir calças - surgiria apenas em 2012.

Anna Boden, uma das realizadoras do filme, diz que foi esta versão que "nos fez apaixonar pela Carol Danvers primeiramente, mostrando uma super-heroína feminina a quem lhe é permitido ser divertida, ousada e, às vezes, imprudente. Todas as coisas que a tornam humana e adorável". O produtor-executivo Jonathan Schwartz diz que "havia uma voz e tom naquela personagem que parecia muito cinematográfico. Estávamos muito entusiasmados por mergulhar nisso e dar-lhe vida no grande ecrã".

Ryan Fleck assinala que "estamos a lidar com esta história de origem de uma forma um pouco diferente. A história da Carol Danvers configura todo o UCM, já que este filme é um universo Pré-«Homem de Ferro» (2008)". "Não se trata de conhecê-la enquanto humana e segui-la numa trajetória linear até se tornar numa super-heroína. A Carol está a tentar perceber como passou de uma piloto humana para uma guerreira alienígena poderosa que pode disparar explosões de energia com as mãos", acrescenta.

Poderio feminino em várias frentes

O impacto da força feminina não se faz apenas sentir na protagonista, com a Marvel a procurar exponenciar a voz das mulheres o mais possível, como explica Schwartz: "Isso significou contratar uma realizadora feminina, Anna Boden, argumentistas femininas e líderes de departamento mulheres, para que pudéssemos encher a sala com vozes de pessoas que sabíamos que iríamos precisar para inundar esta personagem com verdade".

Anna Boden, a primeira realizadora de um filme Marvel, aborda a importância que este filme poderá ter para as mulheres e a grande pressão envolvida: "Apreciamos o quão importante este filme é, mas, quando falamos de gerir as pressões do dia-a-dia e de carregar o peso disso, tentámos focar-nos em tornar este filme tão bom e verdadeiro quanto possível, fazendo justiça a uma personagem que é complicada, um ser-humano fascinante e uma mulher incrivelmente forte".

Nostalgia dos anos 1990

Pela primeira vez no UCM, a Marvel resolveu apostar na década de 1990, embarcando numa onda de nostalgia cada vez mais visível em relação a esta década. Nesta altura, apenas havia pagers e não telemóveis, a internet era acedida sobretudo a partir de *cyber*cafés e os clubes de vídeo estavam na berra. Kevin Feige, presidente da Marvel Studios, revela que "estávamos realmente interessados, desde cedo, com a ideia de explorar uma época no UCM que ainda não tínhamos visto. Isso permitiu-nos tirar proveito da nostalgia dos anos 1990", bem como "pareceu que seria divertido explorar aquele período estilístico e cinematográfico dos filmes de ações dessa década".

Para retratar esta época da forma mais credível possível e ainda mostrar, numa boa parte do filme, o Espaço, foram construídos 40 diferentes cenários (interiores e exteriores). Ao todo, foram 75 os dias de gravação, que incluíram a cidade de Los Angeles.

CAROL DANVERS

A norte-americana Brie Larson tem já uma carreira longa e, sobretudo, versátil. Começou por pequenas participações nos *sketches* do *talk-show* «The Tonight Show with Jay Leno», em 1998, participando depois em filmes como «Agentes Secundários» (2012), «Aqui e Agora» (2013) e «Descarrilada» (2015), até chegar o papel que lhe mudaria a carreira em «Quarto» (2015). Uma interpretação visceral e marcante valeu-lhe o Óscar de Melhor Atriz Principal e cativou a atenção de público, crítica e indústria, dando-lhe também uma voz, ela que é uma assumida feminista.

Não demoraria muito até que também a Marvel pensasse no seu nome para interpretar uma das mais importantes personagens femininas da banda-desenhada. O produtor Jonathan Schwartz é perentório: "A Brie foi a primeira e única escolha. Numa fase inicial, enquanto construíamos a personagem, pensámos muito rapidamente nela, porque a Capitão Marvel seria uma combinação de emoção e vulnerabilidade, força e poder. Vimos todas essas coisas na Brie numa fase muito inicial".

Contudo, não foi fácil convencer a atriz, que se mostrou reticente até para ouvir a proposta da Marvel. Afinal de contas, trata-se de um papel com um grande impacto, o maior da sua carreira até agora, até porque Larson sempre se movimentou mais no cinema independente: "Como introvertida e alguém que realmente gosta do anonimato e de poder andar por aí e observar o mundo, a experiência poderia tornar-se diferente e poderia passar por ser mais observada do que observadora. Não sabia se isto era algo com que pudesse lidar mentalmente. Além disso, senti que a minha arte, as coisas que quero criar, a minha capacidade para criar his-

tórias sobre a experiência humana, poderiam ser afetados porque a minha realidade seria muito, muito diferente quando comparada com a maioria das pessoas". A atriz conta por que acabou por mudar de ideias: "Nunca tinha tido tanto tempo com uma personagem que tem tantos níveis diferentes, o que julgo que foi um dos aspetos que mais me atraíram, porque, durante o processo, aprendes muito sobre ti próprio". Brie Larson viria a ser apresentada como Capitão Marvel na Comic-Con de 2016 para grande entusiasmo dos fãs. E o resto é História.

Brie Larson descreve Carol Danvers da seguinte forma: "A Carol tem dois partes, uma Kree e outra humana. Os Kree são guerreiros incríveis, hiper-intelectuais e os melhores no que fazem. Depois há outra parte dela que é humana e essa é a parte adorável nela, mas também o que a torna um pouco atrevida e impetuosa algumas vezes. Torna-a muito humana, agressiva e competitiva. É tudo de bom e mau no lado humano. É uma falha e é a melhor coisa nela". "Essa luta interna é o que faz com que seja tão interessante para mim dar vida a este papel, porque, na prática, estou a interpretar duas personagens ao mesmo tempo. E é também isso que vai tornar o filme sempre constantemente surpreendente", salienta.

Kevin Feige realça também esta parte humana da personagem: "Há uma pessoa real em Carol Danvers que ganha esses poderes incríveis e tem aventuras fantásticas no Espaço. Mas, como acontece em todos os melhores personagens Marvel, ela precisa de ser muito humana. Por isso, isto não se trata apenas de alguém que é incrivelmente poderoso e pode voar". "É alguém que é muito humano, vulnerável e que múltiplas dimensões", acrescenta. Anna Boden destaca também que "ela não é uma super-heroína perfeito, mas é forte e poderosa. Tal não significa que seja sempre confiante e que não caia. Estamos feitos para cair". Ao longo do filme, todos os poderes da personagem serão mostrados. Não em toda a sua plenitude, contudo, já que, na banda-desenhada, se assinala que os limites do poder da heroína não são conhecidos.

Pode demorado a ter aceitado dar vida a Capitão Marvel, mas, quando o fez, Brie Larson mergulhou por completo na personagem. O processo de preparação envolveu vários passos, desde visitar bases da Força Aérea norte-americana a conhecer pilotos femininas e embarcar num rigoroso plano de treinos físicos que durou meses e que contemplava boxing, artes marciais, kickboxing e um pouco de wrestling. "Fiquei super-forte. Não era suficiente vestir o fato e parecer forte, eu queria ser verdadeiramente forte. Queria que as raparigas e mulheres soubessem quanta dedicação e tempo coloquei", revela.

Além da forte componente física, a atriz passou muito tempo imersa no universo dos livros de banda-desenhada: "Queria saber tudo. Li tudo o que pude e tinha uma aplicação no meu *iPad* com todos os *comics* que a Marvel já criou. Passei horas e horas a ler tudo".

Um dos aspetos importantes de se tornar na Capitão Marvel é, como não poderia deixar de ser, o fato. A atriz ficou impressionada pelo detalhe da produção do mesmo, revelando que "o fato é funcional. Ela é uma lutadora, tudo o que está no fato tem um propósito e significado". Ao todo, o departamento de guarda-roupa produziu oito fatos da Capitão Marvel.

"É uma grande honra fazer parte do UCM e de um legado de personagens e narrativa que é tão incrivelmente significativo para as pessoas. Estes filmes fazem parte do que está a moldar a nossa cultura, o que somos, que moral valorizamos", assinala a atriz.

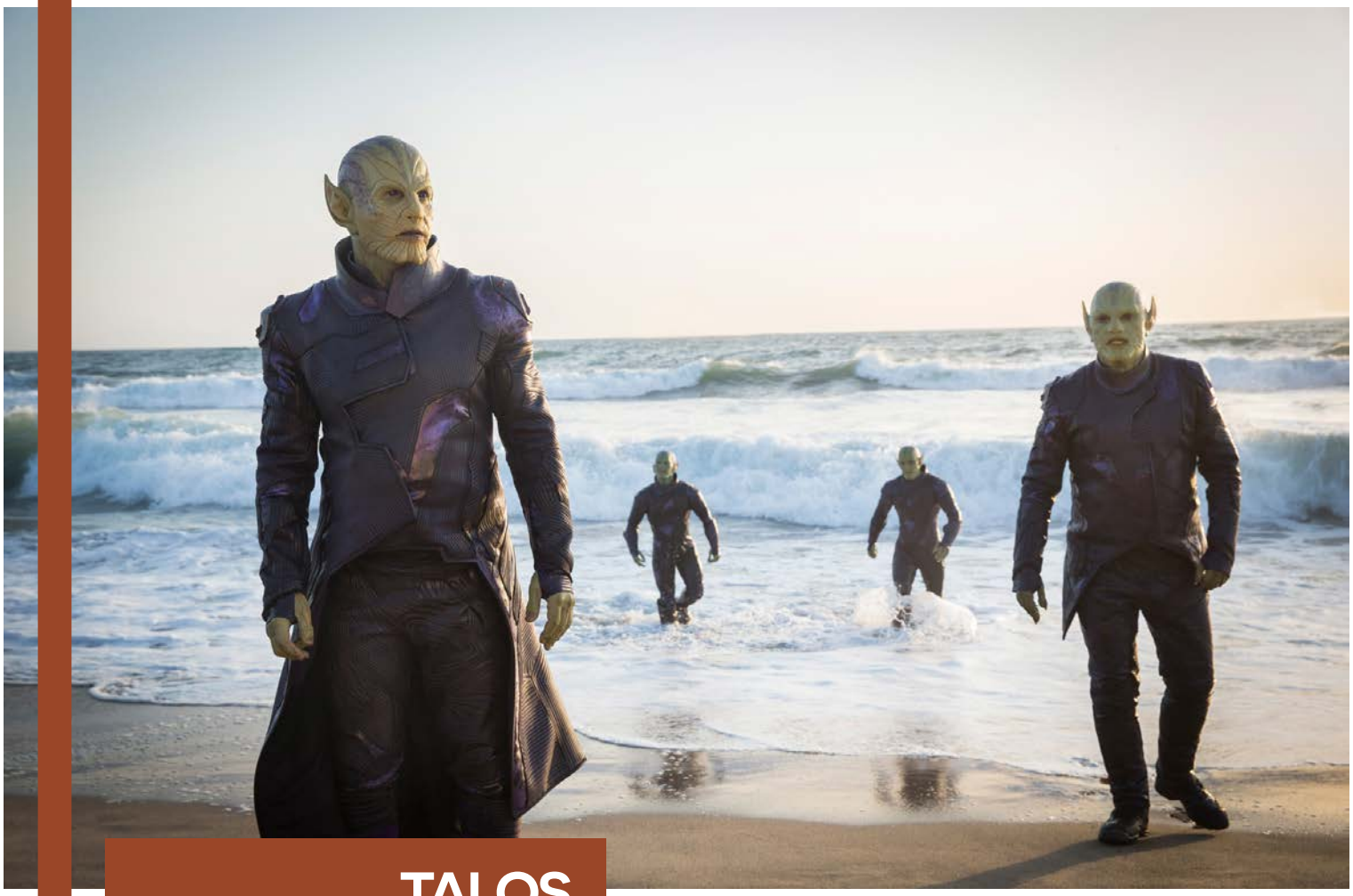
Samuel L. Jackson é um dos mais carismáticos atores norte-americanos e que fez de Nick Fury, um cético mas inspirador Diretor da S.H.I.E.L.D., um personagem icónico do UCM. Nomeado para o Óscar de Melhor Ator Secundário por «Pulp Fiction» (1994), a sua estreia na representação ocorreu em «Together Days» (1973), iniciando-se uma carreira cheia de papéis marcantes e versáteis. É um dos atores com mais presenças no UCM e participou logo no primeiro filme, «Homem de Ferro», tentando angariar, durante a saga, a atenção dos super-heróis para a criação do grupo Vingadores. O personagem foi criado por Stan Lee e Jack Kirby, tendo tido a sua primeira aparição em *Sgt. Fury and his Howling Commandos #1* (maio de 1963).

Contudo, em «Capitão Marvel», o personagem é muito diferente daquilo a que o público está habituado. Na obra, Fury é ainda só uma agente, com uma posição pequena S.H.I.E.L.D., trabalhando mais no escritório depois de ter deixado a vida de espião. Jonathan Schwartz explica que "conhecemos o Nick Fury numa altura muito interessante da sua vida. Estamos nos meados dos anos 1990, a Guerra Fria terminou e a guerra do terror ainda não começou. De alguma forma, é um período um pouco lento para o mundo da espionagem e julgo que o Fury está a questionar qual é o seu lugar num mundo onde se sente talvez um pouco obsoleto". "Ele está um pouco aborrecido!", revela Samuel L. Jackson, que diz que o personagem "ainda não desenvolveu o seu cinismo". "Ainda tem um lado leve que não vemos muito nos outros filmes, com um sentido de humor estranho e engraçado, de uma pessoa comum. O Nick também é uma daquelas pessoas que não acredita nos extraterrestres até que os conhece. É aí que ele percebe que precisa de encontrar algumas pessoas que podem fazer coisas extraordinárias, porque a ameaça não vem apenas do este e oeste do planeta. Vem do Espaço", acrescenta.

Embora o foco do filme seja a Capitão Marvel, a obra dedica também grande parte do tempo a mostrar este "novo" Fury e a relação dele com a heroína. "Durante o tempo de interação com ela, eles tornam-se compatriotas", conta o ator. "O facto de ele a ajudar a redescobrir a sua história liga-os de uma for-

NICK FURY

ma muito real e genuína", pelo que "ele torna-se numa parte integral de quem ela é e como vê o resto do universo". É a terceira vez que Brie Larson e Samuel L. Jackson trabalham juntos, após «Kong: Ilha da Caveira» (2017) e «Unicorn Store» (2017), realizado pela própria Larson. "O Sam é família. Somos o duo dinâmico que o mundo não sabia que precisava", revela a atriz. Já Samuel L. Jackson diz que "poder estar ao lado dela, ajudá-la e dar-lhe o que ela precisa para ser este personagem forte em busca da sua própria identidade (...) tem sido "uma verdadeira honra para mim porque quero que a Brie seja muito bem-sucedida". "A Capitão Marvel não sabe, literalmente, quem é. Ao ajudá-la a descobrir isso, o Nick começa a perceber que há uma forma de encontrar pessoas que têm capacidades extraordinárias que não são uma ameaça e que podem ser úteis. Ele precisa de perceber isso para criar os Vingadores", conclui.



TALOS

Ben Mendelsohn tem construído uma carreira cada vez mais marcante nos últimos anos, com papéis carismáticos como em «Reino Animal» (2010), «Rogue One: Uma História de Star Wars» (2016), «Ready Player One: Jogador 1» (2018) e na série «Bloodline», pelo qual foi nomeado para o Globo de Ouro de Melhor Ator Secundário. Curiosamente, o seu primeiro papel principal num filme americano, «A Febre do Mississípi» (2015), tem como realizadores Anna Boden e Ryan Fleck, que também assinam «Capitão Marvel».

Em «Capitão Marvel, o ator australiano interpreta Talos, o líder dos Skrulls e mestre na área de trocar de aparência, que vai fazer de tudo para poder vencer a guerra contra os Kree. Ben Mendelsohn considera que "os Skrulls são as estrelas de heavy metal da Marvel. Eles são uma espécie de AC/DC do mundo alienígena". Os Skrulls são indetetáveis mas há uma pequena falha que pode levar a que sejam, eventualmente, descobertos, como explica o ator: "Os Skrulls podem entrar na tua mente e simular a aparência do seu hospedeiro, mas estão limitados ao quanto conseguem aceder".

Esta raça é muito importante para a saga e há muito tempo que estava a ser pensada a forma como iriam entrar para o UCM, como conta Kevin Feige: "Falamos dos Skrulls desde os primeiros dias na Marvel Studios. Eles talvez sejam a raça alienígena mais famosa da banda-desenhada da Marvel. Sempre tentámos perceber onde e quando os iríamos introduzir. Esta história da Capitão Marvel foi a certa para juntá-los e inclui-los na narrativa abrangente da Guerra Kree-Skrull, que é uma das mais importantes e inovadoras narrativas da banda-desenhada da Marvel e agora será o pano de fundo para as aventuras da Capitão Marvel".

Anna Boden revela que "os Skrulls são uns extraterrestres muito porreiros que podem mudar de figura. São os melhores espiões do mundo porque podem simplesmente tornar-se parte da cultura e não consegues perceber se a pessoa que está a falar contigo é um Skrull. No desenvolvimento do filme, ficámos muito entusiasmados com a ideia de um inimigo que podia, literalmente, ser qualquer um". "Isso cria o sentido de paranóia", destaca.

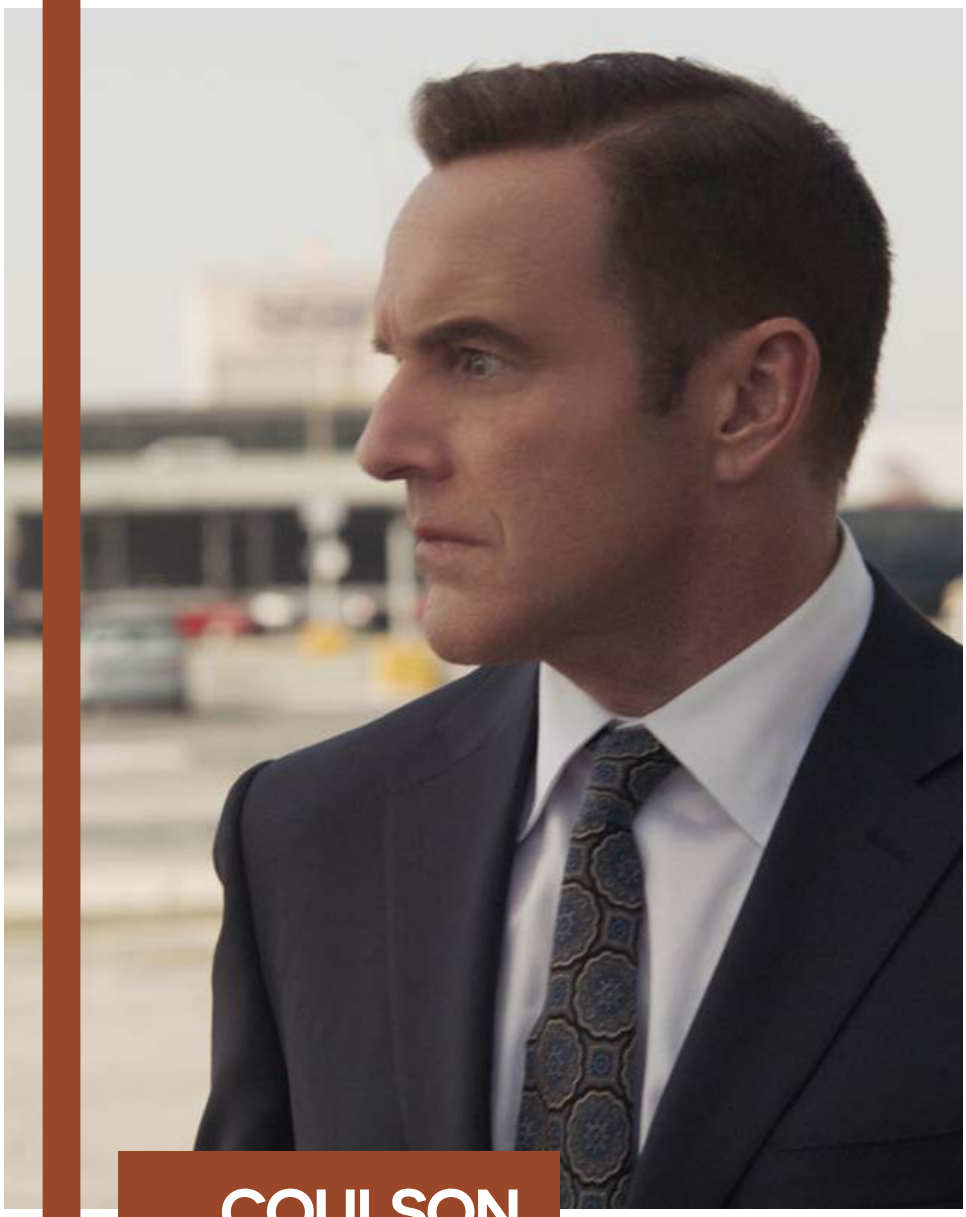
"Fizemos muita pesquisa sobre personagens que mudam de aparência nos filmes. Tem havido boas e más versões. Queríamos mostrar que havia orgânico a mudar com a pele, algo a borbulhar debaixo da superfície", explica Ryan Fleck.

MARIA RAMBEAU

Depois da participação em alguns filmes e séries, Lashana Lynch tem o grande desafio da carreira ao interpretar Maria Rambeau em «Capitão Marvel», a melhor amiga da protagonista. A atriz britânica revela mais detalhes sobre a sua personagem: "A Maria Rambeau é uma antiga piloto feminina muito competente. Ela é alguém que foi capaz de fazer muitas coisas no seu ofício, mas que não voava necessariamente, estando num ambiente predominantemente masculino". "A Carol e a Maria tornaram-se melhores amigas quando foram designadas para a mesma base da Força Aérea e são como uma unha e carne", assinala.

Kevin Feige afirma que "a Maria é a ligação da Carol com a sua humanidade e com a Terra. Ao longo do decorrer da história, ele é a força que começa por ensinar e ajudar a Carol a redescobrir de onde ela vem antes de ser uma soldado da Starforce Kree". Lashana Lynch revela que "há muito tempo" que é "uma grande fã da Marvel", tendo visto "todos os filmes com os meus amigos".

Em «Capitão Marvel» é também apresentada uma importante figura: Monica Rambeau, filha de Maria. A personagem foi criada por Roger Stern e John Romita Jr. e apareceu pela primeira vez Amazing Spider-Man Annual #16 (1982), tornando-se uma poderosa heroína que viria até a assumir o título de Capitão Marvel na banda-desenhada. Os seus poderes consistem na capacidade de manipular energias eletromagnéticas. No filme, Monica aparece ainda enquanto criança, sendo interpretada por Akira Akbar.



COULSON

O Agente Coulson é um dos mais carismáticos personagens do UCM e também um dos mais antigos. A sua primeira aparição foi logo no primeiro filme da saga, «Homem de Ferro» (2008), acabando por ser aparentemente assassinado por Loki em «Os Vingadores» (2012). O personagem voltaria na série televisiva «Os Agentes S.H.I.E.L.D.», onde assumiu uma posição de liderança da S.H.I.EL.D. quando esta estava moribunda.

Clark Gregg interpretou o personagem em todos estes momentos e volta agora, mas numa versão rejuvenescida. Coulson é também muito diferente em «Capitão Marvel», já que é um verdadeiro novato que começa as suas aventuras como espião. O ator conta que foi "intrigante voltar aos anos 1990 e interpretar um ângulo diferente da relação de Coulson com o Nick Fury. É, essencialmente, uma história sobre a origem dos dois personagens, onde podemos ver de onde vieram e como a sua relação se formou".

INTELIGÊNCIA SU

«Capitão Marvel» apresenta também a Inteligência Suprema, uma figura misteriosa que, na banda-desenhada, é composta pelos cérebros dos maiores pensadores da raça Kree, que são assimilados por um computador após a morte. É esta figura que governa o Império dos Skrulls. No filme, a Inteligência Suprema também tem o papel de liderança deste povo alienígena, assumindo uma imagem diferente para cada pessoa ao reproduzir o visual daquele que o seu interlocutor mais admira. No caso de Carol Danvers, a protagonista vê Dr. Wendy Lawson, uma piloto interpretada por Annette Bening e

UPREMA

GOOSE

que assume uma grande importância no decorrer da narrativa. A atriz, que já foi nomeada para quatro Óscares, assinala que "mesmo quando se está no UCM, falamos de pessoas. Aborda-se os sentimentos reais humanos, crescimento, desafio, mudança e adversidade". "A forma como a Marvel aborda os atores para estes personagens torna-os memoráveis. Há uma parte de nós que quer voltar a entrar em contato com essa sensação de diversão e aventura, não importa quantos anos tenhamos. Temos a certeza de que o Universo é um lugar complicado, mas há humor nele e, no final, há um significado"", afirma.

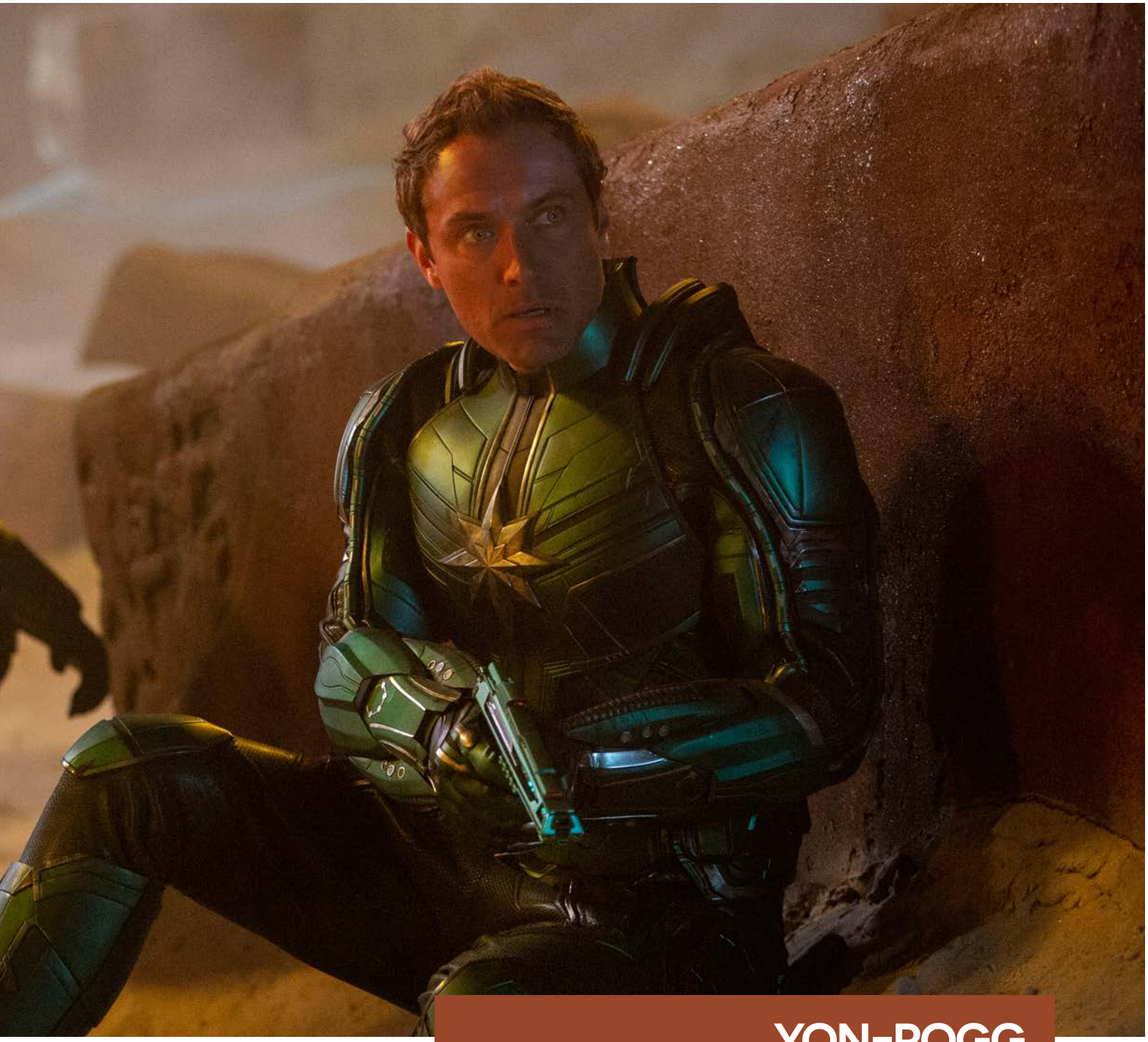
A Capitão Marvel é a grande estrela do filme e tem todas as atenções viradas para si. No entanto, há também outra figura que, inesperadamente, rouba muitas cenas. Trata-se de Goose, o primeiro gato que assume protagonismo no UCM. Schwartz conta que "Goose foi sobretudo interpretado por gatos reais. Fizemos castings com vários gatos diferentes e escolhemos o Reggie, que veio acompanhado por uma equipa de três fatos, Archie, Gonzo e Rizzo. Todos são especializados em alguns truques". Mas nem sempre os gatos estão confortáveis ou têm disposição para estar em cena. Quando tal aconteceu, entrou em ação um fantoche criado exclusivamente para o filme e também foram utilizados efeitos especiais CGI.

Goose é um dos personagens mais surpreendentes da narrativa, mas quem não achou muita piada a esta participação foi a própria protagonista, que tem uma forte alergia a gatos. A atriz conta que conseguia fazer sem dificuldade as cenas perigosas e cheias de acrobacias, mas que as cenas com os gatos eram bem mais difíceis. Afinal de contas, até a Capitão Marvel tem os seus pontos fracos.

Depois de se ter aventurado no universo de Harry Potter ao interpretar Dumbledore «Monstros Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald» (2018), Jude Law arrisca agora no Universo Cinematográfico Marvel. O ator britânico, já indicado para os Óscares de Melhor Ator Secundário por «O Talentoso Mr. Ripley» (1999) e Melhor Ator Principal por «Cold Mountain» (2003), apresenta uma carreira recheada de papéis marcantes e tem em «Capitão Marvel» uma oportunidade para interpretar um personagem diferente do que costuma fazer.

Na obra, Law dá vida a Yon-Rogg, o comandante militar da Starforce que trabalha com a Inteligência Suprema para garantir o sucesso dos planos do Império Kree. Na banda-desenhada, o personagem foi criado por Stan Lee e Gene Colan e teve a sua primeira aparição em *Marvel Super Heroes #12* (Dezembro de 1967). No filme, Yon-Rogg assume o papel de mentor de Carol Danvers. Jude Law explica que "ela tem sido uma espécie de fantoche para ele, que se sente responsável por guiá-la e controlar o seu conjunto de habilidades". O ator aborda também as diferenças entre as duas raças alienígenas que entram em contenda no filme: "Os Kree e os Skrulls estão constantemente em conflito, pelo que ambas as comunidades vivem em grande alerta e, obviamente, com uma grande desconfiança em relação aos outros". "Para os Kree, os Skrulls representam manobras e manipulações desprezíveis. Os Skrulls têm esse caminho, podem fazer-se passar por outras pessoas ou coisas. Por isso, há esta ideia de subterfúgio em que tu não és quem realmente és, enquanto os Kree estão ligados a uma espécie de pureza e uma honestidade", ajunta.

Interpretar um personagem da Marvel exige alguma preparação para perceber qual o seu contexto e papel na banda-desenhada, como o ator conta: "Queria uma rápida aprendizagem sobre os personagens. Por isso, eles enviaram-me muito material, que li. Depois, voltei-me para o guião e tratei-o tal como se fosse qualquer outra peça de escrita". Não obstante, além disso, o outro conta também que este personagem é importante por outros



YON-ROGG

motivos: “Há aqui uma história interessante. Capitão Marvel é o personagem favorito do meu pai desde que ele era novo. Por isso, ele pôde contar-me tudo sobre isso, desde a versão masculina à feminina. E ele sabia exatamente quem era o meu personagem”.
Para se preparar para o papel, Jude Law também se dedicou bastante aos treinos físicos, dividindo, muitas vezes, os treinos com Brie Larson.
Um dos momentos mais especiais para os atores que interpretam super-heróis é o momento em que vestem, pela primeira vez, os fatos dos seus personagens. Jude Law conta como foi a sua experiência: “Sempre fiquei fascinado pelo poder de ter veres a ti próprio com o fato pela primeira vez, ajuda a encontrar e interpretar um personagem. Tive várias provas, mas, no dia em que ficou finalizado e pude olhar para ele, foi muito entusiasmante. A atenção ao detalhe e a qualidade dos fatos tornam-nos simplesmente extraordinários”. O ator revela também o que o atraiu nas narrativas da Marvel: “Os temas das histórias e conflitos que estão nos livros de banda-desenha são intemporais e sociais. Eles parecem relevantes e políticos de alguma forma. São histórias de empoderamento, introspeção, de aprender a confrontar os teus males e lados negros. Julgo que é por isso que são tão populares”.

ANNA BODEN E RYAN FLECK

A Marvel é conhecida por arriscar em nomes menos conhecidos para assumir a realização de alguns dos seus filmes, como Taika Waititi em «Thor: Ragnarok» (2017) e Ryan Coogler em «Black Panther» (2018). «Capitão Marvel» não é exceção e, neste caso, foi escolhida a dupla de realizadores Anna Boden e Ryan Fleck, com uma carreira mais marcada no cinema independente, tendo assinado os dramas «Sugar» (2008) ou «A Febre do Mississípi». «Capitão Marvel» é algo completamente diferente para ambos e Anna Boden revela que "uma das coisas que era muito importante para nós, que vimos de um mundo independente e mais táctil, era ter alguma realidade nos nossos cenários e que os nossos atores pudessem interagir com os seus ambientes de alguma forma", revela a cineasta. Brie Larson também começou a sua carreira no cinema independente e considera que foi muito importante que Anna Boden e Ryan Fleck assinassem também o argumento da obra. "A Anna, o Ryan e os outros argumentistas trabalham tanto e tão cuidadosamente no argumento e para construir algo a partir desta estrutura e história, o que fez a minha imersão na personagem ser muito mais integrada".

Os realizadores contam que tiveram influências inesperadas para esta obra, como «Robocop - O polícia do futuro» (1987), «Exterminador Implacável 2: O Dia do Julgamento» (1985) e «Os Incor-

ruptíveis Contra a Droga» (1971). Ryan Fleck conta que "há pequenos momentos, homenagens para imagens dos nossos filmes favoritos". Jonathan Schwartz revela também que os filmes usados para inspiração "fizeram o que estamos a tentar fazer: colocar o personagem no centro e deixar os personagens guiar a ação e o espetáculo".

Os realizadores revelaram que um dos principais motivos para assinar esta obra foi a própria Capitão Marvel, devido ao facto de "ela ser uma personagem feminina realmente poderosa, interessante, única e independente. Estamos muito entusiasmados por contar esta história sobre alguém que não é só simplesmente poderosa, mas também realmente complicada e humana", afirma Boden. Ryan Fleck acrescenta que "sentimos que podíamos contar uma história que fosse sobre a jornada de uma personagem para se ligar com a sua própria humanidade".

Anna Boden destaca que este "é um filme de mistério, de auto-descoberta e algo que realmente surpreende". "Este filme não é o fim, a resposta para uma questão. É o início de muitas mais histórias", destaca Brie Larson. A próxima história já se sabe qual é: «Vingadores: Endgame», onde a Capitão Marvel poderá ter um papel fulcral na luta contra Thanos, o vilão mais temível no UCM.

TRUE DETECTIVE

STEPHEN DORFF
ACTOR

Stephen Dorff visitou um set de gravações com o pai e nunca mais quis outra coisa. Sem paciência para as crianças da sua idade, mudou-se de armas e bagagens para o mundo fantástico do cinema e da televisão. Com quase 100 créditos no currículo em apenas 34 anos, confessou, à METROPOLIS, ter encontrado o papel da sua vida na terceira temporada de «True Detective», agora disponível na HBO Portugal.

JORGE PINTO
SARA QUELHAS

Qual foi o primeiro filme que te marcou? E quando decidiste que querias ser ator?

STEPHEN DORFF: Percebi que queria ser ator quando estava no set de um filme com o meu pai, ele estava a fazer uma música para eles, e vi um miúdo. "O que está ele a fazer", perguntei. O meu pai disse-me que era um ator e que era também aqui que estudava, não tinha de ir para a escola. E eu disse que queria aquilo, não queria ir para a escola e estar com pessoas da minha idade, queria estar num set, com adultos. Por sua vez, acredito que o Jack Nicholson, para mim, era o meu ator favorito e tive a oportunidade

de trabalhar com ele mais tarde, no «Sangue e Vinho» (1996), e ele era o ator que me fazia dizer "uau". Adorava assistir aos filmes dele, fosse o «Batman» (1989), o «The Shinning» (1980) ou «Voando Sobre Um Ninho de Cucos» (1975). Ficava mesmo, "ele é inacreditável" e entretanto pude trabalhar com ele, tornou-se alguém mais próximo e foi super especial.

O Nic Pizzolatto é o criador desta série, uma antologia no estilo "American Gothic". Explica-nos qual a tua perceção da obra dele, bem como a experiência de trabalharem juntos.

SD: Era um grande fã do primeiro «True Detective» quando saiu, assim como da sua forma de escrever, e fiquei a pensar "mas quem é ele?". Não tive oportunidade de o conhecer antes desta temporada, mas acho que ele é verdadeiramente um mestre em termos de escrita e consegue conjugar histórias "góticas" e obscuras com poesia. Esta temporada, especialmente, já que atravessa três décadas e acredito que é a mais ambiciosa das três. Penso que é uma viagem pela idade muito emocional, centrada no mesmo caso, pelo que esta temporada se baseia num caso e revisita várias décadas, através de mim e do Mahershala Ali [o outro protagonista da série]. E isto permitiu-nos fazer coisas incríveis com estas personagens, crescer e envelhecer, até aos nossos setentas. Eu adoro-o, adorei trabalhar com ele, realizou dois episódios, pela primeira vez, e é um realizador muito talentoso. Mas a escrita é da melhor que existe, talvez a melhor, e a melhor personagem que já tive na minha carreira. E também porque tive oito horas para contar a sua história, ao contrário do que acontece num filme, onde tenho 1h30, 100 minutos para contar tudo. Temos cenas incríveis, e continua, continua. Foi muito bom, nunca tinha feito algo assim antes, gosto muito do Nic e ele deu-me uma oportunidade única aqui, parceiros de elenco brutais e eu adoro simplesmente esta série. Gosto de tudo, normalmente nem gosto de ver coisas onde entro, mas «True Detective» é algo que gosto genuinamente de ver.

Isto é diferente de uma série nova, já tivemos duas temporadas de «True Detective», então as pessoas trazem expetativas. Até que ponto isso te afeta, enquanto ator?

SD: Eu sabia que esta série era muito popular, a primeira temporada foi totalmente estrondosa e eles tiveram logo luz verde para a segunda. Escreveram, produziram e fizeram tudo muito depressa, enquanto nesta terceira tiveram alguns anos. Pessoalmente, não me foquei nem na primeira nem na segunda temporada, fazem parte de «True Detective», mas esta série é algo independente e diferente. Peguei no desafio que tinha à frente e não prestei atenção a mais nada. Claro que queríamos fazer algo

muito bom e queríamos que fosse do agrado dos fãs que a série já tinha, e claro que há sempre quem vá comparar com o que já foi feito, ou com outra coisa qualquer, mas nós apenas entrámos de cabeça e procurámos fazer uma temporada tão boa quanto fosse possível. As pessoas parecem ter gostado e dizem que é o regresso à qualidade da primeira temporada. Isso é bom, podíamos estar a ter comentários muito piores. Quando entras num projeto assim, tens de o encarar como algo novo, sem te preocupares com o que está no passado. Esta familiarizado com a série, mas deixei isso para trás quando foi a hora de participar nesta.

Reparamos logo na atenção ao detalhe que há em «True Detective», passando pela realização, roupas, maquilhagem, entre outros aspetos. Enquanto ator que participa efetivamente no que ali acontece, como comparas isto com o que já fizeste no passado?

SD: Estamos a falar de uma produção de alto nível, pelo que temos muita gente que está em «True Detective» desde o primeiro momento, e outros que entraram entretanto mas são igualmente muito bons. Os períodos temporais que a terceira temporada aborda são muito traiçoeiros, mas há que trabalhar nas diferentes décadas, porque quando alguém começa a assistir repara que mudamos de 2015 para 1980, depois para 1990, depois voltamos a 2015... Pode tornar-se teoricamente muito confuso, mas a atenção ao detalhe, nomeadamente na nossa aparência, facilita o acompanhamento da ação. Sabes que estamos nos anos 80 porque temos aquele aspecto, aquela roupa, depois entramos nos anos 90 e ficas mesmo "uau". Quando eles são mais velhos o detalhe é incrível, não consegues melhor equipa do que esta, foi um sonho, só facilita o meu trabalho de ator. Quando tenho aquela imagem e entro em 1980 e se sentem os

anos 80, sobretudo nos carros, nas estradas, nos extras, nos pequenos detalhes... Especialmente em televisão, é de louvar, mas na HBO tu costuma ser elevado ao seu máximo potencial, não é como a televisão normal, a HBO faz coisas num estilo muito mais de cinema, até mesmo num nível diferente da Netflix e de outras plataformas. Acho que são efetivamente os melhores, e especialmente falando do Nic e da equipa de produção de «True Detective», como o Scott Stephens, é um grupo incrível de pessoas. Como ator, podes apenas sonhar com que cada experiência seja como esta, mas normalmente não temos essa sorte. Claro que foi difícil porque filmámos muito tempo, mas agora estou mesmo muito feliz com o produto final, mal posso esperar para que as pessoas em Portugal comecem a ver.

Fala-nos da tua dinâmica com o Marshala.

SD: É óptima. Somos como irmãos, entrámos junto e muito desta série é sobre mim e ele. Ou no carro, ou a envelhecer... Ele não é apenas um excelente ator, é uma pessoa incrível. Começámos com uma imensidão, oito horas de argumentos, começamos nos anos 80, lentamente, e quando entrámos no ritmo, quanto mais filmávamos mais nos aproximávamos destas personagens. Ficamos a perceber melhor quem são, para onde vão, e passamos por muito como parceiros, preocupamo-nos um com o outro mas também discutimos, ficamos muito chateados, envelhecemos juntos, há muito a acontecer em termos emocionais para ambos. Não teria conseguido sem ele, e ele provavelmente diria o mesmo. Estamos com a mesma pessoa a toda a hora, vou a casa dele na série, conheço a família, quase que temos um "casamento" juntos que quase se torna maior que a vida pessoa, porque o caso está a mexer imenso com as vidas deles. Este caso que decorre ao longo de cerca de 30 anos e é realmente frustrante.

CRÓNICA DE UM FREQUENTADOR

Já há muitos anos que acompanho o Festival de Berlim. Sou do tempo em que o festival tinha o seu quartel no velho Zoo Palast e que ainda não se pressentia a grandiosidade do Palast, na Postdamer Platz. A cidade mudou, ficou mais multicultural e o festival também. A era de Dieter Kosslick trouxe coisas boas, mesmo muito boas. **RUI PEDRO TENDINHA**

O diretor, que este ano se retirou, conseguiu trazer diversidade e um sentido de celebração ao certame. Trouxe um sentido de independência genuíno e soube sempre aliar o espaço dos consagrados com as novas vozes, embora tenha sido notório uma aposta numa linha mais exploratória de cinema. Como se não bastasse, conseguiu fazer da marca Berlinale um valor popular. É raro haver uma sessão pública, seja em que zona da cidade for, que não está esgotada. Depois, há também um sentido de festa. Os berlinenses abraçam o festival, sente-se um clima de euforia cinéfila. Por tudo isto, a ideia de acontecimento é real e a Berlinale é sem dúvida o maior festival europeu.

O maior sim, mas e o melhor? Não, mesmo tendo deixado de lado vícios burgueses, nesta altura Berlim está a perder gás de prestígio. Cannes e Veneza têm sempre os melhores filmes de cada temporada. É raro um grande filme estar em Berlim. A própria proximidade de Sundance e South by Southwest tem roubado mediatismo. Diria que Kosslick deixou de dar prioridade àquela proximidade com o melhor que Hollywood tem. Podemos sempre dizer que as pérolas que encontramos no Forum compensam a coisa. Só que não. Não chega. O peso das grandes estreias mundiais arrasta

HABITUAL DO FESTIVAL DE BERLIM

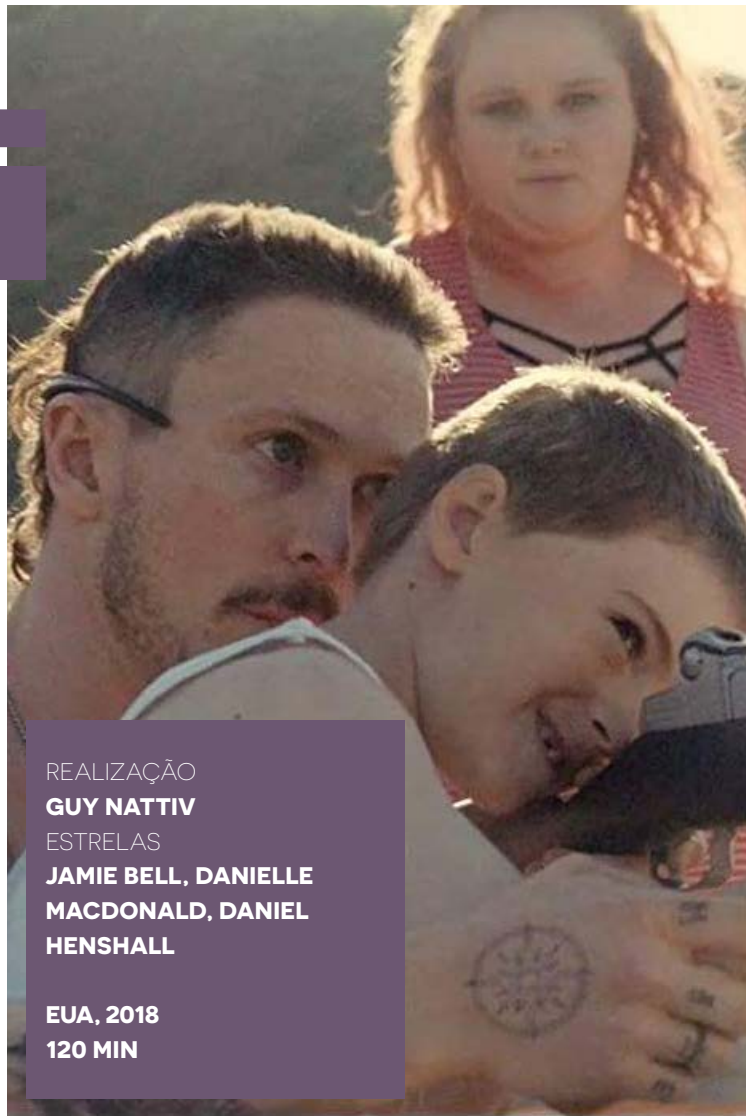
consigo o impulso dos emergentes arriscarem em Berlim e não esperarem por Cannes ou Veneza.
Nos últimos anos, contam-se pelos dedos as verdadeiras obras-primas. E mesmo quando Wong kar-wai abre o festival é com um dos seus menos inspirados filmes, como é o caso de «O Grande Mestre», em 2013. Ou seja, deixou de ser apetecível como a Champions League e ficou como segunda escolha, tipo Liga Europa...
Dito isto, estar na Berlinale é para além dos filmes. Há uma organização que mais nenhum outro festival tem, uma cidade que nos faz sentir berlinenses e uma descontração que permite estarmos na Soho House num jantar com distribuidores brasileiros rivais. Este ano aconteceu-me uma destas, mas no ano em que estreou «A Praia», de Danny Boyle, eu e o enviado da Antena 3, José Paulo Alcobia, já nos vimos sem querer num jantar VIP com o Leonardo DiCaprio e o Guillaume Canet. É também um festival em que os críticos combinam ceias regadas com cervejas ou idas ao café Lisboa para ver jogos do Benfica ou do Sporting.
O único problema é que há sessões de imprensa às 8h30 da manhã, outra às 11h e a seguir duas entrevistas no Hotel Roma, ainda longe da Postdamer Platz, já para não falar do filme da competição internacional da tarde, de uma conferência de imprensa com Jonah Hill e de um jantar com um dos muitos cineastas nacionais em competição. É assim, não vale a pena queixinhas. Mais duro é quando ainda temos uma sessão da noite do Panorama e ir a correr para o hotel para escrever a crónica diária. Este ano fiz isso tudo e ainda mais uma crónica para a rádio e gravações para televisão. Saí de lá de rastos? Nem pensar, Berlim rejuvenesce.

REALIZAÇÃO
FATIH AKIN
ESTRELAS
JONAS DASSLER, MARGARETE TIESEL, MARC HOSEMANN

ALEMANHA, 2019
115 MIN

THE GOLDEN GLOVE

Uma espécie de Nosferatu de carne, osso e feiura, Fritz Honka (1935-1998), psicopata que assombrou Hamburgo, de 1970 a 75, matando e esquartejando prostitutas, ganha uma cinebiografia digna de mestres do terror e do expressionismo das mãos do maior cineasta em atividade na Alemanha, o teuto-turco Fatih Akin (de «Head On - A Esposa Turca»). Jonas Dassler é o favorito ao Urso de Prata de melhor ator por seu desempenho assombroso como Honza. **RODRIGO FONSECA**



REALIZAÇÃO
GUY NATTIV
ESTRELAS
JAMIE BELL, DANIELLE MACDONALD, DANIEL HENSHALL

EUA, 2018
120 MIN

SKIN

Jamie Bell tem uma atuação desconcertante no papel de um supremacista branco, tatuado dos pés à cabeça, que, ao se apaixonar por uma mãe solteira (a excepcional Danielle Macdonald), decide largar a célula neonazista onde cresceu e virar um sujeito avesso a intolerâncias raciais. Montagem avessa a clichés. **RF**

A PORTUGUESA

Com uma direção de arte estonteante, este ensaio sobre a potência poética das fragilidades se estrutura a partir das artimanhas de uma mulher da Idade Média que tenta transformar um castelo num lar. **RF**

COMPETIÇÃO
REALIZAÇÃO
RITA AZEVEDO GOMES
ESTRELAS
CLARA RIEDENSTEIN, MARCELLO URGEGHE, INGRID CAVEN
PORTUGAL, 2018
136 MIN

GOD EXISTS, HER NAME IS PETRYNIA

Vem da Macedónia o favorito ao Urso de Ouro. Nele, uma historiadora desempregada é alvo de sexismos e conservadorismos ao se apoderar de uma cruz da Igreja Ortodoxa em que só homens poderiam pegar. Igualdade de géneros e fundamentalismo religioso são os seus alvos. **RF**

COMPETIÇÃO
REALIZAÇÃO
TEONA STRUGAR MITEVSKA
ESTRELAS
ZORICA NUSHEVA, LABINA MITEVSKA, STEFAN VUJISIC

MACEDÔNIA, 2018
100 MIN

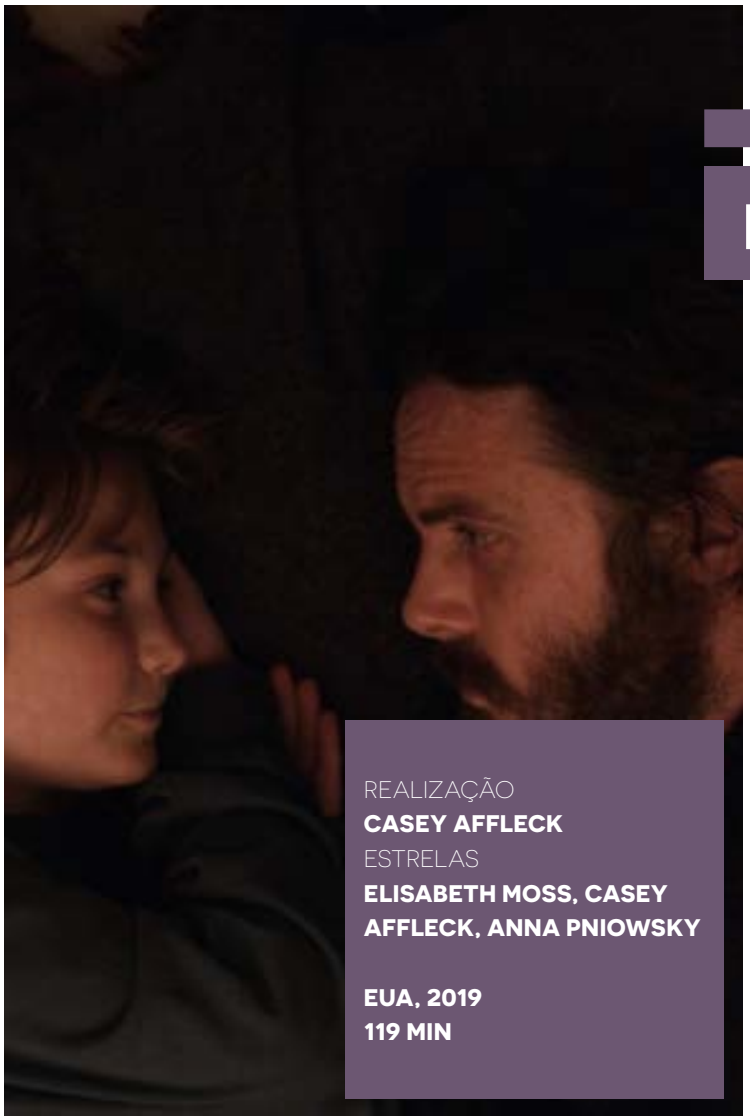
FLATLAND

Uma detetive tenta investigar um crime numa África do Sul que revela fantasmas nunca exorcizados do *apartheid*. **RF**

REALIZAÇÃO
JENNA CATO BASS
ESTRELAS
NICOLE FORTUIN, IZEL BEZUIDENHOUT, DE KLERK OELOFSE

ÁFRICA DO SUL, 2019

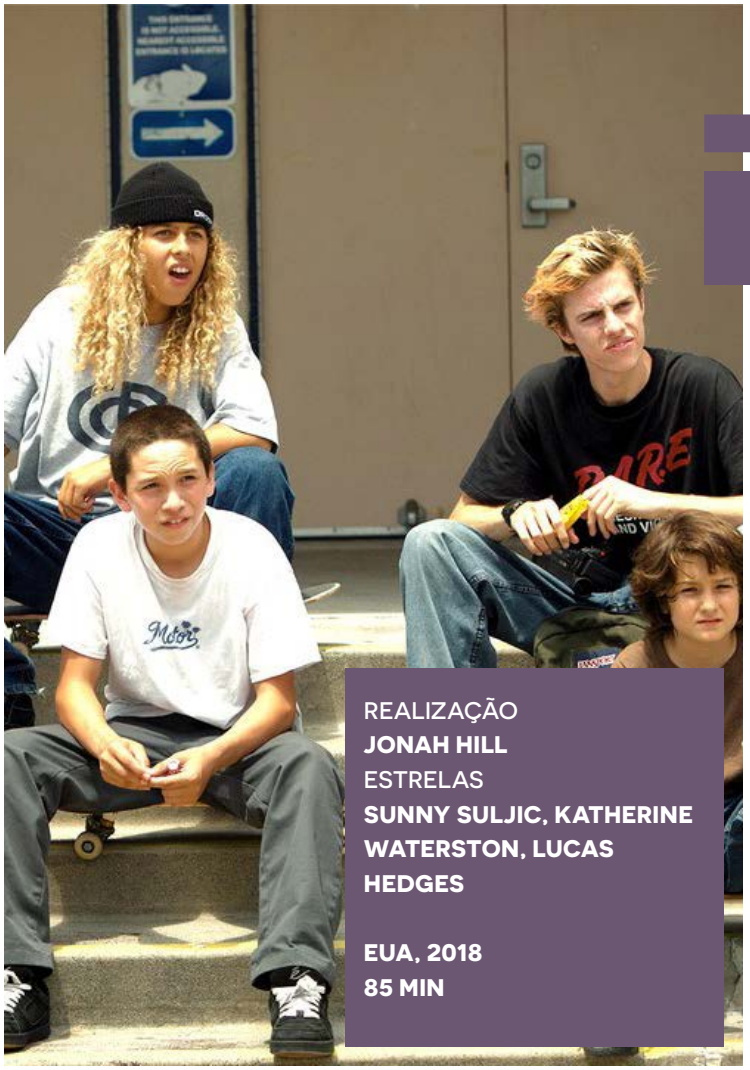
LIGHT OF MY LIFE



O astro de «Manchester by the Sea» (2016) utiliza o que de aprendeu de melhor com os grandes cineastas que o dirigiram (como Steven Soderberh, Kenneth Lonergan e o próprio irmão, Ben) para extrair do seu elenco uma dor à altura do mundo seco que constrói nesta ficção científica distópica. Ele interpreta um pai que quer salvar a filha dos perigos de um futuro no qual as mulheres da Terra foram dizimadas por uma misteriosa doença. **RF**

REALIZAÇÃO
CASEY AFFLECK
ESTRELAS
ELISABETH MOSS, CASEY AFFLECK, ANNA PNIOWSKY

EUA, 2019
119 MIN

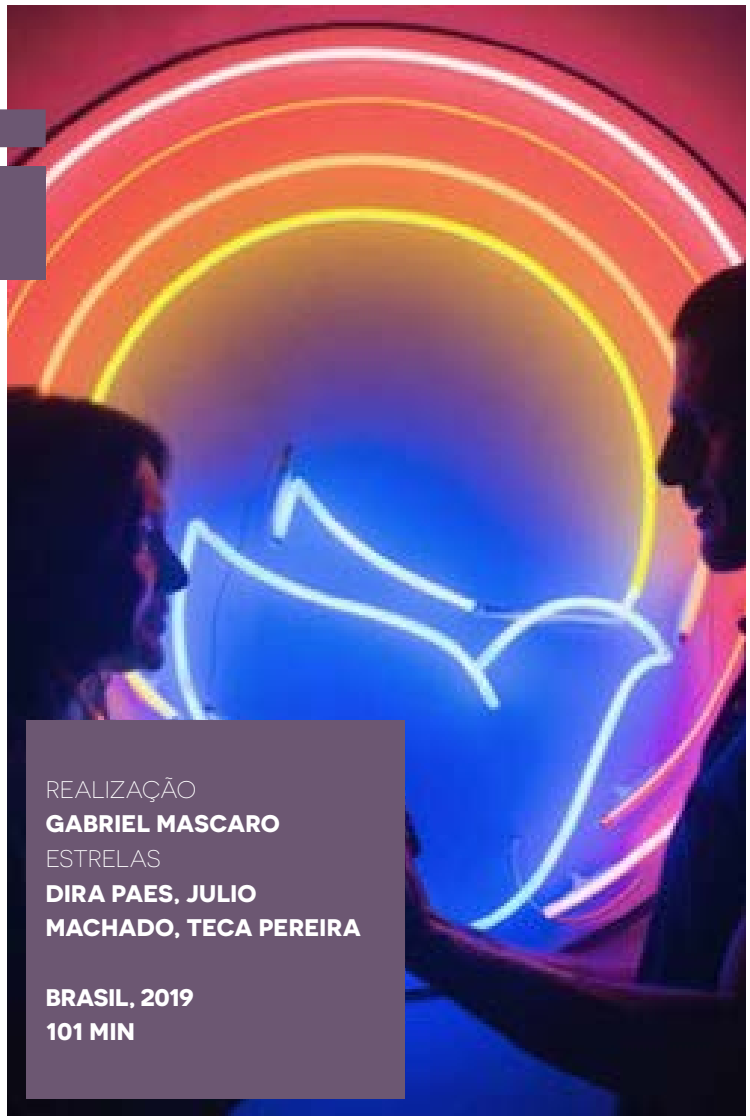


REALIZAÇÃO
JONAH HILL
ESTRELAS
SUNNY SULJIC, KATHERINE WATERSTON, LUCAS HEDGES

EUA, 2018
85 MIN

MID90S

O astro de «Super Baldas» (2007), duas vezes indicado ao Oscar de coajudvante (por «Moneyball» e «O Lobo de Wall Street») foi estrear na direção recriando a época de sua educação sentimental, a década de 1990. Lá, entre pistas de skates, um rapaz assolado por bullying e solidão busca uma nova forma de se ressocializar. Isso narrado com uma fotografia que aposta na vertigem. **RF**



REALIZAÇÃO
GABRIEL MASCARO
ESTRELAS
DIRA PAES, JULIO MACHADO, TECA PEREIRA

BRASIL, 2019
101 MIN

DIVINO AMOR

Dira Paes botou Berlim no bolso ao viver uma Joana D'Arc de repartição pública neste trabalho de maturidade do realizador de «Boi Neon», construído como uma reflexão sobre a fricção do corpo com o Estado. Escriturária em um cartório, Joana (Dira) defende Deus sobre todas as coisas num Brasil futurista, de 2027, onde o carnaval deu lugar a uma rave de Cristo. Mas o Espírito Santo há de aprontar com a sua fiel. **RF**

REALIZAÇÃO
JAYRO BUSTAMANTE
ESTRELAS
JUAN PABLO OLYSLAGER, MAURICIO ARMAS, DIANE BATHEN

GUATEMALA, 2019
107 MIN

TEMBLORES

Cura *gay* é o assunto do realizador de «Ixcanul», que volta a falar sobre descobertas sexuais e amadurecimento só que de uma perspectiva masculina: Pablo (Juan Pablo Olyslager) é um consultor financeiro que tem sua vida virada do avesso depois que decide se assumir homossexual e morar com o namorado. **RF**

REALIZAÇÃO
LOU YE
ESTRELAS
HAO QIN, HERMAN LAU, EDISON CHEN

CHINA, 2018
125 MIN

THE SHADOW PLAY

O diretor de «Love and Bruises» (2011) faz uma reinvenção dos códigos do cinema noir num thriller sobre corrupção, no qual um jovem policial tenta averiguar o que há de errado na morte de um empresário.. **RF**

SYSTÈME K

Na lógica do luxo ao lixo, este doc sobre formas de resistência estética nas ruas do Congo acompanha as estratégias de um grupo de multiartistas de Kinshasa que utilizam capsulas de bala, sucata de eletrodomésticos e caveiras para fazer instalações das mais provocativas. É um filme sobre o redesenho do espaço urbano. **RF**

REALIZAÇÃO
RENAUD BARRET

FRANÇA, 2019
94 MIN

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR,

REALIZAÇÃO
MARCELO GOMES

BRASIL, 2019

Toritama é a capital nacional das jeans, mas é também um lugar onde as pessoas optam por uma autonomia profissional, avessa às algemas da mais valia, a fim de se apropriarem do Tempo. Mas, usando um dispositivo digno do diretor Dziga Vertov, em seu «O Homem da Câmara de Filmar» (1929), Gomes faz uma observação (sensorial) do fluxo da vida naquele canteiro de linha azul e agulha em disparada para tentar entender o que torna a temporalidade algo tão inalcançável. **RF**

QUERÊNCIA

REALIZAÇÃO
HELVÉCIO MARINS JR.
ESTRELAS
MARCELO DI SOUZA, KAIC LIMA, CARLOS DALMIR

BRASIL, 2019

Com ecos do cinema documental de Humberto Mauro, em especial «Carro de bois» (1974), este experimento poético de observação do cotidiano de um tratador de gado, com sonhos de se firmar como locutor de rodeios, arrebata não apenas por sua potência visual, mas por sua denúncia da negligência das autoridades diante de crimes ligados a questões fundiárias. É um *western* sem *bang-bang*, num mundo onde a honra reza para Nossa Senhora. **RF**

SAVOVI

REALIZAÇÃO
MIROSLAV TERZIC
ESTRELAS
SNEZANA BOGDANOVIC, MARKO BACOVIC, IGOR BENCINA

SÉRVIA, 2019
105 MIN

A Sérvia brilhou nas telas da Berlinale.69 com um melodrama de uma centelha emotiva incendiária: «Stitches» («Savovi», no original), de Miroslav Terzic. O filme transforma em ficção, com uma potência trágica avassaladora, um crime histórico (e recorrente) nos países que um dia constituíram a Jugoslávia: o rapto de bebés, ainda na maternidade, onde as crianças eram dadas como mortas para seus pais e encaminhadas para adoção em territórios ricos do Velho Mundo. A trama de Terzic acompanha a angústia de uma mulher, Ana (Snezana Bogdanovic), que há 20 anos celebra o aniversário do filho que teria morrido ainda no berçário, neném. Só que o Destino bate à porta de Ana com outra versão dos fatos. Estaria o menino – hoje já um adulto – vivo? **RF**

HELLHOLE

Da pátria dos irmãos Dardenne brota este poderoso ensaio sobre a solidão numa Bélgica marcada por cicatrizes morais relativas à exclusão. Uma série de personagens – entre eles, um jovem árabe com dilemas políticos, um médico de classe média em crise com as atitudes de seu filho e uma tradutora italiana cheia de conflitos, vivida pela genial Alba Rohrwacher – vão se cruzar numa ciranda afetiva em Bruxelas. **RF**

REALIZAÇÃO
BAS DEVOS
ESTRELAS
LUBNA AZABAL, HAMZA BELARBI, ALBA ROHRWACHER

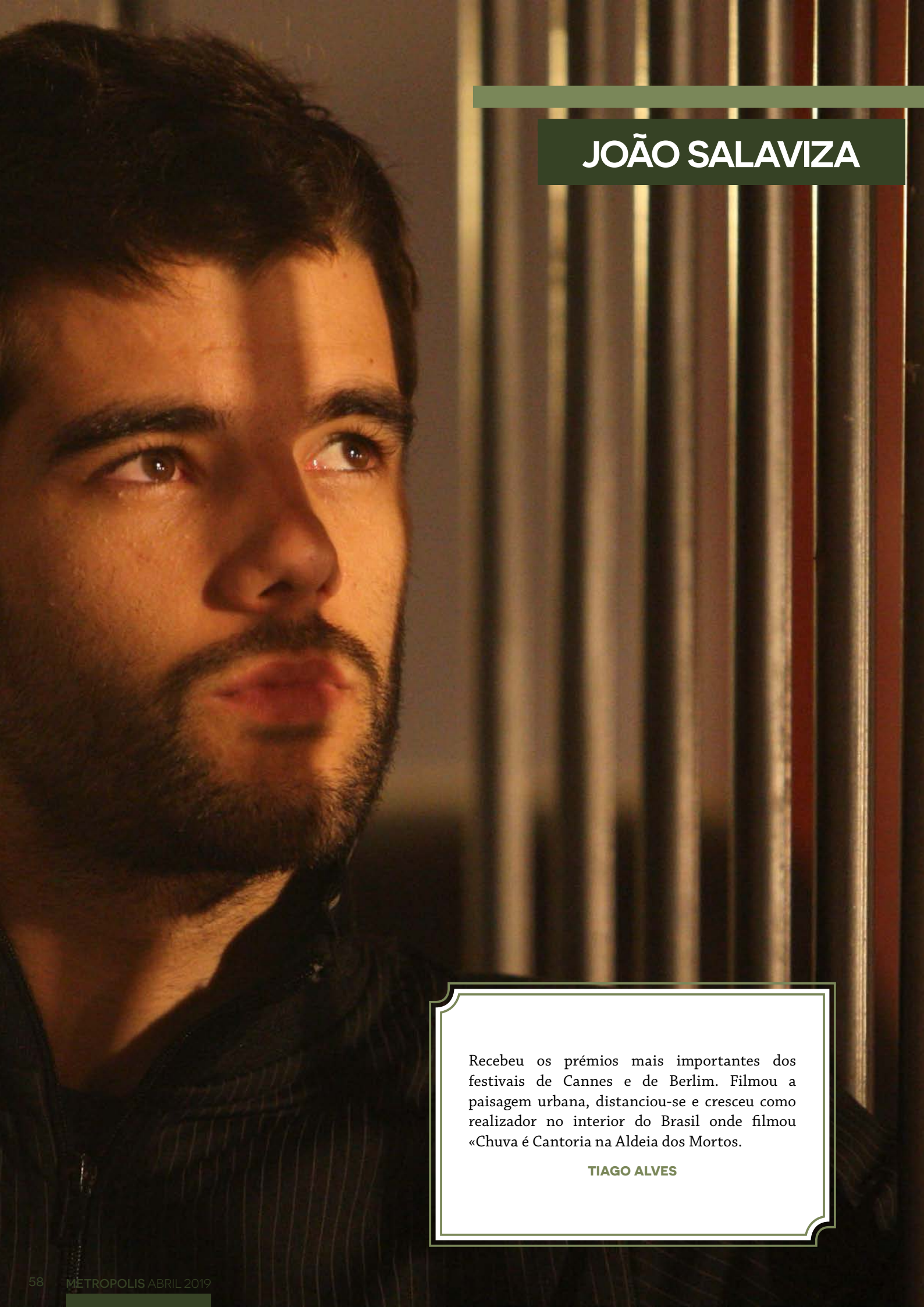
BÉLGICA, 2019

GRÂCE À DIEU

No trabalho mais adulto da sua carreira, o realizador de «Dentro da casa» (2012) e outros sucessos recria um caso real (a ser julgado agora em março) de mobilização pública dos franceses contra um padre pedófilo. O brilho maior vem de seu roteiro, que estraçalha a lógica convencional dos três atos, de modo a cada segmento narrativo dar conta de uma das três vítimas do sacerdote, vividas por Melvil Poupaud, Swann Arlaud e o brilhante Denis Ménochet. **RF**

REALIZAÇÃO
FRANÇOIS OZON
ESTRELAS
MELVIL POUPAUD, DENIS MÉNOCHET, SWANN ARLAUD

FRANÇA, 2018
137 MIN



JOÃO SALAVIZA

Recebeu os prémios mais importantes dos festivais de Cannes e de Berlim. Filmou a paisagem urbana, distanciou-se e cresceu como realizador no interior do Brasil onde filmou «Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos.

TIAGO ALVES

REALIZADOR DE OURO

Pela primeira vez, uma produção inteiramente portuguesa, trouxe uma Palma de Ouro do festival Cannes para Portugal. Aconteceu há dez anos, em 2009, com a curta-metragem «Arena», de João Salaviza. O júri era presidido pelo cineasta John Boorman, que revelou o prémio anunciando o "nascimento de um talento" de 21 anos! Enganou-se, não era tão jovem. João Salaviza tinha feito 25 anos e recebeu a Palma salientando que "o prémio é uma honra enorme." O jovem realizador, que na infância tentou ser captado para jogar nas escolas de futebol do Sporting, acrescentou: "é bom perceber que não somos só bons no futebol. Espero que isto ajude, de alguma maneira, aqueles que fazem cinema em Portugal e que dê um pouco mais de atenção sobre o cinema português."

Foi ali que descobrimos o realizador – João Salaviza já tinha rodado «Duas Pessoas» (2004) na Escola Superior de Teatro de Cinema e «Cães de Caça» (2008)– mas aqueles 15 minutos de «Arena» (2009), a terceria curta-metragem, revelaram-no perante a crítica e o público em geral. No filme, Mauro, interpretado por Carloto Cotta, encontra-se em prisão domiciliária, com uma pulseira electrónica. Quando três miúdos do bairro o provocam, Mauro decide saltar cá para fora...

Salaviza trabalhou com os atores, "pedindo-lhes para serem verdadeiros". Escolheu jovens de bairros em redor de Lisboa que "compreendem o que estão a fazer, percebem a ideia de violência que está no filme."

João Salaviza foi o primeiro português a ganhar a Palma de Ouro para o cinema português (em contexto de competição, porque Manoel de Oliveira tinha recebido o prémio a título honorário) e não ficou por ali. Regressou à competição de um grande festival em Berlim, com «Rafa» (2012) e ganhou o primeiro Urso de Ouro para o cinema português. Poucos serão os realizadores que levaram para casa uma Palma e um Urso, mas no jeito elegante que o carateriza dirá que os prémios são menos importantes do que os filmes. E já agora do que as personagens. «Rafa» é a curta que conta a história de um rapaz da margem sul de Lisboa que atravessa a ponte 25 de abril para ir procurar a mãe que tarda em chegar porque está detida numa esquadra. A criança-adolescente viaja da periferia para cidade e perde-se nesta jornada em busca de uma mãe que nunca aparece no filme. No processo, ele cresce, amadurece, é um processo de transição para uma idade quase adulta que acontece durante um dia, e e esse crescimento está bem visível no desempenho de Rodrigo Perdigão.

«Rafa» um filme contado na margem, uma das caracteristicas do cinema de João Salaviza, como sucedia em

MONTANHA

CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS

«Cerro Negro», drama sobre um casal de brasileiros em Portugal e onde acompanhamos uma mulher durante a visita ao marido que está preso a cumprir uma pena. «Cerro Negro» é o filme do meio, entre «Arena» e «Rafa», o que não teve o reconhecimento nos grandes festivais, a obra menos conhecida, que completa a 'trilogia acidental', no sentido em que não foi planeada.

Durante os anos em que rodou estas três ficções, Salaviza filmou outras três curtas-metragens artísticas: «Strokkur» (2011), na Islândia, cumprindo a regra de que o som não deve ilustrar a imagem e a imagem não pode absorver o som; «Hotel Müller» (2010), um documentário que presta homenagem à coreógrafa Pina Bausch; e «Casa na Comporta» (2011), uma encomenda para a bienal de arquitetura de Veneza.

Encerrado o percurso de curtas-metragens, o realizador assumiu o desafio da primeira longa, filmando «Montanha» (2015), onde prolongou a sua narrativa em torno da adolescência, contando os dias de David, 14 anos, no bairro lisboeta dos Olivais. Salaviza escolheu um lugar que não cumpriu a função a que estava destinado, uma utopia arquitetónica e social, um bairro pensado para famílias de diferentes classes, uma espécie de país falhado nos anos da crise, um espaço que expande a angústia e a solidão próprias da adolescência.

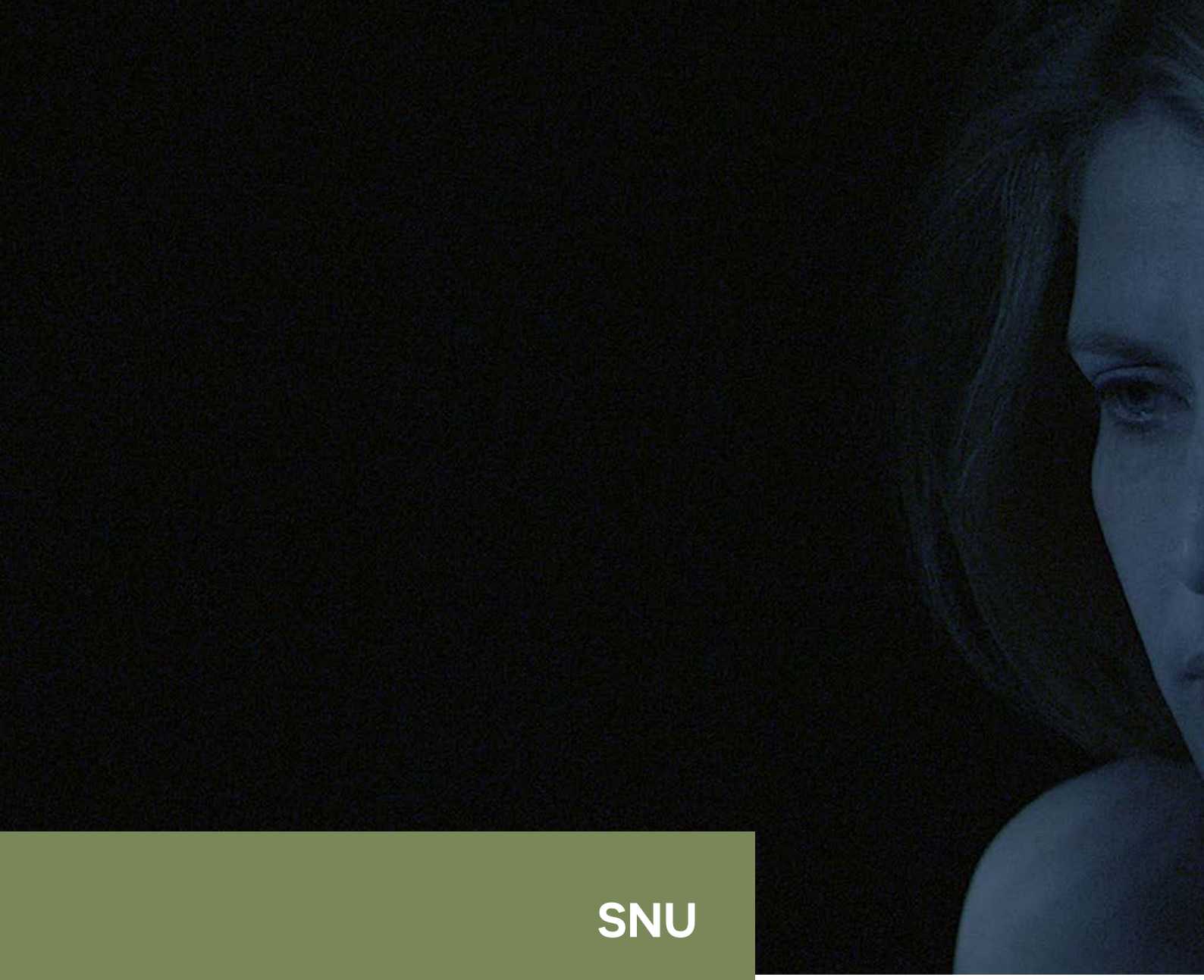
Ruturas. No ato seguinte João Salaviza afastou-se da cidade onde cresceu, da paisagem urbana dominante em «Arena», «Rafa» e «Montanha», mas não foi muito longe. Saiu para a periferia do bairro da Pedreira dos Húngaros para onde Karlon, pioneiro do *rapper* crioulo, foi deslocado e filmou-o numa inquisição ao passado. A curta-metragem «Altas Cidades de Ossadas» (2017) é a primeira etapa deste percurso de fuga da cidade e que o levou até ao Brasil para filmar a sua longa-metragem «Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos». Um caminho onde encontra quem está indevidamente representado – os cabo-verdianos na sociedade portuguesa e os índios krahô no Brasil.

Nesta viagem-processo, Salaviza passou pelo Porto e registou a memória de quem vive no Bairro do Aleixo, espaço urbano agredido pelo poder político – em «Russa» (2018), uma encomenda da Câmara Municipal do Porto para o projeto cultura em expansão, ouviu os moradores e deu-lhes a oportunidade de derrubarem o preconceito sobre o lugar onde habitam.

Em «Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos» (2018) juntou-se à mulher, a brasileira Renée Nader Messora (que tinha sido sua assistente em «Montanha») na Aldeia da Pedra Branca, em Tocatins no Brasil. Renée inteirou-se da vivência do krahô acompanhando-os durante vários anos. Os dois filmaram demoradamente, ao longo de nove meses, num registo documental e ficcional, construindo uma narrativa, a história do jovem Ihjãc, no contexto da sua tribo.

Salaviza afirma que após tantos anos aconteceu "a construção de uma identidade e intimidade partilhada entre todos, o que faz com que a filmagem não seja totalmente exótica nem intrusiva para eles, e que por outro lado existam muitas coisas que já interiorizámos durante o tempo passado na aldeia." Renée e João desapareceram enquanto realizadores brancos. Depois das curtas e da longa-metragem urbana, Salaviza superou "uma sensação de esgotamento" que o poderia ter levado a deixar de filmar, como confidenciou. "Se as rodagens têm de facto que ser uma bolha e um parêntesis na minha vida, não quero continuar a fazer filmes para sempre. Tentar arranjar financiamento, esperar três anos para filmar, e, finalmente, quando se consegue um apoio paramos para filmar durante dois ou três meses." Com isto, prossegue, "os processos vitais do quotidiano desligam-se de um filme".

Aqui a vida aconteceu com o cinema. Durante o tempo do filme o casal teve o primeiro filho e o realizador encontrou a essência do seu cinema: devolver a voz a quem não a tem, num filme sobre a importância da demarcação do território dos índios no Brasil.



SNU

PATRÍCIA SEQUEIRA
REALIZADORA

A história da relação entre Snu Abecassis e Francisco Sá Carneiro foi o mote para o filme de Patrícia Sequeira. «Snu» é a segunda longa-metragem da realizadora e conta com Inês Castel-Branco e Pedro Almendra nos principais papéis. Com uma estética apurada e um filtro refrescante sobre um filme de época, «Snu» apresenta um retrato da dinamarquesa que transformou a vida do político português, mas presta, sobretudo, uma homenagem ao amor que desafiou convenções e valores há muito desatualizados, num país ainda fechado sobre os resquícios da ditadura. A METROPOLIS falou com Patrícia Sequeira antes da estreia do filme que inscreve na sua génese diversos ingredientes capazes de levar mais portugueses às salas. PS: Aconselhamos a leitura desta entrevista com alguma moderação, pois alguns elementos podem desvendar alguns pormenores do filme.

SARA AFONSO

Quando era criança, Patrícia Sequeira queria ser "divorciada". "As pessoas riam e eu, como qualquer criança, repetia para voltar a ter graça. Para mim divorciada era uma profissão." Apesar de ainda hoje admitir que não sabe o que é ser "realizadora",

quis a vida, ou o "destino", que a televisão e o cinema ocupassem a maior parcela no seu currículo profissional. Depois de quase duas décadas na realização de novelas e séries de televisão, Patrícia Sequeira realiza a sua primeira longa-metragem «Jogo de Damas», em 2015, e regressa agora ao cinema, com «Snu».

Snu é dinamarquesa e a fundadora da editora D. Quixote, publicando livros que desafiam a censura do Estado Novo. A 6 de janeiro de 1976 conhece o carismático político Francisco Sá Carneiro e a sua vida nunca mais será a mesma. Apesar de muitos terem conhecimento de uma relação entre Snu Abecassis e Francisco Sá Carneiro, talvez a maioria desconheça a intensidade deste amor e as reais consequências do mesmo. Factos e evidências à parte, o retrato de Snu por parte de Patrícia Sequeira é uma homenagem ao amor que levou estas duas pessoas casadas e pais de filhos – ele tem cinco filhos e ela tem três – a enfrentarem as convenções e brandos costumes de um país em plena reconstrução das cinzas do fascismo.

> "queria falar de nós, de Portugal e dos portugueses."

O nascimento de «Snu»

Após a realização de «Jogo de Damas» e do reconhecimento do mesmo em diversos festivais de cinema com variados prémios, Patrícia Sequeira confessava, numa entrevista, que esperava que este filme fosse o seu "cartão de visita" para o próximo projeto e que o seu desejo era que alguém lhe pedisse para fazer outro. E assim foi. "Foi exatamente o que aconteceu. Recebi um convite para pegar nesta história de amor. Depois, apaixonei-me de tal maneira que me apropriei dela." Sendo uma história de

amor entre duas pessoas que comungavam dos mesmos valores, que ambicionavam lutar por uma democracia anunciada e, sobretudo, por novas liberdades de pensamento, esta história não podia ficar apenas entre os dois protagonistas. Segundo as intenções da realizadora, "queria falar de nós, de Portugal e dos portugueses. Esta foi uma grande história de amor, de um amor nosso, tão polémico e assumido que nos obrigou a pensar a felicidade, e nos concedeu a hipótese de vivê-la".

O convite surge, então, no início de 2016, e o trabalho de pesquisa é a mais urgente das prioridades. Patrícia Sequeira conta, a partir desse momento, com o apoio e o trabalho da historiadora Helena Matos e da pesquisadora Luísa Amaral. "Foram muitas horas a ver fotografias e imagens de arquivo da RTP e a selecionar aquelas que seriam úteis para contar a história", salienta a realizadora. Mas num filme que chega a fazer a ponte entre o acontecimento real e o ficcional através de imagens reais, a tarefa tornava-se ainda mais desafiante: "Depois de escolhidas as imagens reais teríamos que reproduzir o mesmo ambiente, luz, roupa, caracterização e efeitos visuais para construir essa tal ponte que une o real à ficção. São imagens irrepetíveis da nossa História, que não podia deixar de usar no filme".

FILME VS REALIDADE

Tratando-se de um filme inspirado em factos verídicos e com algumas das pessoas ainda vivas, todo o processo poderia ser facilitado ou, pelo contrário, mais desafiante. No caso de «Snu», e na opinião de Patrícia Sequeira, esta questão facilitou e enriqueceu o processo, "mas cada encontro é também um compromisso que assumo com quem generosamente partilha as suas histórias e espera vê-las no filme. Ficamos inevitavelmente mais atados a pequenos factos e isso pode ser perigoso".

Por outro lado, tratando-se de um filme de época, com um contexto político e histórico muito definidos, também isso acarretava

riscos e premissas que tinham de ser contabilizadas: "Num filme de época tudo é um desafio desde logo pelo rigor histórico e estético. Num filme baseado numa história verídica o desafio aumenta, pois o risco de ficarmos reféns dos factos pode condicionar a narrativa". Apostando em cenários e numa estética rica em pormenores, a questão ganha ainda mais relevo num contexto fílmico nacional que geralmente não tem capacidade para suportar estes níveis de produção. "Num filme que retrata a alta burguesia, o desafio aumenta ainda mais, pois é muito caro filmar ricos. Como o cinema português não se pode dar a luxos temos que escolher bem os enquadramentos e investir no pouco que se vê e no muito que se imagina", acrescenta a mesma.

Inês Castel-Branco e Pedro Almendra foram os dois atores escolhidos para viverem este papel e este amor entre Snu e Francisco Sá Carneiro e apesar das semelhanças físicas serem importantes, outros valores falaram mais alto para a cineasta: "O Pedro e a Inês pareceram-me a escolha certa pelas características físicas e pelo talento, mas eles não se conheciam e tive algum receio. É uma história de amor, não me bastava acreditar em cada um deles. Teria mesmo de acreditar no casal". Felizmente, assim que os viu juntos a realizadora percebeu imediatamente que a sua relação iria ser "especial". Depois do filme realizado, o resultado não podia ser mais satisfatório: "Não podia estar mais feliz, eles são o filme, nas cenas e fora delas. Estou-lhes para sempre grata."

CINEMA REFRESCANTE

Sem descobrir muito o véu para quem ainda não teve oportunidade de ver «Snu» no grande ecrã, existem elementos que surgem durante a história que se vão tornando uma presença esquiva, mas forte, e que parecem alcançar significados para além do óbvio. O pavão é um deles e, de acordo com diversas mitologias, este animal pode significar beleza, amor, perfeição e orgulho pessoal, mas também imortalidade ou

os rececionistas das almas no paraíso. Segundo a realizadora, "Snu tem colada na capa do seu diário de adolescente uma pena de pavão. Sou muito ligada aos detalhes e intrigou-me aquela pena. Imortalidade, foi precisamente a essa ideia que me agarrei. A morte está sempre presente. Snu morre aos 40 anos".

De acordo com o livro Snu, escrito pela mãe da antiga fundadora da editora D. Quixote, Snu sentia algum medo, "principalmente no último ano, quando Sá Carneiro é primeiro-ministro", e através de algumas imagens e artefactos utilizados para refletir esse mesmo sentimento, no filme pressente-se que algo trágico pode acontecer. "Os dois tinham medo de morrer, falavam disso e talvez por isso tenham vivido com tanta urgência. No pesadelo [de Snu], cruzo vários elementos, cada um com um significado; o gelo, por exemplo, é chão que se quebra ao andar, é arriscar um caminho, e remete também para o seu primeiro contacto com a morte quando, na sua adolescência, um amigo cai nas águas geladas do Báltico."

Para dar vida e imagem às palavras do seu argumento em conjunto com Cláudia Clemente, Patrícia Sequeira contou com o apoio de João Ribeiro, o responsável pela fotografia de filmes como «Cartas de Guerra», «Os Maias: Cenas da Vida Romântica» ou «Peregrinação», entre outros. A realizadora já conhecia e admirava o seu trabalho, o que a levou a querer trabalhar com ele. "Liguei-lhe para nos conhecermos. Sabia que era um dos melhores na direção de fotografia, mas não sabia que era uma pessoa tão extraordinária. O

João compreende-me e acrescenta-me. É para vida", partilha a profissional.

Além da fotografia, a banda sonora é outros dos componentes que chamam à atenção em «Snu», especialmente pelo seu tom escandinavo e até 'refrescante' para um filme de contexto histórico antiquado. A autoria da mesma é, no entanto, de uma portuguesa, Surma, e a realizadora tem uma justificação: "Procurava um tom nórdico e moderno. Não queria fazer um filme de época; queria retratar uma época mas com o olhar de hoje. A Surma estava a começar a aparecer e tinha o som certo para a Snu". A tarefa terá sido ainda mais refrescante dada a diferença de tempos entre a época do filme e a atualidade de quem compõe a música hoje, num contexto completamente distinto. "Foi maravilhoso explicar a uma miúda de 22 anos quem era a Snu e o Sá Carneiro. Ela é muito gira, parece que está ligada à corrente da energia positiva e quando lhe disse que queria que ela fizesse a banda sonora do filme provoquei-lhe um curto-circuito. Achou que eu era louca e eu também... mas hoje sei que arrisquei bem".

No futuro

Apesar de um currículo extenso e premiado na televisão, a primeira longa-metragem enquanto realizadora [de cinema] veio confirmar o talento de Patrícia Sequeira na arte da realização. Poderá, então, o cinema ganhar alguma vantagem no seu futuro? "O cinema interessa-me, mas neste apertado país são muitos a querer fazer cinema e poucos a conseguir. Eu encanto-me por histórias. Seja

qual for o formato, são sempre elas a comandar as minhas escolhas." Estando já a criar o próximo projeto em cinema, Patrícia Sequeira confessa que a criação da produtora Santa Rita Filmes há um ano, e que é também coprodutora deste filme, nasce para fazer séries e cinema de qualidade. "Na Santa Rita acolhemos autores e realizadores que tragam boas histórias. Queremos viabilizar, acrescentar e contribuir para melhorar a ficção nacional", reflete. Sobre o próximo filme, prefere não revelar pormenores. "É demasiado 'bombástico' e tenho medo que desvie o foco, e este é o momento «Snu»."

SEJAM FELIZES

Agora que «Snu» atingiu mais de 15 mil espectadores no fim de semana de estreia, e que todas as expectativas esperam ser saldadas, é importante perceber a marca de «Snu» na vida da realizadora: "Aprendi muito. Sobretudo com os erros, mas também com o que correu bem. Por exemplo, desta vez não fiz *storyboard*, mas sim um guião visual; traduzi cada cena em imagens e nas reuniões com a equipa, em vez de lermos palavras, víamos fotografias e discutíamos sensações. As palavras podem ir em vários sentidos e as imagens foram mais eficazes". Um método que se torna evidente durante o visionamento de «Snu» e que a cineasta espera apurar, assim como a equipa, pois, como a mesma afirma, "no cinema, como na vida, vamos 'colecionando' as nossas pessoas".

Ainda sobre «Snu» o desejo da autora é simples, mas forte na essência.
"Gostava que este filme chegasse muito perto do ouvido de quem o vê e dissesse baixinho: 'seja feliz e não perca tempo'". E se pudesse dizer o que gostaria que o púbico levasse desta obra, as palavras seriam igualmente parcas, mas intensas de significado: "Uma vontade imensa de o voltar a ver".

TIM BURTON

Timothy Walter Burton, conhecido por Tim Burton, é criador e proprietário de um universo próprio. Um mundo onde coabitam Eduardo Mãos de Tesoura, Betelgeuse, Willy Wonka ou Sweeney Todd, entre outros personagens icónicos da sua filmografia. Identificado por muitos como um homem misterioso e com um lado negro – que faz questão de negar, sempre que lhe permitem – Tim Burton é, aos 60 anos, um dos maiores nomes da sétima arte.

PEDRO SANTOS FERREIRA

MAIS DO QUE UM CINEASTA, UM ARTISTA VISUAL!

"A loucura de uma pessoa é a realidade de outra". Começamos este texto a citar uma frase de Tim Burton que o traduz na perfeição. E não se configura tarefa fácil "traduzir" um dos mais criativos realizador/produtor/argumentista de Hollywood.

Tim Burton teve, de acordo com o próprio, uma infância "peculiar, imaginativa e perdida nos seus pensamentos". As dificuldades sentidas na vida académica levaram-no a refugiar-se nos livros sombrios de Edgar Allan Poe, acompanhados por filmes de terror de baixo orçamento, trancado no seu quarto. A este passatempo, Burton decidiu, desde cedo, dar forma e cor à sua imaginação através do desenho e reconheceu no ator Vincent Price uma das suas principais referências cinematográficas, a par dos clássicos de terror de Roger Corman, nos quais Vincent Price era ator principal.

De facto, Burton nunca recorda este período com grande fervor, mas hoje parece-nos decisiva a inspiração para toda a sua obra.

Outra feliz coincidência na infância de Burton foi a proximidade da sua residência aos estúdios da Walt Disney, Columbia Pictures e Warner Bros.
Ainda adolescente, o jovem tornou-se um realizador amador, produzindo pequenos filmes no jardim de sua casa em Evergreen Street, através da técnica stop motion, entre outras experiências de animação, servindo-se sempre da sua câmara 8mm.

Apesar de não ser um aluno brilhante, conquista uma bolsa de mérito que o leva a estudar no Instituto de Artes da Califórnia, onde aperfeiçoa as suas técnicas de desenho e pintura dedicadas à animação.

A NOIVA CADÁVER

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Em 1976, ainda aluno desta universidade, apresenta o seu primeiro livro à Disney e é fortemente rejeitado, por carta, informando que precisava de muito para se tornar um autor original. Contudo, acaba por ser contratado, três anos depois, como estagiário do departamento de animação dos Estúdios Walt Disney. É nesta condição e já com algumas curtas-metragens amadoras desenvolvidas que Tim Burton parte para a década de 80. O melhor estava para vir.

DE «FOX AND THE HOUND» ATÉ «DUMBO»

Nos estúdios da Disney, o primeiro trabalho é o desenho da animação «The Fox and the Hound». No entanto, Burton não fica satisfeito com a direção artística do filme e afasta-se dos estúdios e decide apostar numa carreira a solo, num período de efervescência criativa em que produz duas curtas-metragens: «Vincent» (1982) e «Frankweenie» (1984), já fora dos estúdios da Disney, numa versão única de homenagem ao clássico Frankenstein.

A história, que envolve um cachorro morto num atropelamento que é ressuscitado de uma forma idêntica à de Frankenstein, impressiona o ator Paul Reubens, que desafia Tim Burton a realizar «A Grande Aventura de Pee Wee» (1985). O filme torna-se um sucesso na crítica de especialidade e na bilheteira. É também durante a produção deste filme que Burton conhece Danny Elfman, por quem demonstra admiração na criação da banda sonora. De resto, Elfman viria a ser um dos prediletos de Burton.

É, precisamente, o sucesso deste último filme que lhe traz uma nova oportunidade, a possibilidade de

DUMBO

dirigir «Os Fantasmas Divertem-se» (1988), que viria a ser premiado com o Oscar da Academia na categoria "Melhor Maquilhagem".

É já após lançar o seu próprio estúdio que Burton dirige «Batman» (1989), com um elenco de luxo desde Jack Nicholson até Michael Keaton e Kim Basinger. A longa-metragem dedicada ao super-herói sombrio tornou-se, então, o seu primeiro êxito de bilheteira, tendo alcançado 100 milhões de dólares apenas nos primeiros 10 dias após o lançamento do filme.
Seguiu-se uma das suas mais carismáticas criações, «Eduardo Mãos de Tesoura» (1990), naquela que seria a sua primeira colaboração com Johnny Depp, aqui ladeado por Winona Ryder. O filme é elogiado pela crítica por ser uma sátira social "disfarçada" de uma história de amor e intolerância.

Seguem-se «Batman Regressa» (1992), «Marte Ataca!» (1992), «Ed Wood» (1994), «A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça» (1999) e «O Planeta dos Macacos» (2001).
Em Planeta dos Macacos, em 2001, Tim Burton readapta a obra "Planeta dos Macacos", porém, o filme é massacrado pela crítica e fracassa nas bilheterias. Em 2003, Tim Burton volta em grande forma com «Peixe Grande» sendo elogiado pelos críticos. Em seguida, em 2005, chegam aos cinemas dois filmes do diretor, a readaptação da «Fantástica Fábrica de Chocolate» e a animação em stop-motion «A Noiva Cadáver», dividindo a direção com Mike Johnson.

Chegados a 2019, Burton tem na "manga" a reedição de um dos maiores clássicos da Disney, intitulado «Dumbo», já em exibição nas telas nacionais.

DUMBO

FINLEY HOBBINS ACTOR

JOE FARRIER, o jovem e rebelde filho de Holt Farrier, abraça de coração a vida circense. Não há nada que ele mais deseje do que ter o seu próprio número de circo - mas as suas habilidades acrobáticas, malabarismos e praticamente todas as outras habilidades inimagináveis de circo não estão de acordo com os padrões. Mas quando Dumbo nasce, o entusiasmo e o coração puro de Joe parecem encontrar o seu par.

Finley Hobbins faz a sua estreia no cinema como Joe. "Na minha primeira audição, tive de fazer uma cena com um falso Dumbo, que na verdade era o cão da diretora de castings Susie Figgis, porque ainda não tínhamos um modelo de Dumbo", diz Hobbins. "O cão estava sempre a mexer-se e nós ríamos. Tive de fazer uma cena em que Dumbo está sentado, a sentir-se triste e solitário, então eu e Nico vamos consolá-lo."

Finley diz que gostou de estar entre os artistas do circo. "Eu gosto dos palhaços, que são bastante esquisitos e engraçados", diz ele. "E os contorcionistas são incríveis. Eu só penso comigo mesmo: "Uau, e se eu pudesse fazer aquilo?"

Como conseguiste o papel de Joe Farrier?

JOE FARRIER: Na minha primeira audição, tive de fazer uma cena com um Dumbo falso, que na verdade era o cão da diretora de castings, Susie Figgis, porque na verdade ainda não tínhamos uma maquete do Dumbo. O cão estava sempre a mexer-se e nós a rirmos. Tive de fazer a cena em que Dumbo está sentado, sentindo-se triste e solitário, então eu e Nico vamos consolá-lo.

> "Tim é definitivamente uma pessoa divertida de se trabalhar"

Como foi quando soubeste que tinhas sido escolhido para Joe?

JF: Eu estava deitado na cama de manhã e a minha mãe veio acordar-me. Ela estava tipo, "Nem vais acreditar Fin? Conseguiste o papel!" Mas eu não acreditei nela. Então ela mostrou-me o email.

Quem é que interpretas no filme?

JF: Eu interpreto Joe, um rapazinho um pouco louco e desajeitado. Ele é bastante enérgico e carismático, o que eu adoro.

Como é a vida de Milly e Joe quando os encontramos pela primeira vez na história?

JF: O pai deles não estava lá quando a mãe deles morreu, porque ele estava na guerra, então tem sido muito difícil para Joe e Milly. Quando o pai deles volta, eles estão muito entusiasmados. Eles correm para ele, mas quando o veem param de repente, porque vêem que ele só tem um braço. Eles estão um pouco assustados, mas aprendem a conviver com ele.

Por que é que Dumbo se sente tão posto de parte quando chega ao circo pela primeira vez?

JF: Toda a gente faz com que ele passe um mau bocado, diziam, "Ah, é inútil. Não podemos usá-lo no nosso espetáculo com essas orelhas", e isso deixava-o muito triste. A sua mãe também foi levada, o que significa que ele está a passar por um momento muito difícil.

Por que é que achas que a Milly e Joe gostaram tanto do Dumbo?

JF: Eles passaram por uma experiência semelhante: a mãe deles morreu quando eram pequenos e a sua mãe foi levada embora. Então, eles sabem como se sentem e não querem que Dumbo passe pelo que eles passaram.

Como é que o "Dreamland" de Vandevere é diferente do circo dos Medici Bros.?

JF: Vandevere é muito maior. Há muito mais números e há mais cor e emoção, com grandes anúncios, pósteres e pessoas.

Como é trabalhar com Tim Burton?

JF: Tim é definitivamente uma pessoa divertida de se trabalhar, porque ele é sempre muito excitante, criativo e cheio de ideias - sempre a andar de um lado para o

outro. É bom ter alguém a dirigir-te que é muito mais alegre do que outros diretores.

Como é trabalhar com Nico Parker?

JF: Nico é definitivamente uma personagem. Dentro ou fora do cenário, estamos sempre a brincar. Divertimo-nos muito. Nós nunca estávamos aborrecidos. Nós também nos picamos muito também. Temos um relacionamento irmão-irmã.

Já estiveste num circo de verdade?

JF: Eu estive no Gifford's Circus, que foi muito divertido. Havia pessoas a fazer mortais com balanço para os ombros de outras pessoas. Além disso, o engraçado nos circos não é apenas fazerem coisas incríveis, mas eles também agem de forma incrível enquanto o fazem. Adicionam um pouco de personalidade ao espetáculo.

Tens algum talento circense?

JF: Eu gostava. Eu ficaria totalmente surpreendido se conseguisse. Eu tive de aprender a fazer malabarismos, que no filme eu sou terrível a fazê-los - e isso é uma coisa boa, porque eu também sou péssimo em fazer malabarismos na vida real.

O que achaste dos cenários?

JF: Os cenários são definitivamente uma das melhores partes do filme. Eles são enormes. Não é nada que seja só empolgante ou bom. É realmente alucinante o que eles fizeram. O Dreamland é o meu favorito. Há muito que fazer em Dreamland, e há comida falsa - que é boa, por sinal.

Como é o guarda-roupa?

JF: As roupas neste filme são brilhantes. Elas são como eram feitas há cem anos atrás. Sempre que eu recebo uma roupa nova, eu digo: "Sim!" Eu estou sempre a usar calças largas e suspensórios ou jardineiras. Um dos meus trajes favoritos era um fato vermelho que veio com um chapéu de cowboy, e eu era como um cowboy de verdade.

NUNCA CONFIE EM ESTRANHOS

Isabelle **Huppert** Chloë Grace **Moretz**

Greta
Viúva Solitária

11 ABRIL NOS CINEMAS

© 2018 WIDOW MOVIE, LLC. AND SHOWBOX / ARTWORK © 2018 FOCUS FEATURES LLC.

GABRIEL

NUNO BERNARDO
REALIZADOR

O que faz com que, um jovem cineasta português com um percurso internacional brilhante, regresse às origens? «Gabriel». Escolhido para a secção First Look do Festival de Locarno em 2018, o filme conta o processo doloroso de construção da identidade de um jovem cabo verdiano à procura de respostas num mundo hostil que teimamos em não ver mas está mesmo aqui ao lado. Cinema português ou universal? O argumentista e realizador Nuno Bernardo responde. Ou, como a obra é sempre uma projecção das interrogações do seu criador.

MARIA HENRIQUES-RAPOSO

Qual é a questão do filme por detrás do argumento? Este é um filme sobre a africanidade em Portugal?

NUNO BERNARDO: Não tenho essa ambição, não foi esse o objectivo. O que me atrai é a temática das migrações, o facto de alguém chegar a outro país ou cidade, como é acolhido. Por motivos profissionais vivi aqui e ali um pouco por todo o mundo. Cada mudança implica uma adaptação, uma carga dramática, e por isso o filme começa com a chegada do Gabriel a Lisboa, o seu recomeçar a vida. Interessa-me também a questão da família, a procura de respostas para colmatar os vazios do seu processo de crescimento.

E depois, também a temática dos bairros de Lisboa, necessária numa altura em que a cidade vive numa fase cosmopolita que a está a transformar, tentar mostrar a nossa cultura no que tem de único.

A violência e a xenofobia que atravessam o filme, sugerem uma mensagem politica...?
NB: Isso existe, a violência existe, mas não quero associá-la aos bairros de subúrbio ou aos meios mais pobres; ela é transversal, mas preponderante nesses meios porque existem pessoas que se aproveitam dessa pobreza, como a personagem do Sérgio Praia (Jorge), que é um elemento que provoca uma disrupção no bairro.

E porque escolheu o mundo do boxe para ilustrar esse meio?
NB: A ideia do filme surgiu há quatro, cinco anos atrás, quando estava em Dublin e fizemos um documentário («The Standups»), e um dos comediantes era um ex lutador de boxe e na altura achou-se divertido inserir um combate na fita. O boxe foi uma paixão à primeira vista. Adorei conhecer e filmar esse meio, foi como descobrir um mundo novo e quando acabámos decidi que gostaria de voltar a filmar sobre esse mundo.

O clube de boxe que aparece no filme existe de facto?
NB: Sim, é o Sport Lisboa e Olivais.

Como decorreram as filmagens no local, como foi recebido nos Olivais?
NB: Não recorremos às pessoas do bairro para filmar, todas as personagens são interpretadas por actores profissionais pois não queriamos misturar ficção e documentário. Entre preparação e rodagem foram 3 meses e fomos muito bem recebidos. Fomos aos restaurantes, às tascas, convivemos com os habitantes do bairro, as próprias autoridades, a Junta de Freguesia, receberam-nos muito bem.

Foi fácil obter financiamento para o filme?
NB: É sempre complicado obter

financiamento em Portugal. Foi um processo tradicional de candidatura ao ICA e à RTP. Numa primeira fase o projecto foi rejeitado, tivemos de fazer uma segunda candidatura, felizmente foi aceite, e depois a RTP juntou-se ao projecto. Não existem fundos privados associados, a não ser a distribuição da NOS audiovisuais.

Fale-nos da escolha dos actores, como encontrou o Igor Regalla?

NB: A minha produtora, a Sara Moita, falou-me dele devido ao filme «Ruth» [de António Botelho,2018]. Por coincidência, por essa altura ele entrava numa peça que estava em cena no Teatro São Luís, Os Negros [de Jean Genet, 1958], gostámos muito da prestação dele, e convidámo-lo.

A música é uma peça chave da narração. Foi composta propositadamente para o filme?

NB: Temos 13, 14 temas que já existiam do hip hop português, e apenas a música do Vado [o artista cabo-verdiano Vado Más Ki Ás] foi composta especificamente para o filme (tema "Vai"). São artistas quase todos novos e já têm os seus seguidores nas redes sociais, excepto o Piruka, um dos rappers mais conhecidos ou os Wet Bed Gang que assinaram pela Sony Music, os outros são bastantes populares mas não passam na rádio. A nossa pesquisa visou temas que pela sua letra ou sonoridade se enquadrassem na estória. O Vado foi-me apresentado pelo Igor, que também realiza videoclips, e gostei imenso do Vado. Escolhemos três temas que ele já tinha no reportório e lançámos-lhe o desafio para compor um tema que resumisse o filme, e daí o tema que fecha o filme.

Este Vai significa não desistir, ir ao limite?

NB: Voltando à sua pergunta inicial, é essa a mensagem que eu queria deixar com o filme: quando as coisas estão difíceis e surgem obstáculos na nossa vida...é continuar a lutar como o "Vai" diz no seu poema.

Falando agora do seu percurso internacional, isto sai fora do seu registo habitual, certo?

NB: Esta é a minha quinta longa-metragem como produtor, a terceira como guionista, e a primeira como realizador. Além disso tenho uma carreira mais longa em televisão, tanto cá como no estrangeiro: no Canadá com duas séries, no Reino Unido a versão inglesa da série «O Diário de Sofia» [exibida em 2005 pela RTP em 20 episódios, baseados em 13 livros escritos pelo realizador e Marta Gomes], produzi na Irlanda, no Brasil, e a partir de 2012 acabei por gradualmente tornar-me guionista de alguns filmes e agora surgiu o «Gabriel».

O que lhe dá mais prazer fazer?

NB: Desde os primórdios, do «Diário de Sofia» em Portugal eu era simultaneamente produtor, guionista e realizador. É lógico que com a nossa expansão internacional [refere-se à beActive Entertainment, com sede em Lisboa], em que sucede estarmos em simultâneo a produzir em vários países, o tempo começou a ser limitado e comecei-me a focar mais na produção e supervisão dos projectos. Mas claramente ter um trabalho mais autoral, mais criativo, quase artesanal, onde

eu posso estar envolvido não só como produtor, foi aquilo que mais me atraiu, e foi possível voltar um bocadinho às origens, e conseguir criar a estória de raíz e colocá-la em imagens enquanto realizador.

É portanto um regresso à história do seu país

NB: A minha preocupação foi sempre criar estórias que pudessem ser universais, cruzar fronteiras, e se possível, estrear em vários países. Com o Gabriel quis fazer uma estória portuguesa. Considero-me um cinéfilo e enquanto tal é a sobrevivência e o crescimento do cinema

IGOR REGALLA, ANA MARTA FERREIRA

português que me preocupa, e o cinema português só faz sentido se contarmos as nossas estórias, a nossa cultura, os nossos bairros. O cinema americano pode ter efeitos espectaculares, o cinema francês pode ser muito introspectivo, e cada cinematografia tem as suas características. O que o cinema português pode trazer, e desta forma reconquistar público, é contar as nossas estórias, e foi essa a minha preocupação acima de tudo.

Vê o entretenimento como um suporte ao cinema autoral?

NB: Eu não quero contar as minhas estórias para mim e sim para os outros, e podemos contar uma boa estória quer na internet quer no grande ecran. Em Portugal coloca-se sempre a pergunta se essa indústria existe ou não-eu quero acreditar que sim. Quando se vai a uma sala de cinema, isso é entretenimento, mas eu quero que a estória tenha um impacto, que as pessoas falem dela. É preciso que o negócio seja viável, mas acima de tudo o que me interessa é contar a estória.

O que tem em mãos neste momento?

NB: O próximo projecto que iremos começar a rodar em Maio/Junho é um telefilme, «O Colégio do Tempo», financiado pelo ICA, que é para a SIC Radical. Tratada temática da exclusão social e irá ter lugar na cidade de Tomar.

Apesar de residir entre Portugal e a Irlanda vai continuar a rodar em Portugal?

NB: Sim, quero trazer para o ecran, quer para o cinema quer para televisão, a nossa cultura e sociedade, os problemas que nos afectam enquanto país. Uma pequena marca daquilo que é o país nos dias de hoje.

IO SONO TEMPESTA

DANIELE LUCHETTI
CINEASTA

Onde encaixar um realizador de múltiplos êxitos de público e crítica, como Daniele Luchetti (de «A Nossa Vida») no atual planisfério de expressões artísticas requintadas de Itália? Desde 1985 até hoje, rodou produções festejadas nos grandes festivais da Europa e fora deles, como «Domani accadrà» (1988) e «Francisco, o Papa do povo» (2015). Mas de que modo enquadramos a sua forma de expressar a realidade em relação a seus conterrâneos? Lar de Federico Fellini, De Sica, Lina Wertmüller, Rossellini, Antonioni, Visconti, Pasolini, Monicelli, Bertolucci e de mais uma tonelada de mestres, o cinema italiano foi uma pedra no sapato de Hollywood de 1945, quando a fogueira do neorrealismo se acendeu, até meados dos anos 1990, um período de especulações financeiras no mandato inicial de Silvio Berlusconi como primeiro-ministro, em que a indústria audiovisual para o grande ecrã foi esmurrada, em prol da TV. Por muito tempo, até a segunda metade dos anos 2000, só Nanni Moretti, Roberto Benigni, Pupi Avati, Gianni Amelio e Marco Bellocchio mantiveram a potência autoral da Itália em riste, mas sem a mesma mobilização popular vivida entre os anos 1960 e 80. De lá veio o *spaghetti western* (com Sergio Leone e Tonino Valerii), o Peplum (filmes de gladiadores romanos, como «Os últimos dias de Pompeia»), a comédia erótica (sofisticada como

«Pato com Laranja» ou brejeiras como «A Liceal»), o giallo (terror com psicopatas e aparições, tipo «O Pássaro com Plumas de Cristal») e Trinitá (a série com Bud Spencer e Terence Hill). Mas todos esses filões ficaram para trás, enquanto as produções de Roma, de Turim, da Sicília e companhia perdiam a força, dando àquele país uma fama de decadência cinematográfica. Má fama, aliás. Mas esta se diluiu a partir de 2008: ali, uma nova geração de diretores ganhou projeção internacional aos olhos da crítica e ao gosto do público. Batizada informalmente de Risorgimento, essa onda autoral é movida pela narrativa nada convencional de realizadores que não se renderam à tradição como Alice Rohrwacher («Lazzaro Felice»), Emanuele Crialese («Terraferma»), Saverio Costanzo («A Solidão dos Números Primos»), Laura Bispuri «Figlia mia»), Luca Guadagnino («Eu sou o Amor»), Paolo Sorrentino (do oscarizado «A Grande Beleza»), Matteo Garrone («Gomorra») e Luchetti. Aliás, há uma comédia inédita para lançar este mês em Itália, «Momenti di trascurabile felicita», sobre um sujeito dado a excessos que precisa reinventar sua vida.

> "abordar o mundo real sob um filtro de humor."

Aos 58 anos, Luchetti, nascido em Roma, ficou mais conhecido por entre nós por «O Meu Irmão é Filho Único» (2007). Atualmente, anda com pouco tempo para olhar para trás e avaliar o que fez de melhor, inclusive a sua longa-metragem mais recente, «Io sono Tempesta» («O Rei de Roma»), foi lançado no Brasil em março. Não é da natureza do cineasta – uma presença habitual em festivais de prestígio como Cannes, Locarno e San Sebastián – repensar o passado, sobretudo o do seu país nas telas. Apesar do seu respeito pela tradição neorrealista de Rosselini, De Sica & Lda e da verve política de Marco

Bellocchio e Elio Petri, ele filma comédias (algumas delas cheias de dor e fúria, como «Anos felizes») para se libertar de referências e conceitos institucionalizados e procurar a sua própria voz autoral. Sucesso de público e crítica, a sua obra é focada em costumes e afetos refreados por arreios morais. É o que se vê, hoje no Brasil, na história do milionário Numa Tempesta (vivido por Marco Giallini). A sua história, agora em circuito carioca, arrebatou risos e elogios em Cannes, em maio de 2018. Ali, Luchetti estreou esta divertida sátira sobre avareza e cobiça, centrada no processo de redenção de Numa Tempesta após de ser obrigado a prestar serviço comunitário. Na entrevista que se segue, dada à revista **METROPOLIS**, Luchetti fala sobre os riscos de ser popular nas telas da Itália.

RODRIGO FONSECA

Os seus filmes não têm medo da palavra: fala-se muito neles e, da fala, vem o riso. Mas há uma "amarra" autoral que rebaixa a força estética da palavra. Como driblar tal preconceito?

DL: A França serviu-me melhor para isso do que os mestres italianos. No início dos anos 1980, franceses como Éric Rohmer, Jacques Rivette e François Truffaut fizeram filmes que me marcaram muito, como «Paulina na praia», de 1983, no uso da palavra. Esses diretores mostraram-me que o real não vem, necessariamente, de uma mirada documental silenciosa para uma paisagem humana. Um bom diálogo pode revelar muito da realidade. É do trato com os atores que brota o real que me interessa estudar.

Qual é a Itália que o senhor retrata nos seus filmes?

DL: É um país que precisa de reaprender a rir de si mesmo e recuperar a sua leveza.

«Io sono Tempesta» traz provocações políticas, traz um olhar sobre a mecânica financeira da economia italiana, mas aposta, com maior peso, na afetividade e no riso, ao narrar o rito de passagem de Numa Tempesta rumo à redenção. De que maneira essa comédia de costumes traduz as atuais inquietações morais da Itália, em meio a suas crises económicas recentes?

DL: Muito se fala e se pensa em política na Itália, mas não é esse o caminho que eu sigo e sim o do humanismo, buscando um paralelo entre os afetos e

FOTO: EMMANUELA SCARPA

as contradições sociais. Gosto de transgredir normas, entre elas a de uma obrigatoriedade autoral que se impõe por aqui, na Itália, e que leva os diretores, das mais variadas gerações, a evitar projetos que falem com o público de modo mais direto, frontal. Minha vocação é fazer filmes de entretenimento, mas sem abrir mão de conteúdo. Foi o que eu aprendi com o cinema americano dos anos 1970 de diretores como Robert Altman e Hal Ashby. Aquela década foi a última era de cinema para um público adulto nos Estados Unidos.

O senhor cita diretores autorais de Hollywood, mas vem de um país que fabricou génios a granel nas telas, como Fellini, Antonioni, Pasolini. Essa tradição italiana pesa? E quanto?

DL: Cresci nos anos 1970, a época áurea do cinema político italiano, com Elio Petri, Francesco Rosi, Marco Bellocchio. Não é por acaso, que um dos meus primeiros filmes, «Il portaborse» (em português, «O homem da Pasta»), tinha uma carga política. Mas eu busquei um caminho distinto da tradição da minha pátria: troquei o neorrealismo pelo que chamo de "neoirrealismo". É assim que eu batizo o meu esforço de abordar o mundo real sob um filtro de humor. «O Rei de Roma», por exemplo, trata da relação pai e filho com ironia.

O senhor descreve sua estética comprovadamente popular, e respeitada em festivais, como sendo algo à margem. Por quê?

DL: Houve um tempo em que a Itália investia em géneros: filmes de terror (o *giallo*), comédias eróticas, bangue-bangue (o *spaghetti western*) e filmes de gladiador (que são chamados de Peplum). Mas, a partir dos anos 1990, com uma série de retrações na nossa indústria, os cineastas perderam essa conexão com o grande público do passado e filmografias hegemónicas a tomaram conta do país. Isso fez com que as gerações de cineastas que vieram a partir de 1990 passassem a acreditar que o filme autoral, sem género,

sem formato específico algum, fosse o único caminho. Isso deu lugar a muitos filmes de autor de má qualidade. E fez a ideia do filme de entretenimento parecer uma ousadia. Mas eu prefiro os corações livres do que ideologias, amarras criativas.

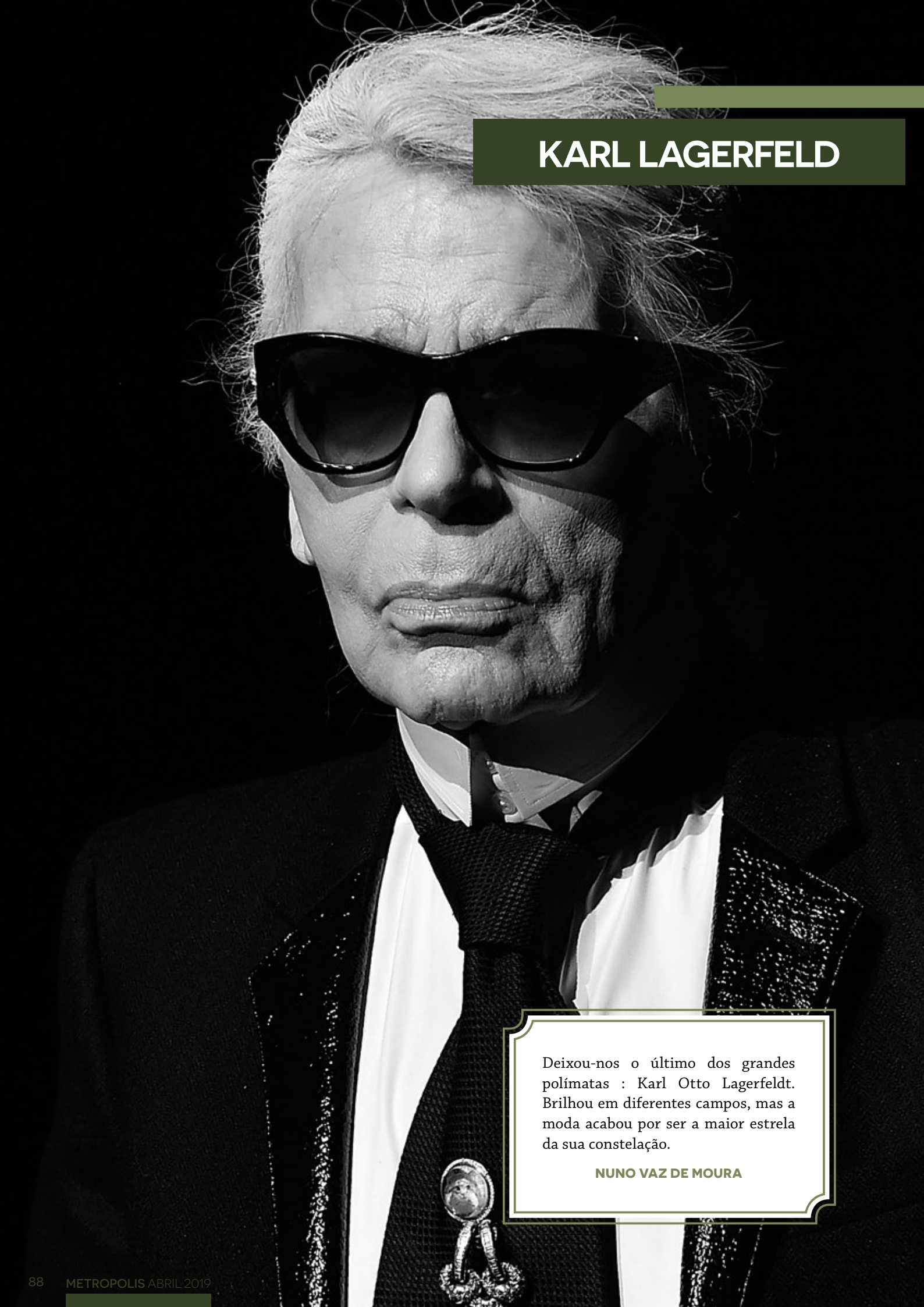
Falando em atores, ao lado de Marco Giallini, que interpreta Numa Tempesta, «Io sono Tempesta» traz o seu intérprete mais fiel, Elio Germano, premiado em Cannes por «La mostra vita» (2010), o filme mais elogiado que o senhor fez até hoje. O que Germano acrescentou?

DL: Sou um diretor intuitivo, sem métodos, apoiado no humor. Germano me oferece a possibilidade de ampliar as dimensões dos afetos que eu busco representar, pois ele, em cena, é pura emoção.

O seu embate com a emoção, filme a filme, fez escola já em Itália. Há diretores mais jovens, como Laura Bispuri (de «Figlia mia») e Claudio Giovannesi (de «Os Meninos da Camorra») que parecem seguir essa trilha afetiva em que você milita. De que forma você encara essa inspiração que gera nos seus conterrâneos?

DL: Tenho uma comédia inédita, chamada «Momenti di trascurabile felicità», para lançar a 14 de Março, e penso mais nisso do que em ser referência ou do que em utilizar os diretores de que gosto como parâmetro. Gosto muito de Ken Loach, por exemplo, por ficar encantado com o fato de ele construir uma dramaturgia viva, sem medo de ser palavroso, sem a necessidade de uma estetização da imagem. A fotografia é realista, simples, sem adereços. O apreço que tenho por ele ilumina-me, mas eu não tento reproduzir o seu caminho. É difícil criar uma imagem original no cinema contemporâneo. Mas isso não me obriga a reproduzir passo a passo os enquadramentos dos cineastas de que gosto. É a dramaturgia que me dá o caminho.

KARL LAGERFELD



Deixou-nos o último dos grandes polímatas : Karl Otto Lagerfeldt. Brilhou em diferentes campos, mas a moda acabou por ser a maior estrela da sua constelação.

NUNO VAZ DE MOURA

QUARENTA ANOS A LEVAR A MODA AO CINEMA

Incansável e imparável, conseguia, já octagenário, produzir oito colecções anuais para três marcas de referência mundial : Chanel, Fendi e a sua própria insígnia. De permeio encontrava tempo para mil outras actividades : decora casas, abre livrarias, fotografa, edita e colabora no cinema como actor, realizador e figurinista. É sobre a sua contribuição para o cinema que aqui nos vamos entreter.

A primeira colaboração do Kaiser da moda acontece com o único filme erótico que teve o aval de Fritz Lang: «Necronomicon» do espanhol Jesús Franco. Esta produção alemã de 1967, curiosamente rodada em Lisboa, mostra-nos um universo Sado-masoquista de cabedais e cetins. O imaginário da película tinha tudo para resvalar para um *kitsch* pornográfico, mas Lagerfeld, que anos antes começara a trabalhar para as prestigiadas casas Balmain e Jean Patou e que, nesse mesmo ano assina contrato com a intemporal Fendi, consegue o equilíbrio perfeito entre o elegante e o sexy, transformando Janine Reynaud numa saturnina Belle de Jour. O universo S.M. ressurge na sua próxima colaboração, quatro anos volvidos, em «Juste avant la Nuit» de Claude Chabrol. Este encontro nasce a pedido da actriz Stéphane Audran. O estilista de Audran, Maurice Albray, parte nesse ano para os EUA e conta-nos a actriz que folheando uma revista que apresentava os maiores nomes da moda de então decide-se por Karl e contacta-o. A parceria com o duo cinematográfico é um sucesso e irá se repetir várias vezes. No mesmo ano, o alemão desenha os figurinos para o magnífico «La Décade Prodigieuse» onde veste uma trio de gigantes: Anthony Perkins, Orson Wells, Marlene Jobert.

Paradoxalmente, Chabrol parece não dar muita importância ao guarda-roupa. No seu livro «Comment faire un film» diz-nos que pretende que as roupas sejam o mais realistas possíveis, para que possa ser imaginativo em outros campos. Porém o mestre teutónico era um artista da arte total - da Gesamtkunstwerk - e concebia toda a sua visão: da roupa à maquilhagem, dos cabelos aos sapatos, dos acessórios e joias à roupa interior. Junto com os croquis, Karl enviava notas pormenorizadas sobre todos os elementos a usar.

SALTOS ALTOS

A FESTA DE BABETTE

Seguem-se os figurinos para outros dois filmes: com Michel Audriard em «Elle Cause Plus, Elle Flingue», uma comédia burlesca onde predominam as cores fortes e a exuberância noveaux-riche sobretudo na personagem Rosemonde du Bois de la Faisanderie, uma «princesa» do bairro da lata interpretada por Annie Girandot; e de novo com Chabrol, numa outra comédia que seria o seu maior sucesso comercial: «Doctor Popaul». Aqui Lagerfeld tem a oportunidade de vestir e transformar três grandes beldades internacionais: a americana Mia Farrow (que, para este papel, tem que se transformar em mulher feia), a italiana Laura Antonelli e a francesa Marléne Appelte.

Em 1973, volta a vestir Audran em dois grandes filmes: para «Le Noces Rouges», Chabrol instruí o estilista que deve colocar umas notas de encarnado para simbolizar o sexo e a morte neste enredo onde uma burguesa e o amante se tornam assassinos. O resultado mais perfeito toma forma num vestido clássico, abotoado à frente, mas que deixa ver, sub-repticiamente, um forro de vermelho vivo. E em «Le Charme Discret de la Bourgeoisie» de Luis Buñuel, onde Lagerfeld concebe um vestido para uma cena em que a actriz surge apenas vista de trás. O resultado foi uma peça clássica em preto que abria com três largos losangos nas costas. Uma perfeita harmonia entre contenção e erotismo que a cena exigia.

Com Barbet Schroeder, Karl regressa aos cabedais e ao sado-masoquismo na película «Maîtresse» (1976). E é responsável pelo guarda-roupa dos dois primeiros filmes do franco-israelita Élie Chouraqui: «Mon Primier Amour» (1978) e «Qu'est-ce qui fait courir David ?» (1981). Lembremos que no início dos anos 80, Lagerfeld é convidado para dirigir a casa Chanel. Na altura esta casa de alta-costura era vista como ultrapassada, sem brio ou frescura. A ideia que hoje temos daquela

VIOLETTE NOZIÈRE

que será a maior marca de moda do mundo, deve-se ao seu génio transformador. Doravante Karl torna-se num dos nomes incontornáveis da moda com um estatuto semelhante ao dos grandes ídolos de Hollywood. Mas enquanto trazia para o futuro a Chanel, no cinema, olhava para o passado. Durante esta década contribui para dois filmes de época muito distintos. « Le sang des autres» (1984) de Cabrol, onde recria ao pormenor a França dos anos 40; e o galardoado «A Festa de Babette» (1987) do dinamarquês Gabriel Axel, onde volta a vestir Audran. Deste último filme fica-nos uma memória que não seria possível sem a intervenção do génio da moda: a magnífica cena onde Babette surge com uma capa negra que se impõe como uma fénix negra contra o cenário inóspito da paisagem nórdica.

Este rigor e precisão prussianas são uma constante no trabalho do artista. Numa entrevista à revista francesa Vogue, Audran relata-nos a seguinte anedota: para o filme «Violette Nozière», de Chabrol, havia que transmitir o espírito dos anos 30. Esta foi uma época em que as peles de raposa estiveram muito em voga. Porém, à época em que o filme foi realizado, no final dos anos 70, as peles de raposa eram vistas como sinal de luxo e a personagem de Audran era uma mulher pobre. Assim, Lagerfeld decide substituir a raposa por astracã (pele de cordeiro caracul novo, de pêlo frisado. para que se mantivesse o estilo da época, mas de forma a que fosse compreendido pelo público de então.

Depois do insípido «Comédie d'amour» (1989) de Jean-Pierre Rawson, Lagerfeld desenha mais dois guarda-roupas onde a seu estilo se torna tão presente como uma marca-d'água. A apoteose acontece com «Saltos Altos» (1991) de Pedro Almodovar onde cada adereço é uma obra de arte. O filme parece-nos um tributo do realizador espanhol ao criador alemão. Almodovar gostou tanto do conjunto Chanel cor-de-rosa usado

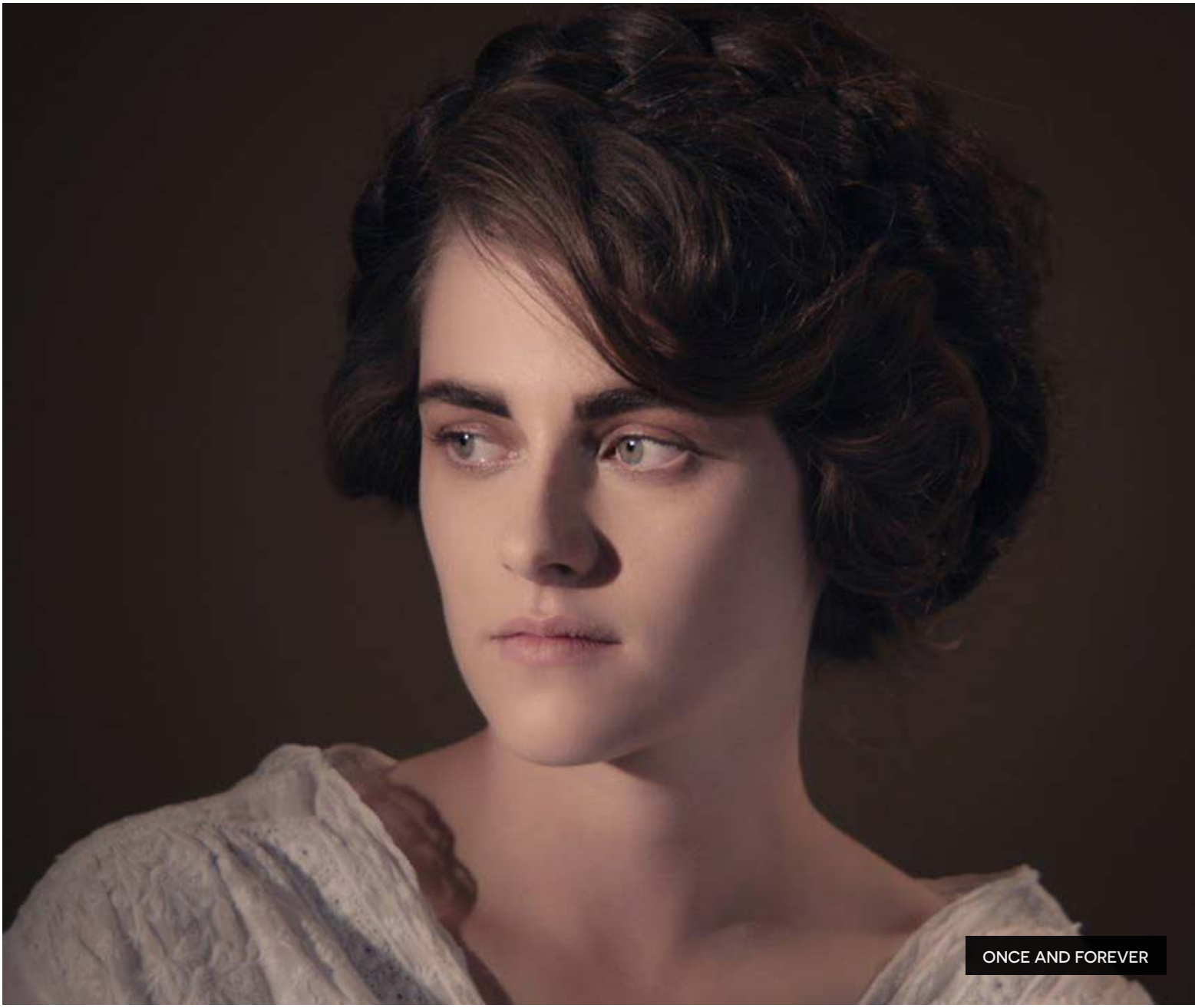
REINCARNATION

por Rebecca (Victoria Abril) que o repete em «Todo Sobre Mi Madre» numa cena de La Agradg (Antonia San Juan) onde ela destaca a elegância e intemporalidade do traje. A sua última colaboração foi com Franco Zeffirelli em «Callas Forever» (2002) com Fanny Ardant no principal papel. O filme é uma obra algo fraca, quase medíocre, porém consegue ser nomeado para um prémio Goya e para um Nastro d'Argento. Ambos, justamente, na categoria de melhor figurino...

LAGERFELD FILMA LAGERFELD.

Lagerfeld, ele mesmo, foi uma personagem. A forma específica como se vestia, as constantes boutades e mots-d'esprit, o secretismo em relação à sua vida privada tornaram-no num "boneco". A sua persona era de tal forma marcada e artificial que, surgindo em filme, apenas poderia fazer de si mesma. E assim aconteceu desde o início. A primeira aparição na grande tela acontece pela mão da estrela da pop art, Andy Warhol, em 1973. Nesta altura, Karl tinha já 40 anos e era sobejamente conhecido como o criador das marcas Chloé e Fendi. Em «L'amour» surge como um intelectual francês mas que, na verdade, é apenas a apresentação de um ângulo da sua caleidoscópica persona.

Todas as aparições futuras, no total de quase uma vintena de películas, ele é ele mesmo, seja enquanto cameo, seja enquanto ícone. Até numa das mais inusitadas colaborações, enquanto actor de voz, num filme de animação infantil, não conseguimos nos esquecer da sua imagem. Em «Totally Spies! Le film» (2009) de Pascal Jardin, Lagerfeld dá voz ao vilão Fabu. Se bem que o desenho em nada se pareça com a imagem de Karl, é impossível desligar-nos daqueles sotaque e entoações característicos do estilista.



ONCE AND FOREVER

Igualmente enquanto realizador, a sua persona abafa e abrange toda a obra. Dirige apenas duas pequenas-metragens, ambas sobre o universo Chanel. Mas tanto em «Reincarnation» (2014) como em «Once and Forever» (2015), não é a criadora original que retratam, mas sim da criação e re-invenção que ele dela fez. Um jogo de espelhos para melhor se mostrar. A primeira curta tenta retratar, de forma onírica, um dos mais importantes momentos para Coco Chanel (aqui representada por Geraldine Chaplin): quando a estilista, numa estadia em Áustria, repara no uniforme de um carregador de malas de hotel. As linhas despojadas, o debrum e os botões dourados iriam inspirá-la para a criação do seu eterno casaco. Com a inusitada participação do cantor Pharrell Williams e da modelo Cara Delevigne nos papeis de empregados de hotel que, magicamente, se transformam no casal imperial austríaco, José I e Sissi, dançando torpamente ao som de uma música que associa o nome Sissi ao duplo C da marca Chanel. Na segunda curta, temos Kristen Stewart no papel de uma diva de Hollywood que se prepara para desempenhar o papel de Coco. Um maior jogo de espelhos, com pretensões pós-modernas e de meta-representações, mas que se traduz num aborrecidíssimo anúncio publicitário de onze minutos.

Infelizmente, as suas obras cinematográficas, empalidecem perante o seu trabalho de fotografia e mais ainda se comparadas com o seu génio na Moda e na elaboração dos guarda-roupas que aqui mencionámos. Mas a contribuição do grande polímata para o cinema não será despicienda. Tanto dentro da tela, como em seu redor, Lagerfeld deixou uma marca indelével. E o seu nome será, com certeza, uma lenda. Como disse uma vez o próprio: "I've always known that I was made to live this way, that I would be this sort of legend."

LADRÕES DE TUTA E MEIA

HUGO DIOGO
REALIZADOR

Para a sua terceira Longa, Hugo Diogo (Os Marginais/2010, Incógnito/2006) escolhe uma comédia com conhecidos actores, sem qualquer apoio público. Ladrões de tuta e meia quer entreter um vasto público que o realizador prefere não qualificar. Um projecto assumidamente comercial que o realizador explica sem rodeios, apontando o dedo aos critérios do ICA que recusou financiar a pelicula, num reflexo do que considera ser a ausência de uma política de Cinema em Portugal. Um entrevista sincera e sem tabus de quem ama e respira cinema em português.

MARIA HENRIQUES RAPOSO

Hugo, porquê desta vez uma comédia?

HUGO DIOGO: Na verdade a primeira ideia era responder a uma questão de promoção da produtora Lanterna de Pedra que queria fazer uma comédia que chegasse a muitas salas com uma distribuição coerente, que está a cargo da PRIS Audiovisuais e com a qual estamos muito satisfeitos. Inicialmente o projecto foi pensado para mim como produtor, não era meu desejo realizar uma comédia, acabou por

acontecer devido a circunstâncias orçamentais.

Nos últimos anos têm estreado muitas comédias portuguesas...
HD: Portugal é um país muito pequeno mas estreia muitos filmes, se calhar demasiados para o público que existe. Estes projectos têm de ser pensados numa perspectiva comercial para um público final, não queríamos fazer uma comédia abonecada como o «Virados do Avesso» ou o «Sete pecados Rurais», queríamos fazer um filme que tivesse piada, que fosse bem feito, que tivesse actores com um *background* de comédia. Foi uma estratégia pensada com a distribuição, neste momento está 46 salas por todo o país.

Qual o público que queria atingir?
HD: É um filme muito aberto. Não há um público específico para o filme, não podemos estereotipar o público, é todo aquele que se quer divertir um bocado no cinema, ficar bem disposto.

Qual foi o seu critério para escolher os actores?
HD: O Rui Unas foi a primeira pessoa em quem pensei, há muitos anos que queríamos fazer um filme juntos. A Leonor Seixas apareceu depois e deram-se muito bem nas rodagens, há uma química grande entre os dois e isso percebe-se no filme. Os outros actores foi por intuição conforme a personagem, o Carlos Areia, a Melânia, foram surgindo.

O argumento foi inspirado em alguma estória em concreto?
HD: Quando se tomou a decisão, foi meu desejo meu fazer uma comédia que agradasse ao público em geral dentro da estrutura de produção contínua da Lanterna. Tenho uma ambição muito grande de fazer um filme todos os anos sem ter necessariamente de recorrer aos subsídios do ICA. A ideia original vem da comédia «Duplex» protagonizada pelo Ben Stiller e Drew Barrymore, que é muito engraçada. Fazer cinema é muito caro e precisávamos de fazer um filme que tivesse todos os elementos essenciais da comédia-piadas de texto, de expressão física, alguma tensão, umas personagens um bocadinho estereotipadas, isso tudo faz parte, e foram decisões muito conscientes.

Então como conseguiram apoios?
HD: Não tem apoios estatais. Tivemos algum patrocínio ao nível do guarda-roupa, e da Câmara Municipal do Seixal (que cedeu o Palácio da Fidalga, onde decorre parte da acção). Nunca fiz um filme com apoios estatais. Fiz quatro Curtas Metragens («Verão Invencível», «Lua Azul», «Imagens Proibidas», e «O Tempo de duas músicas») e duas Longas sem qualquer apoio.

Como explica isso?
HD: Nós candidatamo-nos mas os projectos não são bem recebidos: ou é um objecto cliché, ou é um objecto que assenta

em estereotipos, são critérios artísticos que para os Jurados têm alguma relevância, são discutíveis.

Mas apesar disso o cinema português continua vivo!

HD: Sim, está. O ICA é a ferramenta de apoio mais importante do cinema português. Têm agora uma ferramenta que se chama "Apoio à Finalização" que é o apoio à pós-produção, mas nós não beneficiámos desse apoio. Mais uma vez para o ICA e para os Jurados, o «Ladrões de Tuta e Meia» para o ICA não tinha critério artístico, dizem que o humor era muito corriqueiro, não sei a que tipo de humor se referem, não sabia que havia uma distinção entre humor inteligente e o outro, se calhar há!

Mas o Hugo tem um curriculum com alguns anos, e com vários géneros. É essa a sua outra ambição, tocar em todos os géneros?

HD: «Os Marginais», um filme de acção, foi um convite do Paulo Trancoso e realizei o filme para ele apesar da catástrofe de problemas que tivemos. Foi o meu filme com maior sucesso de bilheteira mas a nível de critério artístico, o «Imagens Proibidas» [género romance, 2018] é um filme muito mais bonito, mais bem feito, apesar da critica não ter sido boa, e juntamente com o «Verão Invencível», são os meus filmes preferidos.

O Hugo não pára, o que prepara neste momento?

HD: Estamos a preparar dois projectos: um que é baseado no estripador de Lisboa, e outro que tem algum apoio do ICA que temos de desenvolver...

Afinal tem algum apoio do ICA...

HD: Sim, mas este é à produção audiovisual e foi o nosso primeiro apoio, do final de 2017 e é muito pouco dinheiro. Vão ser duas Longas.

E o Mecenato, existe ou não?

HD: O Mecenato é muito mal aproveitado, seja para as produtoras, seja para o Mecenas, pois o Estado poderia ter um papel mais interventivo neste aspecto.

Em que sentido?
HD: Bem, para o Estado não vais ser bom, pois eles querem controlar o que as empresas estão a colocar no objecto de mecenato a nível fiscal, mas podia aplicar parte ou do IRC ou do IVA em projectos Culturais, assim como é feito com os 0,5% do nosso IRS...

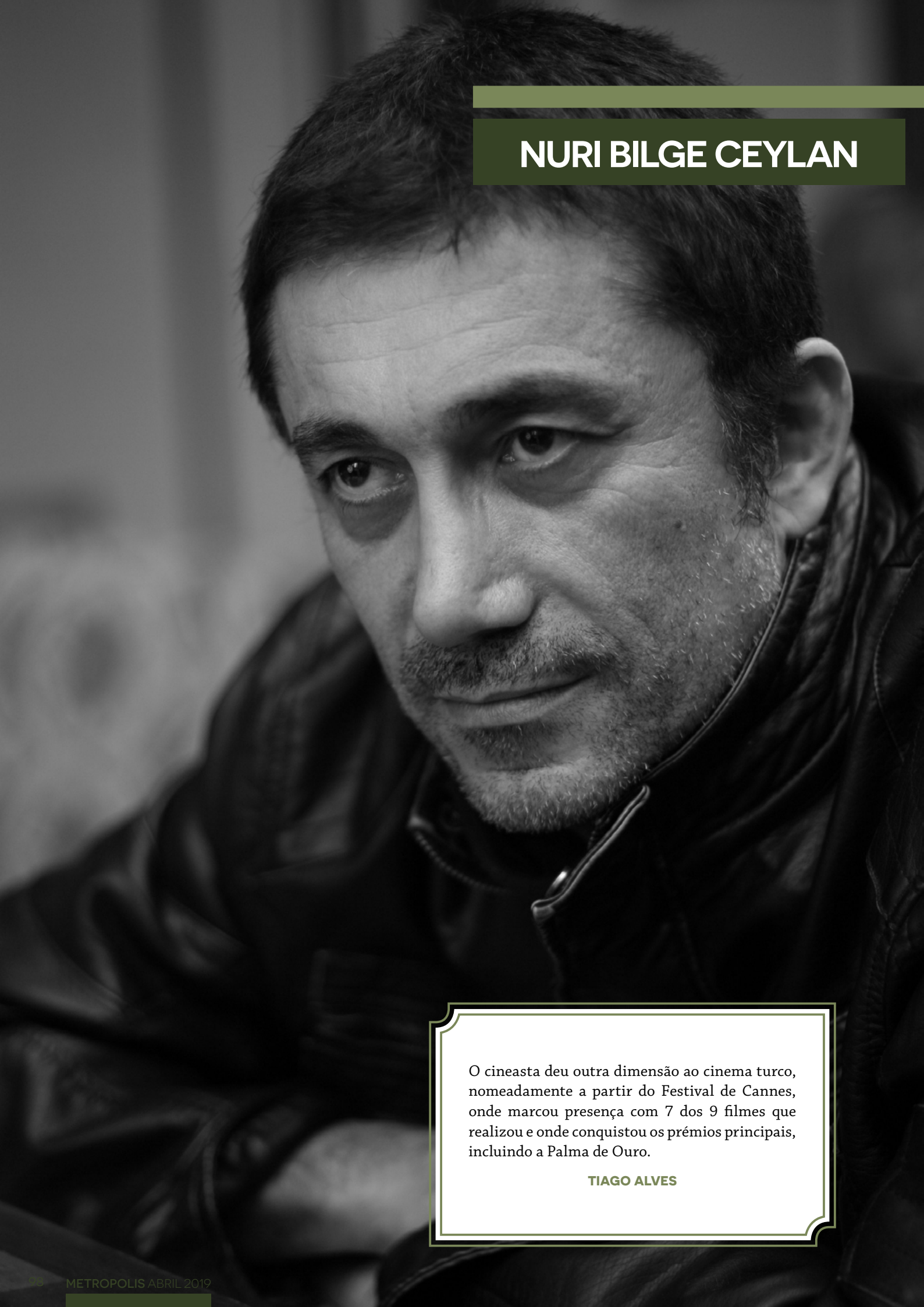
Os cineastas portugueses estão unidos sobre este problema?
HD: Infelizmente não existe essa união.

Mas existe a Academia Portuguesa de Cinema...
HD: Mas depois existem duas associações de cineastas que são antagónicos e há pouca diversidade no ICA que é só cinema de autor, os realizadores vêm com maus olhos este tipo de cinema, é um preconceito sobre o cinema dito comercial.

Qual é a sua maior ambição em termos de reconhecimento?
HD: Se calhar, que o meu nome esteja associado ao cinema português, que quando se fale do Hugo Diogo se fale de uma pessoa que viveu e respirou cinema português.

Quer terminar com um apelo?
HD: Ninguém fala nisto, mas seria importante que o Governo repensasse uma cultura de Cinema para o país, pois no orçamento da Cultura não existe um cêntimo para o Cinema. Todo o dinheiro que existe no ICA provém das taxas dos distribuidores, das televisões. Não é do Orçamento da Cultura e ninguém sabe disto. Uma vez que estamos a competir com outros países da UE que têm orçamentos na ordem dos 2 milhões de euros de orçamento por filme. Obviamente o dinheiro compra tempo e decisões. Outros apoios? A RTP comprou Os Marginais porque o filme apareceu feito, não tive nenhum subsídio.

NURI BILGE CEYLAN



O cineasta deu outra dimensão ao cinema turco, nomeadamente a partir do Festival de Cannes, onde marcou presença com 7 dos 9 filmes que realizou e onde conquistou os prémios principais, incluindo a Palma de Ouro.

TIAGO ALVES

SENSIBILIDADE TURCA

Nasceu em Istambul, há exatamente 50 anos, passou a infância no interior da Turquia, numa região a norte do mar Egeu, e regressou à capital turca para concluir o secundário e os estudos superiores tendo frequentado o curso de engenharia química na Universidade Técnica de Istambul. No entanto, viviam-se tempos turbulentos e as aulas eram constantemente interrompidas por boicotes e confrontos políticos.

Durante dois anos não teve oportunidade de seguir com o curso e acabou por mudar para outra universidade, optando por engenharia elétrica. As engenharias não eram claramente a sua vocação e acabou por desenvolver um interesse por fotografia, artes visuais e música clássica.

Frequentou aulas de cinema, concluiu a sua formação e viajou para Londres e Katmandu, procurando refletir sobre o seu futuro. No regresso à Turquia, concluiu o serviço militar obrigatório e retomou a aprendizagem de cinema na universidade. Após dois anos a estudar e a tirar fotografias teve uma oportunidade de assumir um papel no elenco de uma curta-metragem de um amigo. Todo este percurso levou-o a chegar ao cinema quando já tinha mais de 30 anos...

No final de 1993, Nuri Bilge Ceylan começou a filmar a curta-metragem «Koza» (tradução livre: Casulo). O filme foi exibido no Festival de Cannes, em maio de 1995, e tornou-se na primeira curta-metragem turca a ser selecionado para a competição do festival francês.

Seguiram-se três longas-metragens descritas como integrando a 'trilogia da província'. «Kasaba» («A Cidade Pequena», 1997), «Mayis Sikintisi» («Nuvens de Maio», 1999) e «Uzak – Longínquo» (2002). Nesses filmes, Ceylan mobilizou os seus amigos mais próximos, parentes e familiares para desempenharem as tarefas de atores e assumiu praticamente todos os papéis técnicos: a fotografia, o design de som, a produção, a edição, a escrita e a direção ...

OS TRÊS MACACOS

SONO DE INVERNO

Quando «Uzak – Longínquo», o filme final da trilogia, ganhou o grande prémio do Festival de Cinema de Cannes, em 2003, Ceylan tornou-se um nome reconhecido internacionalmente. Após a estreia no festival, «Uzak – Longínquo» arrecadou um total de 47 prémios, 23 deles internacionais, e tornou-se o filme mais premiado da história do cinema turco.

O filme seguinte foi «Climas» (2006), que estreou novamente no Festival de Cinema de Cannes, desta vez conquistando o Prémio FIPRESCI, da federação internacional de críticos de cinema. Os papéis principais neste filme foram compartilhados por Nuri Bilge e a sua esposa Ebru Ceylan. Eles interpretaram a história de uma ruptura sentimental, ao sabor das estações, na tradição de Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni. Em «Três Macacos» (2008), seguimos uma família despedaçada por pequenos segredos que se tornam grandes mentiras – é um filme sobre uma tentativa desesperada de manter a união familiar recusando encarar a verdade. Nuri Bilge Ceylan voltou a ser distinguido em Cannes, com o prémio de melhor realizador, e «Climas» tornou-se no primeiro filme turco a fazer parte da lista de candidatos ao Óscar de melhor filme estrangeiro.

Em 2009, o realizador turco regressou a Cannes, desta vez como membro do júri principal da competição. E dois anos mais tarde reentrou na competição com um filme rodado novamente no interior inóspito da Tur-

ERA UMA VEZ NA ANATÓLIA

quia. «Era Uma Vez na Anatólia» (2011) é a uma longa e exaustiva viagem que advogados, coveiros, polícias e um médico legista fazem pelas estepes da Anatólia em busca de um corpo. O suspeito do homicídio, guia estes homens até ao local onde sepultou o cadáver. O filme recebeu o Grande Prémio do Júri do Festival de Cannes.

De consagração em consagração... «Sono de Inverno» (2014) conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes. É um drama sobre a vida conjugal, intimista, juntando num espaço confinado, durante o rigoroso inverno, um ator reformado que gere um hotel, a sua jovem mulher e a irmã que ainda lida com um divórcio recente. O hotel torna-se um refúgio para os três. Enquanto a neve vai caindo, eles vão descobrindo os seus dilemas e conflitos.

Nuri Bilge Ceylan trilhou o seu percurso emocional em oito longas metragens onde colocou personagens em confronto com a sua condição e natureza humana. Assim sucede em «A Pereira Brava» (2018), a história de um jovem autor que procura seguir a sua paixão pela literatura mas depara-se com uma complicada dinâmica familiar causada pelo vício do jogo do seu pai, o que deixa a mãe e irmã desesperadas. A sua busca de sentido e direção torna-se a fonte de longas e densas conversas que formam a estrutura emocional e intelectual do filme. Ceylan pensa sempre através do cinema que filma.

BIG VS SMALL

MINNA DUFTON
REALIZADORA

Para limpar a cabeça, a jornalista e realizadora finlandesa Minna Dufton gosta de ver vídeos de gatos no YouTube. Mas além desses animais fofinhos, Minna percebeu que ver vídeos de ondas gigantes tinham o mesmo efeito sobre si. Foi então que um dia descobriu o vídeo da única portuguesa que surfa ondas gigantes e decidiu contar a sua história. «BIG vs small» ainda está em fase de realização, mas a sua realizadora já se rendeu ao nosso país, à energia das nossas ondas e, sobretudo, à inspiração que é a vida da surfista Joana Andrade.

SARA AFONSO

Apaixonada pelo oceano [e aquariana, como gosta de ressalvar], Minna Dufton lembra-se de desde criança ver o seu avô sempre munido de uma câmara de vídeo a registar todos os momentos. No entanto, só percebeu que seria a realização o seu caminho profissional quando começou a estudar *Media Production* e Jornalismo em Inglaterra, em 1997. "Conheci imensas pessoas que eram apaixonadas por fazer documentários e senti que queria experimentar fazer um também. Para o meu projeto final de curso desenvolvi um documentário sobre o meu medo de voar e ganhei o premio para

FOTOS: ELINA MANNINEN

Melhor Documentário da Sony. Enviei, então, a cassete VHS para a BBC e ganhei a oportunidade de realizar uma experiência com eles fazendo um documentário sobre um desastre químico. Acho que a partir daqui se pode dizer que o resto é história!", reflete a realizadora.

BIG VS SMALL

Neste momento está na indústria há 20 anos e continua a adorar cada dia. "Sou uma contadora de histórias e apaixonada pelo que faço." E foi precisamente esta vontade de contar histórias e inspirar os outros que a levou ao ponto em que se encontra hoje: a realização do documentário «BIG vs small», que tem como foco a história de Joana Andrade, uma surfista portuguesa que é também a única mulher no nosso país, e uma das poucas europeias, a enfrentar ondas grandes.

"Sempre me senti puxada pelo oceano, adoro ver as ondas e ouvir o som que fazem. Há uns anos, encontrei um artigo no site da BBC sobre mulheres que surfam ondas grandes e a sua luta pela igualdade nesse desporto. Foi a primeira vez que tive contacto com as ondas grandes e o surf dessas mesmas ondas. Comecei, então, a ver vídeos de pessoas a surfarem ondas gigantes na Nazaré e em Mavericks, no YouTube, e fiquei completamente agarrada", partilha a jornalista, escritora e realizadora finlandesa responsável por diversos documentários para televisão.

Numa viagem que fez a Portugal, para um retiro de ioga, meditação e surf, em março de 2018, o surf ressaltou no seu imaginário e através dos donos do espaço onde estava a fazer o retiro começou a investigar mais sobre surf de ondas gigantes em Portugal. Soube, nesse momento, que tinha de conhecer uma mulher que surfasse ondas grandes. "Assaltou-me a ideia de fazer um documentário sobre surf de ondas gigantes e de uma perspetiva feminina. E foi, então, que "encontrei" a Joana. Enviei-lhe um e-mail a apresentar-me e a dizer o que pretendia fazer e, felizmente, ela não pensou que eu fosse louca", partilha entre risos.

De repente, aquela necessidade de ver ondas grandes sempre que precisava de fazer uma pausa no trabalho ou na vida, passou a fazer sentido como mote do seu próprio documentário e toda aquela quantidade de energia presente nestas "montanhas de água" enfrentada por uma mulher de 1,58 m de altura mais do que justificava esta missão pelo mundo do surf. "Com este documentário, «BIG vs small», quero, antes de tudo, contar a história de uma surfista de ondas grandes. Quero mostrar ao mundo como alguém tão pequenina como a Joana Andrade consegue surfar ondas tão maciças e mergulhar profundamente no papel que o surf tem na sua vida."

EMPODERAMENTO FEMININO

No entanto, este não será apenas um filme sobre surf de ondas grandes. “Com o filme quero inspirar outras raparigas e mulheres a encararem os seus medos e a conquistá-los. Acredito que todos nós enfrentamos grandes desafios nas nossas vidas, que nos assustam e que nos fazem sentir bem pequeninos. Existem muitas coisas que os espectadores podem aprender com a história da Joana. Sinto-me muito honrada por poder partilhar uma pequena parte da sua vida enquanto desenvolvo este filme”, afirma a cineasta.

Levando ainda mais longe este compromisso com o empoderamento feminino, Minna Dufton, que também realizou um documentário sobre a candidata da Finlândia ao Festival da Eurovisão de 2018 em Lisboa, Saara Aalto, convidou outra Johanna para fazer parte desta viagem. Trata-se de Johanna Nordblad, uma mergulhadora finlandesa de águas geladas que, “por coincidência”, era também a designer gráfica que desenhou o site oficial da realizadora. “Conheci a Johanna através da sua irmã, fotógrafa, Elina Manninen [autora das fotos neste artigo]. A Johanna é designer gráfica no seu trabalho de dia, e como criou um dos meus sites, tive a oportunidade de a conhecer um pouco melhor. Sabia que ela era uma força da Natureza, tal como a Joana, e foi por isso que não podia hesitar em convidá-la para fazer parte deste documentário. Felizmente, ela disse que sim!”

Apesar da sua alta estatura em relação a Joana Andrade, as duas “Joanas” tinham muito mais coisas para partilhar além do amor pela água. “Sabia que eram muito parecidas e que podiam trocar muito conhecimento entre as duas. E no momento em que elas se conheceram pela primeira vez, em Helsínquia, a minha câmara pôde captar algo realmente especial. Pareciam duas amigas de sempre que se tinham reencontrado novamente, ou

JOHANNA NORDBLAD E JOANA ANDRADE

até mesmo irmãs. Vê-las juntas fez-me acreditar ainda mais neste trabalho", resume a realizadora.

Tendo em conta o nome do documentário e a forma como tantas vezes nos sentimos pequenos face aos desafios, Minna Dufton acredita que "este filme funciona como uma ferramenta de empoderamento para raparigas e mulheres, mas também para todas as pessoas que alguma vez se sentiram "pequenas" de alguma forma". Na verdade, acredita mesmo que "quando as mulheres fazem filmes inspiracionais sobre ouras mulheres, somos capazes de chegar ao fundo das questões e das respostas que todos precisamos de ouvir acerca da igualdade e autoconfiança. Tantas mulheres, ainda hoje, se rebaixam, assim como as suas ideias, capacidades e potencial. Porquê? Acho que é tempo de darmos umas palmadinhas nas nossas próprias costas e encorajarmo-nos a avançar e irmos atrás dos nossos objetivos – seja o que for que cada uma de nós quer alcançar."

SEJAMOS EXTRAORDINÁRIOS

Nem todas as pessoas sonham em surfar uma onda de 30 metros como Joana Andrade e, por isso, esta história tem tudo para ser extraordinária, mas todos sonhamos em sermos capazes de alcançar os nossos objetivos e sonhos. Então, e como reflete a realizadora, "vamos fazer por isso!"

Num mundo em que vivemos com medo todos os dias e em que o medo está presente em tudo o que acontece, é necessário contar mais histórias como esta. "Penso que com o poder da mente podemos enfrentar qualquer medo. E isso é algo que o «BIG vs small» irá demonstrar. No filme, a Joana viaja da Ericeira para um lago gelado a zero graus, na Finlândia, para treinar com a Johanna. Aqui, vemos algumas transformações reais a acontecerem e mudanças verdadeiras na mente, com as quais todos conseguimos relacionar-nos. Estou confiante que este filme inspire não só surfistas, mas qualquer pessoa que

queira treinar a sua mente."
No entanto, tendo em conta que se trata de um filme sobre dois países que se encontram nos limites opostos da Europa, existem sempre desafios que importa contemplar: de acordo com a cineasta o desafio da distância tem sido o maior de todos. "Adorava poder passar mais tempo em Portugal do que consigo na verdade neste momento. Para a próxima época de ondas grandes estou a planear em mudar-me com a minha família para mais perto da Ericeira, de forma a estar mais próxima da Joana quando ela for surfar na Nazaré. Também estou a ter aulas de português aqui em Helsínquia para que possa perceber alguma coisa das conversas enquanto filmamos em Portugal. Em Portugal, estamos a fazer todas as entrevistas em português, o que é um desafio bastante grande para mim. Trabalhei em finlandês ou inglês durante 20 anos como jornalista e realizadora, por isso, esta é uma grande mudança, mas muito consciente, para mim. Estou a usar tradutores locais para me ajudarem com todas as entrevistas e as pessoas fantásticas que vou conhecendo pelo caminho. "

O CAMINHO MENOS PERCORRIDO

Depois de terminado, «BIG vs small» já tem um alinhamento definido. "As filmagens ficarão prontas no final de 2019. Estimamos que o documentário esteja pronto em 2020 e que seja exibido no canal Discovery Networks Finland (propriedade do Discovery Channel) durante a primavera de 2020. O documentário vai também estar presente em alguns festivais internacionais e esperamos encontrar um distribuidor de televisão generalista muito em breve." Para já, o filme já deu o mote para um evento inspirado na água gelada e surf, em Helsínquia, no Allas Sea Pool, no final de fevereiro de 2020. "Nesse momento, esperamos convidar surfistas de ondas gigantes, surfistas e cientistas

MINNA DUFTON

do mundo inteiro para virem e experimentarem treino em água gelada com a mergulhadora de águas geladas Johanna Nordblad e *workshops* de respiração com o mergulhador australiano Adam Sellars. Os detalhes deste seminário irão ser partilhados em @bigvssmallfilm (Instagram). Este evento será o primeiro deste género no mundo e servirá para ajudar surfistas com apneia e mergulho em águas geladas, para ajudar a reduzir os riscos de afogamento ou acidentes que provoquem lesões.

Fã de Portugal, Minna Dufton sabe que o seu trajeto no nosso país não ficará por este filme. "Já estive em Portugal três vezes no ano passado e adoro o vosso país. Adoro as cores vibrantes, a natureza incrível, a energia de ter o oceano Atlântico tão perto, a simpatia e amabilidade das pessoas, assim como a língua e cultura portuguesas. Acho que encontrei o local para fugir ao inverno cinzento e gelado da Finlândia. E adoro especialmente a Ericeira e desejo passar mais tempo lá para aprender a fazer surf – e a ver as ondas, obviamente" sumariza a jornalista.

Até lá, a também proprietária de uma produtora de filmes e TV, a Raggari films (www.raggarifilmi.fi), que nasceu com o intuito de encorajar mulheres realizadoras, argumentistas e produtoras a fazerem filmes e documentários para televisão afirma que esta viagem já valeu a pena só por conhecer Joana Andrade. "Ela é pura energia e paixão numa embalagem pequena – um pouco como eu me sinto. A Joana mede 1,58 m e eu meço 1,56 m! Aprendi que somos muito parecidas: duas mulheres de estatura baixa que não têm medo de enfrentar grandes desafios. E acredito que ambas partilhamos os mesmos interesses profissionais: ambas queremos empoderar raparigas e mulheres e isso é algo que me deixa muito feliz", conclui Minna Dufton.

FOTO DE MINNA DUFTON: ILONA ORANEN, VALO FILMS

VERÃO EM RILDAS

Codiretor do cultuado 'Conceição', Daniel Caetano, um dos mais explosivos (e respeitados) pensadores do cinema nacional, volta às telas com «Verão em Rildas», um 'filme de turma'

ENTREVISTA

RODRIGO FONSECA

Não há como se fazer uma reflexão lúcida sobre a crítica brasileira sem passar os textos de Daniel Caetano em revista. Há pelo menos duas décadas, a literatura cinéfila produzida no Brasil, sobretudo na internet, tem nele uma referência de provocação – e de excelência. Professor do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Rio das Ostras, e organizador de livros seminais como "Cinema Brasileiro 1995/2005 – Ensaios sobre uma década", ele tem uma obra paralela como cineasta cuja poética se baseia numa trança entre a memória, amizade e crónica de costumes, tendo o próprio audiovisual como foco. Realizador de «Coisas Nossas» (2013) e «O Velho e o Novo» (2012) e codiretor do cult «Conceição – Autor bom é autor morto» (2007), Caetano tem uma longa-metragem inédita, «Verão em Rildas», que a Europa precisa de conhecer para entender os rumos da realidade social brasileira.

Nessa experiência narrativa, um grupo de estudantes de Rio das Ostras resolve produzir coletivamente um festival de artes. Entre trabalho e festas, vivem as delícias e alguns dos dissabores da vida universitária numa pequena cidade. No entanto, a repercussão equivocada de um evento provoca polémica nos média sociais e afeta diretamente as suas vidas. Na sala de aula e nas redes sociais, o

diretor é uma referência de lucidez para o debate da indústria da arte no Brasil. "Hoje, é mais fácil produzir e lançar filmes, discos ou livros, mas é cada vez mais difícil fazer eles serem vistos. As exceções são o funk e o hip-hop, que a seu modo, conseguiram se apropriar de alguns formatos de distribuição e repercussão. Mas, no cinema, a estrutura de distribuição de filmes sempre marginalizou a produção brasileira. Ainda assim, mesmo que distantes da plena repercussão social, eu vejo com bastante entusiasmo o surgimento desses novos polos de produção de filmes em outros estados. E sinto que aqui no Rio de Janeiro tem gente boa produzindo, mas a nossa cidade passa por uma crise de autoestima mais grave que o resto do país", diz o cineasta, que avalia a realidade da criação artística em nossas telas na entrevista que se segue.

A que temperatura ferve esse verão autoral do seu novo filme no que diz respeito à fricção entre fatos e ficções, episódios reais e memória?

DANIEL CAETANO: «Verão em Rildas» surgiu de uma vontade muito grande de falar de um certo universo e de uma "baita" coincidência. No caso, o enredo de um roteiro que eu passei anos tentando produzir aqui no Rio de Janeiro parecia estar acontecendo na realidade de alguns estudantes que, estavam prestes a se formarem. Minha história original falava do momento em que um grupo de amigos parecia estar prestes a se desfazer, às vésperas de um dos seus componentes sair do país para estudar - e o mesmo aconteceu com esse grupo de estudantes. Eu queria falar dessa geração que, a partir do Enem [Exame Nacional do Ensino Médio] e da interiorização das universidades, passou a sair da casa dos pais e morar em repúblicas nas cidades pequenas para estudar. Veio deles mesmo a proposta de incluir no filme

VERÃO EM RILDAS

DANIEL CAETANO
REALIZADOR

Uma conversa sobre a polêmica da "Xereca Satânik", que em 2014, a partir de uma performance da artista Raíssa Vitral, gerou um episódio que marcou eles profundamente.

Sua militância em textos e em sala de aula é longa e muito respeitada, mas teu cinema parece bissexto, em volume de produção. Agora, o seu regresso às longas coroa uma trajetória de muita reflexão. Que situação o seu filme encontra, em relação à "saúde comercial" do nosso cinema, na sua estreia?

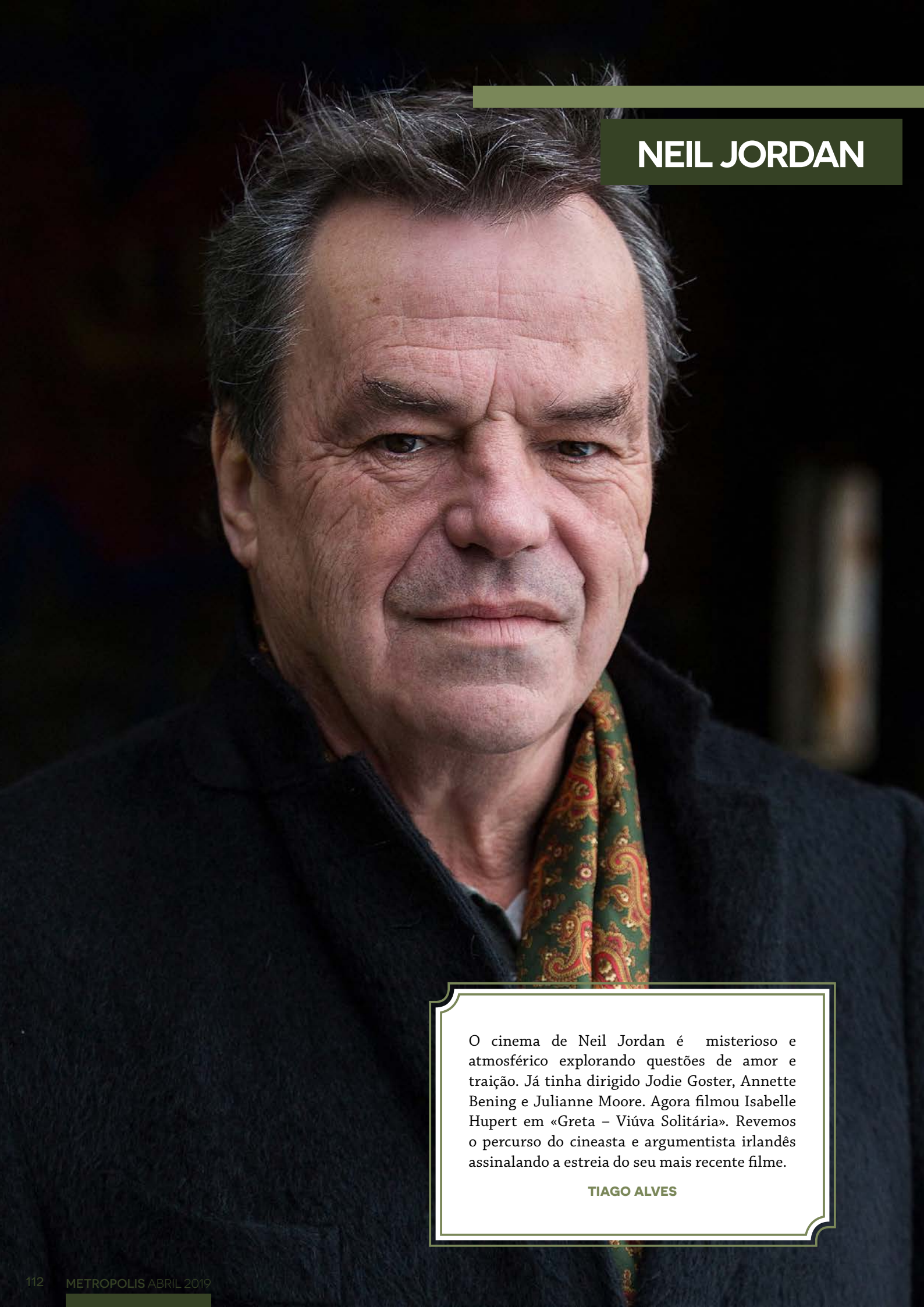
DC Na verdade, eu sempre tive projetos de filmes e ainda tenho muitos. O caso é que não é nada fácil superar a peneira dos júris de editais. Passei anos dedicado à produção de «Conceição - Autor bom é autor morto» e do documentário «O mundo de um filme» (ambos filmes dirigidos coletivamente: o primeiro com André Sampaio, Samantha Ribeiro, Cynthia Sims e Guilherme Sarmiento; o segundo, feito com Clara Linhart e Camila Maroja). Ao longo destes anos e dos seguintes, tentei conseguir financiamento para vários projetos e uma hora desconfiei que havia um consenso que me deixava do lado de fora desse funil. Depois de vinte anos me dedicando a fazer

cinema, se eu ainda estivesse esperando ser premiado num edital para fazer um filme, até hoje não teria feito nenhum. Eu me dei conta disso em um momento de 2012, quando tinha acabado de finalizar uma curta-metragem chamada «O velho e o novo». De lá para cá, foram duas longas e mais duas curtas-metragens, produzidas em seis anos de forma independente, na raça. Sobre o nosso cinema atual, continuamos na mesma situação que décadas atrás fez Humberto Mauro ironizar: temos muito talento, temos excelentes técnicos, temos belas paisagens e bons enredos; só o público é que é ruim.

Como seria essa situação de desconexão com o público?
DC Continuamos a fazer filmes que, em sua imensa maioria, não estão acessíveis à maior parte da população. Volta e meia surgem alguns filmes realmente fortes, mas ficamos isolados, uns mais e outros menos, sem muita capacidade de repercussão na sociedade. No momento, tornar possível que os filmes cheguem ao público e que nosso cinema de fato faça parte do quotidiano da nossa sociedade deveria ser uma obsessão de todos nós que gostamos disso.

Qual é o lugar da "memória" e qual é o lugar do "cinema de amigos" na tua obra?
DC: Acho que todos os meus filmes estão ligados ao tema da memória, sendo que a maior parte deles na relação entre memória e morte: o «Conceição», o «Mundo de um filme», o «O velho e o novo», o «Coisas nossas», o «Mater dolorosa». Mas tanto o «Rio em chamas» quanto o «Verão em Rildas» têm um desejo de urgência que tira a morte de cena e trata da memória do que está acontecendo no próprio momento. Já uma ideia de "cinema de patota" ou "de galera" me é muito cara. As três longas que fiz tratam em alguma medida dessa ideia de "turminha" e dos impasses dos projetos coletivos. São também "filmes de conversa", que é outra tradição forte da nossa cinematografia.

Há uma sequência no filme em que uma personagem diz: "Isso aqui é muito lindo... mas você vai embora, né?", num momento de desabafo, de ficção lírica. Qual é a medida de fato e de ficção na construção do teu roteiro?
DC Esse filme é movido por questões da realidade atual - a parte da ficção é basicamente um dispositivo, para usar um termo da moda, para acionar um método que me permitisse registrar a realidade daquele grupo de estudantes, aquele momento intenso e quente de suas vidas. Por isso, o interesse que o «Verão em Rildas» pode despertar não é o de artifícios narrativos engenhosos, mas o de mostrar com veracidade uma determinada situação que hoje muitas pessoas não conhecem, a dessas comunidades de jovens que se criam em torno de faculdades no interior do país.



NEIL JORDAN

O cinema de Neil Jordan é misterioso e atmosférico explorando questões de amor e traição. Já tinha dirigido Jodie Goster, Annette Bening e Julianne Moore. Agora filmou Isabelle Hupert em «Greta – Viúva Solitária». Revemos o percurso do cineasta e argumentista irlandês assinalando a estreia do seu mais recente filme.

TIAGO ALVES

O CINEASTA ESCRITOR

A afirmação artística de Neil Jordan começou através da escrita de romances e de contos, tendo recebido um prémio de ficção do jornal The Guardian com o seu primeiro livro de histórias, «Night in Tunisia» (1976).

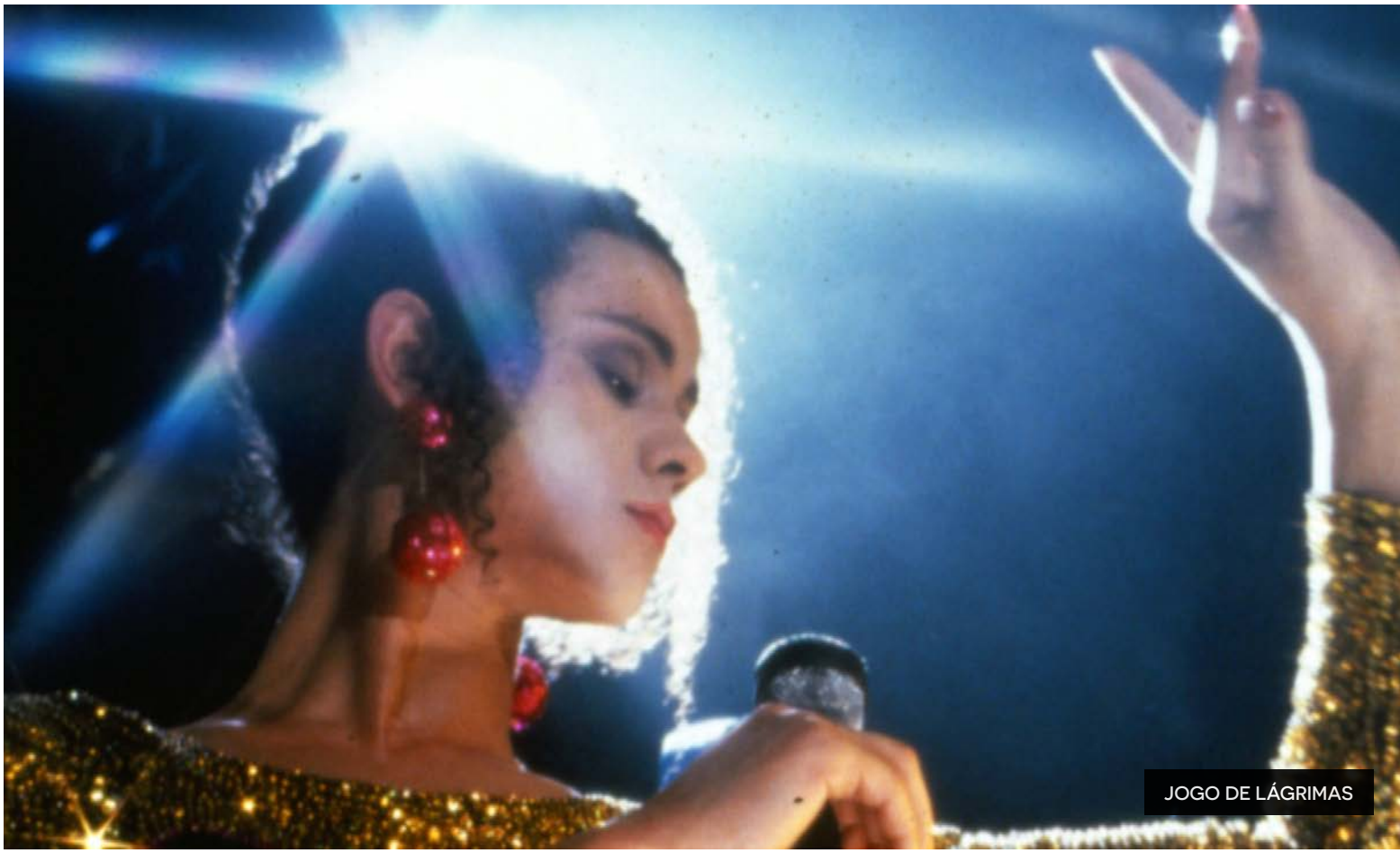
Nascido em Sligo, na Irlanda, em 1950, entrou no cinema quando foi contratado pelo cineasta John Boorman para consultor de argumentos. Nunca mais parou de escrever sendo autor de todas as histórias originais que filmou ou tendo participado no adaptação de várias obras literárias para cinema.

Estreou-se na realização com «O Anjo da Vingança» (1982), um policial negro sobre um saxofonista que testemunha os homicídios do 'manager' da sua banda e de uma rapariga surda-muda. O ator Stephen Rea surge no papel principal e tornou-se, a partir daqui, numa presença regular no cinema do realizador..

Seguiu-se «A Companhia dos Lobos» (1984), uma das variações mais interessantes sobre o enredo clássico da Capuchinho Vermelho, avó e caçador. É um *thriller* de época que explora a temática popular e ancestral da relação entre o homem e o lobo, partindo de um conto da escritora Angela Carter. A consagração maior aconteceu no Fantasporto, onde «A Companhia dos Lobos» ganhou os prémios do júri, da crítica e do público- que lá esteve nesse ano não esquece! O seu terceiro filme é o policial «Mona Lisa» (1986), onde Bob Hoskins interpretou um homem saído da prisão que arranja emprego como motorista de uma 'call girl', transportando-a de encontro para encontro.

A comédia «Ninguém é Santo» (1989) e o drama «Amar Uma Desconhecida» (1991) não acrescentaram nada de relevante no percurso artístico de Neil Jordan. O momento da consagração do realizador chegou com «Jogo de Lágrimas» , um filme surpreendente, na época, pela forma como abordou a temática da transexualidade. Neil Jordan foi reconhecido com o seu primeiro e único Óscar na categoria de argumento original.

Este sucesso deu-lhe possibilidade de trabalhar com dois atores de primeira classe, Brad Pitt e Tom Cruise



JOGO DE LÁGRIMAS

BREAKFAST ON PLUTO

que estiveram reunidos em «Entrevista com o Vampiro» (1994), uma adaptação de grande orçamento do romance de Anne Rice.

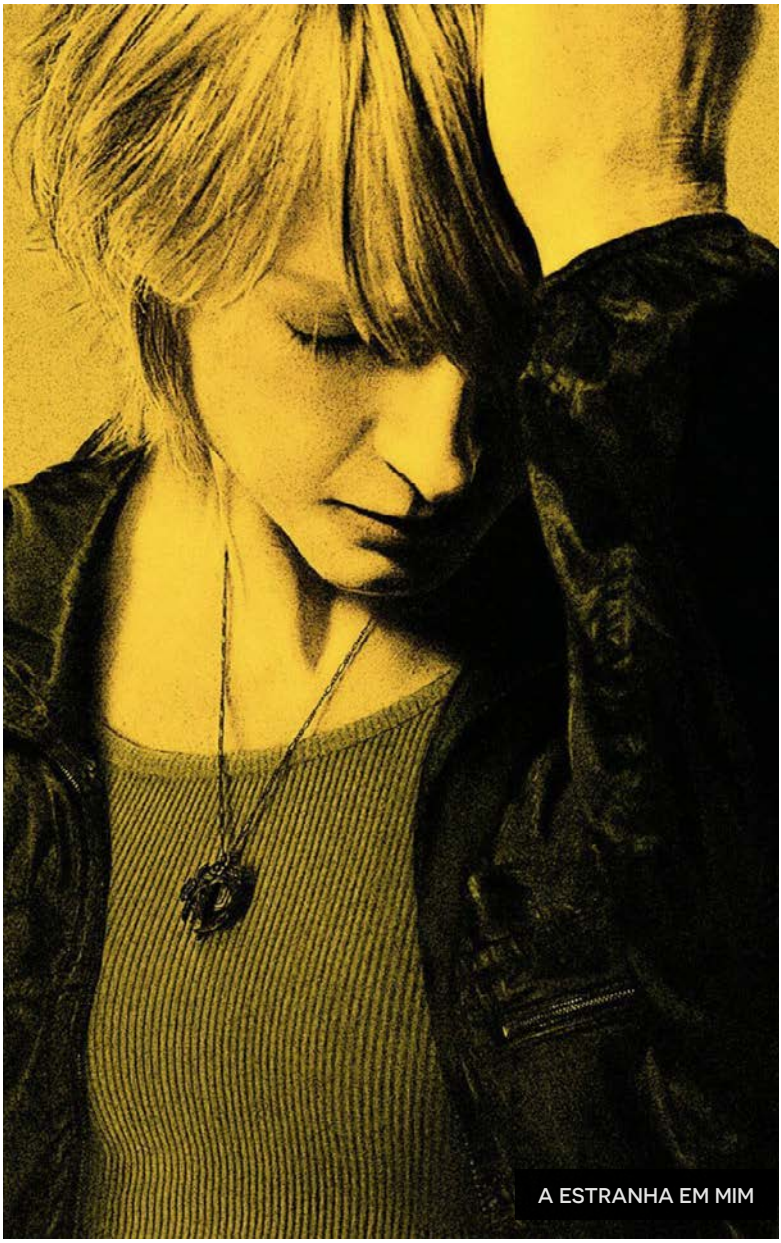
Posteriormente dirigiu «Michael Collins» (1996), onde Liam Neeson interpretou o papel do líder independentista irlandês. O filme biográfico foi premiado com o Leão de Ouro em Veneza, a maior consagração de Neil Jordan num festival internacional.

Continuou a filmar histórias genuinamente irlandesas em «O Rapaz do Talho» (1998), uma comédia sombria sobre um jovem problemático numa família disfuncional, filho de um pai alcoólico e de uma mãe bipolar. Com este filme, Neil Jordan recebeu o Urso de Prata para melhor realizador no Festival de Berlim.

Mantendo-se fiel ao seu registo novelesco policial dirigiu Anete Bening em «Premonição» (1999), um filme sobre um mulher suburbana que estabelece uma ligação psicossomática com um assassino e que se sente impelida a tentar impedi-lo de cometer mais crimes.

Nesse mesmo ano, Neil Jordan trabalhou com Julianne Moore em «O Fim da Aventura» (1999), a adaptação de um romance clássico e magnífico de Graham Greene, onde é contada a história de um homem desesperado que tenta descobrir porque é que a sua amada o deixou. Stephen Rea voltou ao cinema de Neil Jordan desempenhando o papel principal.

No início do século XXI, Jordan refez o filme «Bob le Flambeur» (1956) de Jean-Pierre Melville, com o tí-



A ESTRANHA EM MIM

tulo «O Bom Ladrão» (2002), onde contou a história de um jogador veterano que planeia um assalto a um casino em Monte Carlo.

Retomou a temática da transsexualidade num dos seus filmes mais marcantes, «Breakfast on Pluto» (2005), sobre uma jovem irlandesa que não é socialmente aceite na pequena cidade onde cresce e opta por mudar-se para Londres.
O cinema de Neil Jordan está recheado de personagens femininas marcantes, como sucedeu em «A Estranha em Mim» (2007), onde Jodie Foster desempenhou uma radialista que assume a sua própria defesa pessoal e decide vingar-se do homem que a agrediu e matou o seu noivo.

Nos seus filmes seguintes contou-nos uma fantasia de um pescador que apanha uma mulher na sua rede e acredita que ela é uma criatura mítica («Ondine», 2009) e dirigiu um *thriller* de vampiros («Byzantium», 2012).

Além dos seus créditos cinematográficos, Jordan também desenvolveu a série televisiva «Os Bórgia» (seis episódios entre 2011/13), diversas curtas-metragens, e videoclips para os grupos irlandeses U2 e The Pogues.

Na sua mais recente longa metragem, «Greta – Viúva Solitária» (2018), dirigiu Isabelle Huppert e Chloë Grace Moretz num drama misterioso sobre a relação de amizade entre uma jovem e um viúva misteriosa e com motivações sombrias.

SHARP OBJECTS

A entrada da HBO no mercado português trouxe presentes no 'sapatinho', como é o caso de «Sharp Objects», protagonizada por Amy Adams e realizada por Jean-Marc Vallée. Apresentada como uma minissérie de apenas uma temporada, pode afinal vir a ter uma segunda.

SARA QUELHAS

Dificilmente haverá um caso de sucesso, entre os escritores atuais, como o de Gillian Flynn, que já teve os seus três livros (longos) adaptados ao pequeno ou grande ecrã, no espaço de quatro anos. Ironicamente, em ordem inversa: a primeira adaptação aconteceu com «Em Parte Incerta» (2014), baseado no livro de 2012 e que teve a protagonista Rosamund Pike nomeada ao Óscar, depois «Lugares Escuros» (2015), tendo por base o livro de 2009, e por fim «Sharp Objects», série inspirada pelo primeiro livro da americana, publicado em 2006. Com uma 'short story' pelo meio, "The Grownup", Gillian parece ter transitado agora para os argumentos, com a adaptação de «Viúvas» (2018) ao cinema e a criação da série «Utopia», com estreia agendada para 2019.

Apesar da desvantagem de ter recebido a série mais tarde – «Sharp Objects» estreou originalmente em julho – o público português não tem de desesperar por episódios, já que os 10 ficaram disponíveis ao mesmo tempo no serviço de *streaming*. O ideal para quem gosta de maratonas. Por sua vez, na cadeira de realização encontramos uma figura

conhecida: Jean-Marc Vallée, bem lançado pelo sucesso de «Big Little Lies», que, aliás, deverá regressar em breve para a segunda temporada, com Meryl Streep no elenco. Além disso, seguindo o exemplo da série encabeçada por Reese Witherspoon e Nicole Kidman, e de «The Handmaid's Tale» da Hulu, que continuaram apesar de encontrarem o final do livro na primeira temproada, «Sharp Objects» pode não ter dito o adeus definitivo e ter mesmo uma nova temporada. Para já, todavia, não passam de rumores.

Recentemente, Amy Adams criou uma produtora com a sua agente, Stacy O'Neil, a Bond Group Entertainment, e assinou um acordo com a HBO. O acordo com o 'monstro' norte-americano dá um sinal positivo à renovação de «Sharp Objects», da qual Amy também é produtora. Não obstante, ainda só há entendimento para a produção da adaptação de "Poisonwood Bible", de Barbara Kingsolver, para o pequeno ecrã. Embora a renovação possa parecer relativamente simples, tal é complicado pela agenda de Amy Adams, uma figura indiscutível do cinema moderno e constantemente com vários filmes em carteira. Já a primeira temporada demorou a iniciar as gravações, sendo que, mesmo assim, a atriz só esteve presente 65 dos 90 dias de filmagens.

É UM POUCO MAIS DE ESCURIDÃO PARA A MESA 4, POR FAVOR

«Sharp Objects» é uma série pesada, de ritmo lento e marcadamente 'depressiva', já que existe na realidade obscura de Camille Preaker (Amy Adams). A jornalista de Chicago viaja até Wind Gap, a sua terra natal, para fazer um trabalho de investigação sobre um homicídio e um desaparecimento, ambos de adolescentes, que ocorreram no espaço de um ano. A contragosto, mas sem qualquer energia para se opor veementemente, Camille acaba por acatar as ordens do chefe Frank Curry (Miguel Sandoval) e deslocar-se para o seio da sua família. À tona, ainda muitas marcas da morte, há vários anos, da sua irmã Marian (Lulu Wilson). Também a relação com a sua mãe, Adora (Patricia Clarkson) é distante e complicada, sem uma das 'storylines' mais importantes além da principal.

A mãe não lida bem com o facto de Camille estar a fazer cobertura a um caso tão macabro, pelo que o drama atual vai criando paralelos com o passado, nomeadamente com a morte trágica da irmã. Por um lado, Adora associa a sua dor à dos casos atuais, uma vez que passou por algo idêntico, enquanto há velhas feridas em Camille claramente mal saradas. Num sentido mais literal, não se pode ignorar os cortes que fez na pele, e que ainda estão marcados, dando assim nome ao livro e à série, "Objetos Cortantes". Ela tinha por hábito cravar palavras na pele e viver num constante estado de

escuridão, algo que contrasta com a popularidade que tinha então e a família quase perfeita.

Presente e passado estão sempre muito ligados, com *flashbacks* a surgirem frequentemente, ainda que por vezes não sejam suficientemente bem contextualizados. É certo que a trama não tem de revelar tudo, mas a velocidade com que surgem e desaparecem, com imagens soltas e sem o pensamento da protagonista – algo que acontece no livro –, não permite uma perceção tão profunda do que está a acontecer na tela. São momentos, todavia, que colocam a fotografia e realização da série em destaque, um pouco ao estilo do que Jean-Marc Vallée já tinha feito em «Big Little Lies» e a sua imagem de marca. A crítica normalmente tece largos elogios ao cineasta, mas há uma questão que se torna cada vez mais pertinente: será que a técnica não está a castigar a narrativa? Podemos justificar sempre o ritmo lento, e de valorização excessiva da imagem, com o facto de ser o estilo do realizador?

O LIVRO É MESMO MELHOR DO QUE A SÉRIE (MAS NÃO FAZ MAL?)

"O livro é sempre melhor do que o filme (ou a série)". É recorrente ouvir a esta frase quando falamos de adaptações de livros ao pequeno ou grande ecrã, e no caso de «Sharp Objects» a afirmação é justa. O arranque da narrativa é lento mas, ao contrário do livro publicado em 2006, não é explícito no desenho das suas personagens. Sem o contexto que traz a obra escrita, alguns intervenientes e 'storylines' encaixam na trama de forma forçada e, a espaços, é difícil para quem não leu o livro perceber o alcance de cenas que aparecem e desaparecem rapidamente e sem explicação, nomeadamente flashbacks. Há um exagero do estilo de Jean-Marc Vallée, sem ser dado ao espectador nada em troca, para abraçar mais rapidamente a complexidade da série. Esta chega mais tarde, é certo, mas há pontas soltas que poderiam ter sido unidas mais cedo. Nem tudo tem de ser um mistério.

Assim que a série entra no ritmo, o melhor de Gillian Flynn vem ao de cima, com toda a densidade dramática e individual que marca a história de "Objetos Cortantes". Quando se trata de um elenco com nomes como Amy Adams e Patricia Clarkson – que já venceu o Globo de Ouro em janeiro –, bem como secundários como Chris Messina, Elizabeth Perkins ou a promissora Sophia Lillis, de «It» (2018), a qualidade é uma inevitabilidade. A série peca apenas por colocar a técnica à frente da história propriamente dita, algo que poderá não causar tanta confusão a quem não leu o livro e, dessa forma, não nota a diferença de tratamento narrativo. Poderemos simplesmente assumir que são universos diferentes e que existem de forma independente, mas será que os pontos aqui apontados como negativos não 'castigam', de algum modo, a experiência? A título de exemplo, será que as cenas apressadas vão ser lembradas mais para frente, encaixando no resto da narrativa? Ou serão apenas mais uma cena, sem impacto significativo e, como tal, nunca vão atingir todo o seu potencial?

Colocando de parte o estilo de realização, há que destacar os diálogos entre personagens, sobretudo entre Camille e Adora e

AMY ADAMS

Camille e Amma (Eliza Scanlen), a meia-irmã. As personagens crescem nesses momentos e a narrativa avança com naturalidade, reforçando a figura da protagonista e tornando-a mais 'palpável' para a audiência. Será que, atendendo à qualidade interpretativa de Amy, a atriz pode contar com uma vitória nos Emmys de setembro, algo que nos Óscares nunca aconteceu, apesar das seis nomeações? Ou já terá passado demasiado tempo (praticamente um ano) desde a emissão? Prémios e distinções à parte, a verdade é que a reta final da série a coloca num nível superior e deixa o público à espera de uma continuação, até porque é ligeiramente mais aberto do que o do livro. Algo que indica que, desde início, os produtores não colocaram de parte uma segunda temporada.

Considerações finais

Apesar das críticas a «Sharp Objects», trata-se de uma experiência quase cinematográfica e muito interessante do ponto de vista sociológico. A ficção tem uma inspiração real e, à medida que os episódios se vão sucedendo, percebemos melhor a forma como as personagens se relacionam dentro e fora do seio familiar, por entre a aparente calmaria da América mais rural. No fim de contas, o que prevalece é a componente social e psicológica dos habitantes, que os vai moldando perante a dor da perda enquanto sociedade, à vista, e o que acontece dentro das quatro paredes de cada casa. Essa hipocrisia é espelhada magistralmente em Camille que, ao não saber lidar com ela, encontra conforto no álcool e em atitudes mais ou menos chocantes.

O final da série é surpreendente, já que até os palpites mais certeiros podem não ter alcançado a abrangência das atitudes de cada personagem. Algo que acontece, por assim dizer, nos 'bastidores' do que realmente chega à audiência e que, qual mágico depois do truque, só após nos enganar revela como o fez. Será que, tendo um final tão forte, faz sentido dar-lhe uma continuação? Se é para continuar a ter Amy Adams como protagonista de uma série de TV, com novos episódios de semana a semana, vale a pena o risco. Trata-se, provavelmente, de uma das intérpretes mais subvalorizadas da sua geração e há sempre a esperança de os Emmys fazerem justiça.

ABSENTIA

STANA KATIC
ACTRIZ

Fenómeno de popularidade desde que deu vida a Kate Beckett em «Castle», Stana Katic esteve em Lisboa para antestreia mundial da segunda temporada da sua «Absentia». Simpática e divertida, não resistiu a "fangirlar" comigo sobre o maravilhoso «Metropolis» (1927), quando lhe disse o nome da revista. De sorriso fácil e resposta pronta, a atriz, que também é produtora executiva da série, falou com a METROPOLIS sobre o que podemos esperar nos próximos capítulos.

SARA QUELHAS

Em primeiro lugar, e como sou algo claustrofóbica, estou muito curiosa em relação às cenas do tanque. Causavam aflição, só de olhar. E apercebi-me que foste tu a filmar isso, não era uma dupla.
Exatamente.

Portanto, tenho duas perguntas: como e porquê?
Como... Bem, eles simplesmente encheram o tanque com água e organizaram as cenas e então eu "afogava-me" por instantes. Havia segurança, claro, e se alguma coisa acontecesse estava ali a equipa pronta para saltar e partir aquilo tudo (risos).

Em relação a porquê... É parte da história que precisávamos de contar, quando assinei sabia que isto fazia parte do diálogo, e encarei esse desafio.

"é um papel feminino refrescante"

Estamos a falar de uma série muito física. Tiveste algum tipo de treino especial?

Na primeira temporada, sabes, foi chegar tão em forma quanto possível. Agora, na segunda temporada, tivemos uma equipa de "acrobacias" muito forte, acho que até fazem parte da equipa envolvida em «A Guerra dos Tronos», coreografam filmes, até filmam algumas cenas de duplos para outros filmes. Tivemos parte da equipa a trabalhar connosco e, claro, eu e outros colegas tivemos cenas de acrobacias mais elaboradas, e trabalhámos muito com eles nas cenas de luta.

Foi fácil, para ti, perceber a Emily enquanto personagem e a origem dela, o que a motivava...

Até certo ponto. A realidade é que esta personagem está a atravessar algo tão extremo na vida dela, e até de formas insondáveis... Não sei se eu seria capaz de lidar com aquilo que ela está a atravessar com a mesma coragem e tenacidade que ela tem. Uma das coisas que nós, enquanto produtores, um grupo de contares de histórias, fizemos foi pensar como tornamos isto mais acessível, como estabelecemos a ligação com algo que é familiar a todos? Tivemos de encarar o passado histórico e olhar para alguns dos heróis e heroínas de eventos internacionais cataclísmicos, como a Segunda Guerra Mundial, porque é o mais extremo que posso imaginar, temos avós ou bisávos que passaram por isso, e cujas histórias perduram. E foi uma

forma de entrar na personagem e perceber aquilo que tinha acontecido com ela.

Podemos até dizer que ela é uma personagem que tem muito a ver com a identidade dos filmes europeus. Com uma forma mais fria, por assim dizer, de conta a história. Também sentes isso?
No sentido de contar a história do exterior, sim. Acho que precisámos de manter este conceito de thriller, especialmente na primeira temporada. Isto porque nessa altura não é suposto a audiência perceber completamente a Emily, ou tão bem como as outras personagens, então precisámos de criar um ponto de vista mais objetivo. Depois, conforme a história avança, começamos a entrar mais na cabeça dela, porque a ambição derradeira é que seja um thriller psicológico, e então entramos na cabeça da personagem de uma forma algo íntima. Especialmente porque ela é a protagonista, certo? Penso que, à medida que avançamos na segunda temporada, estamos a andar lado a lado com ela, um pouco mais intimamente. Não quer dizer que ela não seja um mistério, até para ela própria. Por isso, temos muitas perguntas sobre a identidade dela, e ela a refletir nestes momentos do passado e a tentar perceber e fazer sentido desta parte quebrada da memória dela. É uma parte da história dela que falta, pelo que ela está a tentar perceber que peças encaixam.

Além disso, ela está obcecada, algo perdida, mas ao mesmo tempo só quer ser uma boa mãe...
Ela está à procura do novo normal.

Como é que ela encontra balanço entre a obsessão e o filho?
Ela está consciente de que resolver e perceber o que lhe aconteceu, em toda a sua complexidade, é o elemento final para ela, de forma a ter a capacidade de ter uma relação com o filho. Porque o filho é uma força que guia esta personagem. A Emily é completamente motivada pelo amor que tem pelo Flynn. Ele é a razão pela qual ela sobreviveu tanto tempo, por ter a esperança de que conseguiria estar de novo com ele. Agora, na nova temporada, ele é uma criança "mais velha", portanto o que significa isto? Ela perdeu todo este tempo com ele enquanto criança, o que significa aproximar-se dele nesta altura? Acho que ela está à procura de um novo normal.

No final do dia, ela é fantástica com ele, mesmo que numa maneira pouco habitual e convencional. Uma das coisas sobre esta personagem, de que eu gostei muito, tem a ver com o facto de nem todos os heróis precisaram de usar capa. Ela pode ser um herói obscuro, ou uma espécie de cavaleiro das trevas, mas a tenacidade e a coragem que ela tem, assim como a capacidade de amar, tornam-na muito heróica. E ele tem algo disso, então eles conseguem relacionar-se de uma forma que, na minha opinião, mais nenhuma das outras personagens consegue com alguém. Porque há ali muitas semelhanças.

Este é um papel feminino refrescante, não estamos habituados a ter mulheres com personagens assim. Ela é o herói, porque é a protagonista, mas depois não é tão heroína quanto isso. Estamos muito confusos, não sabemos o que ela fez ou não, de onde vem. Achamos que sabemos o que está a acontecer e, de repente, afinal não fazíamos ideia. Isto contribui para que a personagem seja particularmente desafiante?
Hum... É entusiasmante, é mais interessante. Os seres humanos são complexos e adoro interpretar uma personagem que é complexa, alguém que faz más escolhas, que não está sempre motivada pelas melhores razões morais e, voltando ao conceito de herói, acredito que nos afastámos da ideia de o Super-Homem ser o nosso tipo de figura principal, e passámos a ter em conta uma personagem mais "Batmanesca". Muitos dos nossos protagonistas têm um lado negro e um lado bom, pelo que é interessante explorar todos eles, porque é mais sincero em relação ao que é ser humano, certo? E acontece que é uma personagem feminina, temos algumas histórias deste género em que são os homens a contá-las, e são entusiasmantes e divertidas de ver, neste caso é uma mãe em vez de um pai, uma filha em vez de um filho... Estamos a tentar contar uma história que é honesta com o facto de termos dois lados em nós.

Tivemos imensos twists ao longo da primeira temporada. Tendo em conta que és produtora executiva da série, sabias desde início que a Emily estava, talvez, envolvido em pelo menos um dos homicídios?
Acho que quando me juntei ao projeto eles já tinham quatro episódios praticamente fechados. Entrei na conversa mais tarde, por volta de novembro e começámos a filmar ou a preparar-nos em finais de dezembro. Acho que foi interessante, porque eles sempre quiseram, na primeira temporada, fazer dela um mistério à partida, e depois queriam aproximar-se da componente psicológica da personagem, mais intimamente até na segunda temporada. Acredito que se queres contar um thriller

psicológico, a personagem em si é mistério para o grupo à volta dela, mas também um mistério para ela própria, o que é parte da força que a está a comandar agora. Ela precisa de saber quem e o que ela é, bem como o que fez e a sua capacidade de se libertar, de garantir que é seguro estar com o filho.

Assisti ontem ao primeiro episódio da nova temporada…
Eu já vi os 10 (risos).

Tenho muita inveja disso. Mas, a partir do primeiro episódio, fico com a ideia de que temos duas grandes storylines na segunda temporada: uma relacionada com terrorismo doméstico e a outra com a família da Emily. E talvez essas duas linhas se cruzem a certa altura. O que podemos esperar do que aí vem?
Em primeiro lugar, a segunda temporada é, para mim, realmente muito boa, porque todo o elenco tem um arco interessante individualmente, e estou orgulhosa de todos eles, juro. Já vi todos os episódios, acabámos de montar os episódios finais, e há algo muito bonito de cada ator da nossa série, até de atores convidados que vêm de todo o mundo. Acho que o que é interessante nesta história é que, apesar de a Emily ser a protagonista, é sobre todo o elenco. Vamos descobrir um pouco mais sobre as outras personagens e alguns dos seus desejos individuais, que não têm necessariamente todos a ver com a Emily. No entanto, há resultados posteriores que afetam todos os outros, um efeito dominó, de certa forma. Estou entusiasmada com o facto de o público ir ver isto, acho que esta temporada é ainda mais extrema do que a primeira, se é que isso é possível. Aquele elemento de thriller, acho, subiu alguns níveis e estou super ansiosa para mostrarmos a toda a gente.

Por vezes usas as tuas redes sociais para falar de problemas sociais. Podias falar um pouco mais sobre isso e sobre o tipo de mensagem que tentas passar?
Quando fazes algo assim tens de diminuir o teu foco, então foco-me sobretudo em questões relacionadas com o ambiente e o bem-estar das crianças. Nem tudo

o que faço é necessariamente algo que tenho de partilhar com o mundo, mas é bom ter uma avenida para apontar alguns temas importantes, e nas redes sociais conseguimos fazer isso. Acho que não é pedir muito nesta fase, cuidar das crianças por via da educação e da saúde, ou ser capaz de andar numa Terra verde, e garantir que continua verde e que podemos andar descalços sem ter problemas relacionados com químicos. É uma causa fácil de defender, faz todo o sentido. Se tenho uma plataforma onde posso tentar encorajar as pessoas a fazerem uma nova escolha, para algo melhor para todos e para eles, algo mais saudável, que garante uma vida mais longa e feliz, acaba por ser o meu privilégio fazê-lo.

SODAS

ATRAVÉS DA LENTE

As grandes fotografias, enquanto forma de expressão cultural e registo social e político estão na origem do Especial Documentários de março, no canal TVCine 2. Desta vez, são as imagens que costumam valer mais do que mil palavras que estão em destaque, assim como aqueles que têm a capacidade única de ver para o mundo através de lentes especiais. E é pelo olhar de alguns dos fotógrafos mais reconhecidos e revolucionários do século XX que este especial vai fazer assumir o palco durante o mês de março, todas as terças-feiras, pelas 22 horas.

SARA AFONSO

DESTAQUES TV CINE

ESPECIAL DOCUMENTÁRIOS NO TVCINE 2

As grandes fotografias, enquanto forma de expressão cultural e registo social e político estão na origem do Especial Documentários de março, no canal TVCine 2. Desta vez, são as imagens que costumam valer mais do que mil palavras que estão em destaque, assim como aqueles que têm a capacidade única de ver para o mundo através de lentes especiais. E é pelo olhar de alguns dos fotógrafos mais reconhecidos e revolucionários do século XX que este especial vai fazer assumir o palco durante o mês de março, todas as terças-feiras, pelas 22 horas.

Depois de «À Procura de Vivian Maier» [foto de abertura], no qual imperam as fotografias de rua de Vivian Maier, a misteriosa mulher que tomava conta de crianças e que, sem que ninguém soubesse, tirava milhares de fotografias (mais de 100 mil) de uma América esquecida, é a vez da visão anárquica de Robert Frank ganhar destaque em «Robert Frank – Não Pestanejes». O fotógrafo anarquista que retratava banqueiros, estrelas de rock ou mineiros e que testemunhou e deixou o seu cunho numa era marcante, da qual constaram nomes como o de Jack Kerouac e Allen Ginsberg, passa também pelo canal TVCine2.

Já «Robert Doisneau, o Rebelde do Maravilhoso» [foto acima] chega no dia 19 de março, também pelas 22h00 no TVCine 2, um documentário assinado pela neta do próprio fotógrafo e do qual fazem par-

te fotografias inéditas, imagens de arquivo e entrevistas. «Robert Doisneau, o Rebelde Maravilhoso» inclui arquivos de fotografia e vídeo nunca publicados anteriormente, bem como entrevistas dos seus amigos e parceiros de história de vida. Relata, ainda, como a criança oriunda de um subúrbio pobre, criado pela tia após a morte dos pais, se torna uma estrela da fotografia. Robert Doisneau gostava de fotografar as diversas classes sociais nas ruas e é, inclusive, responsável pelo famoso retrato do beijo em frente ao Hotel de Ville, em Paris. A realizadora, Clémentine Deroudille, traça o retrato íntimo do homem e do artista, que viria a ser um provedor de felicidade.

Por fim, no dia 26, o documentário aclamado pela crítica, assinado por Fenton Bailey e Randy Barbato, e produzido pela HBO, apresenta a obra de Robert Mapplethorpe, um artista que elevou o carisma da fotografia a preto e branco, num contexto ousado e sexual pouco aceite na época. O filme «Mapplethorpe: Vejam as Imagens» [foto acima] ganha a sua denominação depois do senador Jesse Helms tentar anular a exposição de Mapplethorpe devido ao cariz sexual e homossexual das mesmas pedindo para os seus colegas de assembleia para olharem para as imagens. Provocador, Robert Mapplethorpe criou o caos igualmente no seu seio familiar, mas seria o artista que tinha dentro de si a assumir as rédeas da sua vida. A sua arte transformou uma era e esta é a oportunidade para o testemunhar. Dia 26 de março, a exibição de «Mapplethorpe: Vejam as Imagens» acontece no mesmo vanal, pelas 22 horas.

MAPPLETHORPE © FILM MANUFACTURERS INC

Enquanto uns celebram a chegada da primavera, e os sinais de que o bom tempo veio para ficar – com alguns desvios certamente pelo caminho –, os seriólicos (e a **METROPOLIS***) só pensam nas séries que estão finalmente de regresso. A espera foi longa para tramas como «Absentia» e «Pretty Little Liars: The Perfectionists», mas será que vai ser um reencontro feliz? É isso que vamos descobrir nas próximas semanas.*

ZAPPING

O QUE ESTÁ A DAR NA TV

ZAPPING

ABSENTIA
AXN PORTUGAL

Stana Katic esteve em Portugal para a antestreia mundial de «Absentia», uma semana antes da estreia no AXN. Mais uma vez, o nosso país volta a receber a série primeiro que grande parte do mundo, como é o caso dos Estados Unidos e o Reino Unido, normalmente sempre na linha da frente. Emily Byrne (Stana Katic) pode estar livre da atenção da polícia, mas isso não quer dizer que encontre liberdade dos seus traumas. A nova temporada volta com a personagem em busca do equilíbrio possível entre a sua obsessão e a relação com o filho, Flynn (Patrick McAuley). Estreia a 26 de março.

BILLIONS
TV SÉRIES

A série protagonizada por Paul Giamatti e Damian Lewis continua tão boa como antes, e sempre com capacidade de nos mostrar novos conflitos e tensões entre as personagens. Bem sabemos, nada é certo no universo de «Billions», mas isso ganha nova força com Chuck Rhoades (Giamatti) caído em ruína e em busca de recuperar algum poder. Já Bobby Axelrod (Lewis) sofre ataques de todo o lado, tendo de provar, uma vez mais, a sua capacidade de destruir os seus inimigos antes que eles o destruam a ele. Estreia a 26 de março.

ZAPPING

KNIGHTFALL
TV SÉRIES

Bem-vindos a Star Wars... ou quase. Mark Hamill, o eterno Luke Skywalker, é a grande novidade da segunda temporada de «Knightfall». Já Landry (Tom Cullen), o protagonista da série, foi banido dos Cavaleiros ao ser descoberto o seu caso com a rainha Joan (Olivia Ross). Entre a história, a ficção e a ação bem conseguida, «Knightfall» volta a querer afirmar-se com uma forma divertida (e violenta) de conhecer a grande saga dos Templários. Estreia a 31 de março.

PRETTY LITTLE LIARS: THE PERFECTIONISTS

HBO PORTUGAL

Dois anos depois do final de «Pretty Litlle Liars», estreia um spin-off que dá continuidade à vida de Alison DiLaurentis (Sasha Pieterse) e Mona Vanderwaal (Janel Parrish). Após todo o drama que decorreu ao longo de sete temporadas, seria de esperar alguma calma na vida de Alison e Mona... mas vai acontecer exatamente o oposto. O primeiro homicídio na localidade onde agora residem volta a provocar o caos e o drama, pelo que as "Perfeccionistas" não serão tão perfeitas como se pensava. Estreia a 21 de março.

ZAPPING

THE CASE AGAINST ADNAN

HBO PORTUGAL

Em 2014, Serial tornou-se o podcast mais popular de sempre ao abordar o homicídio de Hae Min Lee, que atirou Adnan Syed, o ex-namorado, para trás das grades em 1999. A jornalista Sarah Koenig atingiu uma fama improvável, mas não foi capaz de declarar com toda a certeza se Adnan cometeu ou não o crime. Aproveitando as falhas no caso que atirou o então adolescente para a prisão, a HBO traz um documentário onde uma nova equipa de investigação tenta perceber se Adnan está inocente. Estreia a 11 de março.

THE ENEMY WITHIN
FOX, 13 DE MARÇO

Jennifer Carpenter está de regresso à TV depois do cancelamento de «Limitless», em 2016. A eterna co-protagonista de «Dexter» interpreta uma agente da CIA que é presa por traição contra o seu país. Will Keaton (Morris Chestnut) do FBI tem um caso complexo em mãos, e acaba por ter de recorrer à ajuda de Erica (Jennifer Carpenter) de forma a tentar desvendar os responsáveis. Uma trama de mistério e ação da criação de um dos produtores por detrás de sucessos como «O Mentalista» e «Gotham». Estreia a 13 de março.

ZAPPING

AFTER LIFE
NETFLIX

«After Life» é um one-man show. Ricky Gervais não se limita a escrever, realizar e protagonizar. A sua nova série é um manifesto pessoal, uma espécie de versão ficcionada da sua conta de Twitter (ou Instagram, ou qualquer outra rede social). Ou seja, até os menos atentos facilmente reconhecerão o quão transversais são as ideias, as convicções e as piadas entre Ricky, o autor, e Tony, o personagem. O ateísmo, o amor pelos animais (em oposição ao desprezo pelas pessoas), a ironia e o sarcasmo, enfim, o Ricky Gervais que conhecemos.

A premissa do homem que perde a sua mulher, vítima de cancro, e embarca numa jornada depressiva serve o seu propósito abrindo caminho para Tony dizer e fazer tudo o que lhe vem à cabeça. Afinal de contas, se alguma dia achar que foi longe demais, pode sempre pôr fim à vida. O suicídio é o seu super-poder. E por isso, em seis episódios, Tony não se coíbe de ir atropelando tudo e todos de forma mais ou menos chocante. E hilariante. Pelo menos até este começar a recuperar uma certa consciência e tolerância para com o mundo.

«After Life» fica muito aquém da genialidade de «Extras» e de «The Office», mas ainda assim é uma boa série. Tem cabeça, alma e coração. O problema é deixar-se levar demasiado pelo coração quando chega a hora de completar o arco narrativo da sua história. À medida que os episódios passam e o desfecho se aproxima a comédia amarga vai sendo progressivamente substituída pelo drama adocicado. Mais do que seria desejável. Um equilíbrio mais agridoce teria feito de «After Life» uma grande série. Ainda assim, é uma série a não perder. **MARCO OLIVEIRA**

APONTE JÁ NO CALENDÁRIO

TURN UP CHARLIE
NETFLIX **15 DE MARÇO**

THE OA
NETFLIX **22 DE MARÇO** 2ª TEMPORADA

LEO MATTEI: PROTEÇÃO DE MENORES
FOX CRIME **25 DE MARÇO**

MUNCH
FOX CRIME **25 DE MARÇO**

SANTA CLARITA DIET
NETFLIX **29 DE MARÇO** 3ª TEMPORADA

SHAKESPEARE & HATHAWAY: DETETIVES PRIVADOS
FOX CRIME **2 DE ABRIL**

AS ARREPIANTES AVENTURAS DE SABRINA
NETFLIX **5 DE ABRIL** 2ª TEMPORADA

OUR PLANET
NETFLIX **5 DE ABRIL**

THE LITTLE DRUMMER GIRL
AMC **7 DE ABRIL**

WHISKEY CAVALIER
AXN **10 DE ABRIL**

A GUERRA DOS TRONOS
HBO PORTUGAL E SYFY **15 DE ABRIL** 8ª TEMPORADA

NO GOOD NICK
NETFLIX **15 DE ABRIL**

PEN15
TV SÉRIES **18 DE ABRIL**

DESIGNATED SURVIVOR
AMC **30 DE ABRIL**

FILMES & SÉRIES

CRÍTICAS

★★★★☆

A PEREIRA BRAVA

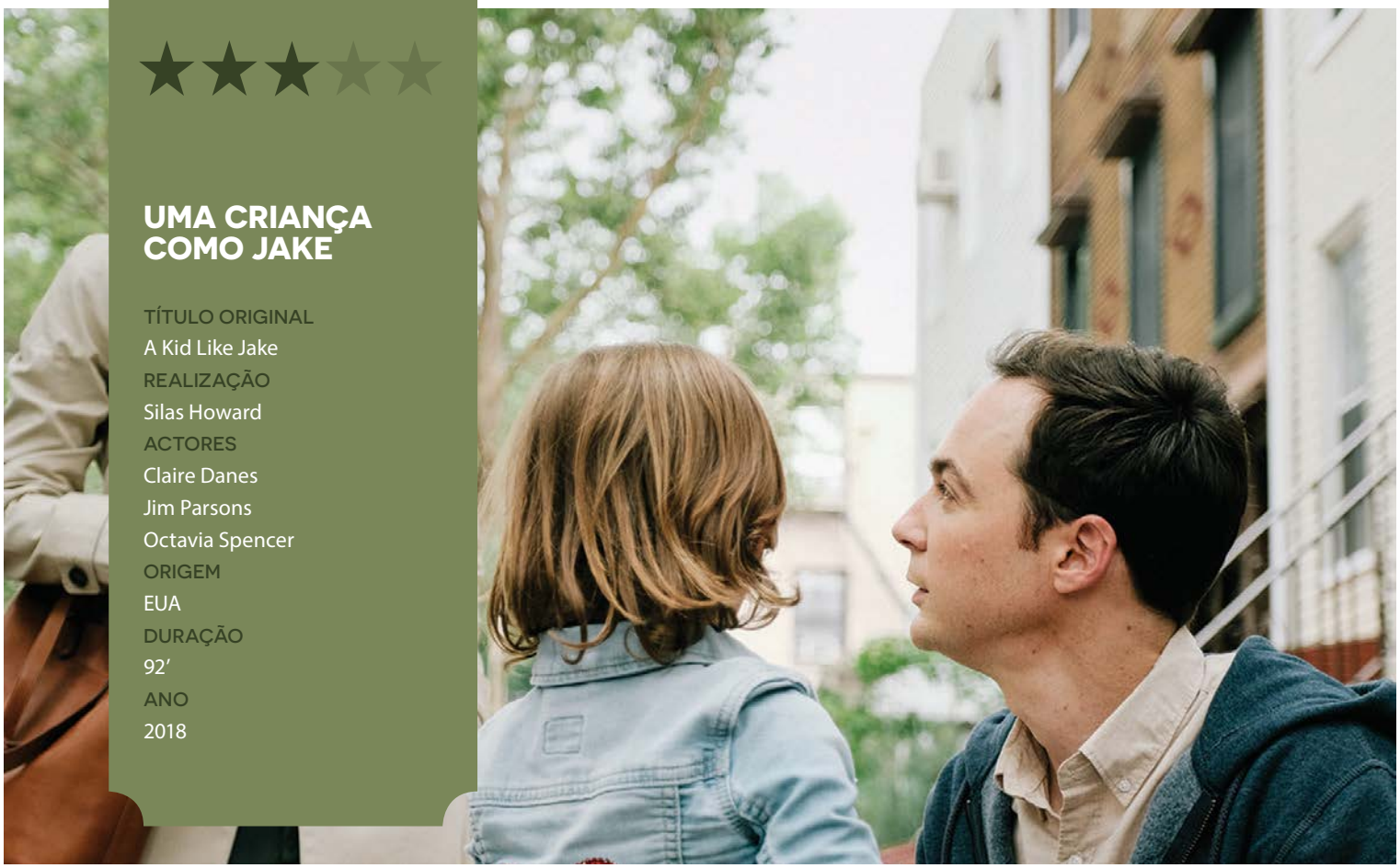
TÍTULO ORIGINAL
Ahlat Agaci
REALIZAÇÃO
Nuri Bilge Ceylan
ACTORES
Dogu Demirkol
Murat Cemcir
Hazar Ergüçlü
ORIGEM
Turquia
DURAÇÃO
188'
ANO
2018

Cada novo filme do turco Nuri Bilge Ceylan surge com a promessa de uma imersão na atmosfera interior das personagens que este decide explorar – pela evidência, «Climas» (2006) e «Sono de Inverno» (2014) são títulos que espelham bem tal idiossincrasia do seu cinema. Mas isso não significa que o espectador fique preso a uma simples camada psicológica. Pelo contrário, o que mais fascina nessas personagens é a sua relação com os detalhes e a textura da paisagem física envolvente. Por sinal, algo que temos em abundância no último «A Pereira Brava», filme em que tudo se conjuga na majestosa narrativa de um regresso a casa.

Quem regressa ao lugar das suas memórias de infância é Sinan, um jovem licenciado, sem emprego, que traz consigo o manuscrito de um livro na esperança de o conseguir publicar lá na terra – porque, afinal, é sobre ela que escreve nessa prosa de cariz autobiográfico. Mas com a dificuldade de ser publicado vem a própria experiência da redescoberta do lugarejo e das pessoas que fizeram parte da sua "outra vida", particularmente uma jovem mulher por quem foi apaixonado e ainda reserva sentimentos. Esse encontro será o mais mágico do filme, contendo em si o lirismo dos elementos (a natureza, o vento) e a harmonia dos corpos que libertam uma energia íntima à sombra de uma árvore... Por contraste, noutro momento, Sinan aborda um famoso escritor e enceta com este uma demorada conversa que vai escalar ao ponto da irritação, fazendo sobressair a sua condição de inadaptado, ou seja, de "pereira brava": ele não consegue absorver a mentalidade daquele meio rural.

Porém, o centro do filme acaba por ser a relação complicada entre Sinan e o pai, um professor do ensino primário viciado no jogo; personagem que acaba por ter com o filho uma ligação mais profunda e silenciosa do que o laço familiar. Digamos que nele se consubstancia a matéria do próprio cinema, a sussurrar a verdade humana. Por via desse essencial vínculo pai/filho – e pela qualidade dos diálogos, entre o prosaico e o filosófico – «A Pereira Brava» ergue-se como uma maravilhosa obra de meditação. Um filme sedutor, de uma beleza existencial que opera como uma longa divagação pelas esquinas do consciente e do inconsciente.

Longa divagação, sim, porque o tratamento do tempo em Ceylan tem uma força sui generis. Cada cena é trabalhada numa lógica de duração dilatada que nos faz entrar no "clima" da situação e acercar a dita interioridade das personagens. Dito de outra forma: cada minuto estendido de «A Pereira Brava» é fundamental para nos envolvermos num tremendo conto sobre a fragilidade de existir no lugar onde não pertencemos. **INÊS N. LOURENÇO**



★★★☆☆

UMA CRIANÇA COMO JAKE

TÍTULO ORIGINAL
A Kid Like Jake
REALIZAÇÃO
Silas Howard
ACTORES
Claire Danes
Jim Parsons
Octavia Spencer
ORIGEM
EUA
DURAÇÃO
92'
ANO
2018

A história (adaptada por Daniel Pearle a partir da sua peça de teatro) passa-se em Nova Iorque. Alex (Claire Danes) e Greg (Jim Parsons) são um casal jovem de classe média alta, liberais, atenciosos, sensíveis. Ele é psicanalista e ela uma advogada que abdicou da carreira para se dedicar inteiramente ao filho, Jake (Leo James Davis). É justo dizer que a vida de ambos gira à volta desta criança de 4 anos. Jake é um miúdo esperto, criativo e obstinado. Gosta de se vestir de rosa e prefere brincar de princesa a jogar futebol.

«Uma Criança como Jake» retrata as dificuldades e dilemas da parentalidade nos dias de hoje. Para além dos problemas mais comuns, como as birras ou a dificuldade em conseguir uma boa escola para os filhos, o filme aborda também a delicada questão da fluidez de género. A princípio, o entusiasmo de Jake com a Pequena Sereia ou o uso de tiaras parecem-nos coisas perfeitamente "normais", coisas de criança. Esta é também a opinião dos pais que, se não incentivam, também não tentam reprimir esta tendência. Contudo, quando a directora da pré-primária (Octavia Spencer) sugere a Alex que ela deve sublinhar estes aspectos da personalidade do seu filho para, desse modo, tentar melhorar as hipóteses dele ser seleccionado para um apoio financeiro e matrícula numa escola privada onde "a diversidade é bem-vinda", de repente, o assunto torna-se mais complicado e embaraçoso.

O facto de a câmara deixar Jake quase sempre fora de campo, produz um efeito interessante; ao impedir que formemos o nosso próprio juízo obriga-nos a escutar com mais atenção e empatia o relato que vai sendo feito por terceiros. A confusão e as muitas dúvidas sobre qual a melhor forma de agir quando o nosso filho de 4 anos é visto como um desvio da norma seria tema suficiente para mais de 10 horas de filme, porém, argumentista e realizador resolveram juntar à história as dificuldades financeiras do casal (para lá de inverosímeis), um aborto espontâneo, a insatisfação profissional e vários *sidekicks* absolutamente dispensáveis. Esta opção acaba por enfraquecer o filme que começa um debate importante mas, infelizmente, não o leva até ao fim. **CATARINA MAIA**

★★★★☆

NA FRONTEIRA

TÍTULO ORIGINAL
Gräns
REALIZAÇÃO
Ali Abbasi
ACTORES
Eva Melander
Eero Milonoff
Jörgen Thorsson
ORIGEM
Suécia|Dinamarca
DURAÇÃO
110'
ANO
2018

Ao ver o *trailer*, há qualquer coisa que se mexe no inconsciente. Um incómodo, uma sensação que nos faz afastar do filme. Há um medo que fala baixinho. Claro que tudo é irracional, nada lógico, como diria Mr. Spock. Sentamo-nos, preparamo-nos (uma última inspiração profunda), vemos o filme e entramos num mundo de um conto de fadas contemporâneo. «Na Fronteira» devolve-nos a fantasia e um frenesim infantis, ao mesmo tempo que nos faz pensar a sociedade adulta.

«Na Fronteira» abre com a imagem de um porto e com Tina (Eva Melander) num uniforme. O aspeto dela é estranho. É humana, mas primitiva, lembrando-nos do tempo da escola e dos livros de história com imagens das "mulheres das cavernas". De qualquer forma, Tina trabalha aqui, no porto, como funcionária da alfândega. Todos os dias a controlar quer viajantes, quer bagagens. Porém, tem uma técnica, dom infalíveis: pode cheirar os sentimentos, emoções das pessoas, sabendo assim quem está a infringir a lei. Os dias vão e vêm, como os barcos, até ao momento no qual chega e cheira um odor diferente, diferente como ela. Vore (Eero Milonoff) entra na sua vida, trazendo a caixa de Pandora consigo. O divertido é abri-la juntos: público e personagens. Por isso pouco mais será revelado.

A história é baseada no conto, com o mesmo título ("Gräns", no original), do escritor John Ajvide Lindqvist, o mesmo do conhecido "Let the Right One In" (adapatdo ao cinema em 2008). O escritor sueco colaborou com Ali Abbasi e Isabella Eklöf na construção e adaptação do argumento, o qual não conseguimos situar dentro de um género, visto que é uma amálgama muito feliz de horror, fantasia/folclore, drama, policial. Há uma mestria não só na escrita, mas sobretudo na representação e na fotografia. Os atores principais são fenomenais e irreconhecíveis debaixo das próteses, conseguindo debaixo de camadas transmitir medo e ternura, assustando e enternecendo o público. Eva Melander é excepcional neste ponto: cheira como um cão, grunhe, mas os olhos são sempre humanos. E são esses olhos que veem a beleza da floresta que a envolve e temos acesso a essa visão através da fotografia e do detalhe de Nadim Carlsen.

A terceira obra do realizador iraniano surpreende, apanha-nos desprevenidos e põe-nos a refletir, a inquirir, sobretudo sobre o que é ser humano. Um pouco como faziam as antigas e, sem mácula de Disney, histórias populares ou contos de fadas. Por alguma razão ganhou o prémio "Un Certain Regard" no Festival de Cannes.

RITA FONSECA

★★★☆☆

OPERAÇÃO FRONTEIRA

TÍTULO ORIGINAL
Triple Frontier
REALIZAÇÃO
J.C. Chandor
ACTORES
Ben Affleck
Oscar Isaac
Pedro Pascal
ORIGEM
EUA
DURAÇÃO
125'
ANO
2019

Lembram-se de «O Tesouro da Sierra Madre», de John Huston? «Operação Fronteira» não é um remake mas sim um cruzamento dos seus temas. Em vez de cowboys, temos soldados americanos num contexto moderno. Este foi o desafio inicial de Mark Boal que escreveu este guião para Kathryn Bigelow, cineasta que acabou por passar o projeto a J.C. Chandor depois de muitas outras encarnações. Aliás, o projeto chegou a ser da Paramount e meteu Will Smith e Mahershala Ali ao barulho.

A história narra as aventuras de cinco membros do exército americano que numa missão não oficial vão executar um perigoso barão da droga numa selva da América do Sul. Além de um "cachet" não oficial, estes cinco mercenários metem-se na missão pela promessa de levar a fortuna do cartel. O esconderijo do criminoso latino está forrado com notas que ultrapassam os 150 milhões de dólares. Depois de despacharem o homem o problema é sair de lá com os sacos de dinheiro...

A partir da primeira meia-hora, a intriga dedica-se essencialmente às peripécias deste grupo em regressar a casa com a fortuna, incluindo um voo que se despenha em plenas montanhas dos Andes, crescente desconfiança entre eles e a forma como imaginam as suas vidas milionários.

«Triple Frontier» é o que se pode chamar de exemplo de novíssima geração de filme de ação. Cinema adulto e com densidade psicológica, mas sem nunca deixar de ser um espetáculo com uma escala grande, porventura uma das maiores apostas de sempre dos Netflix Originals.

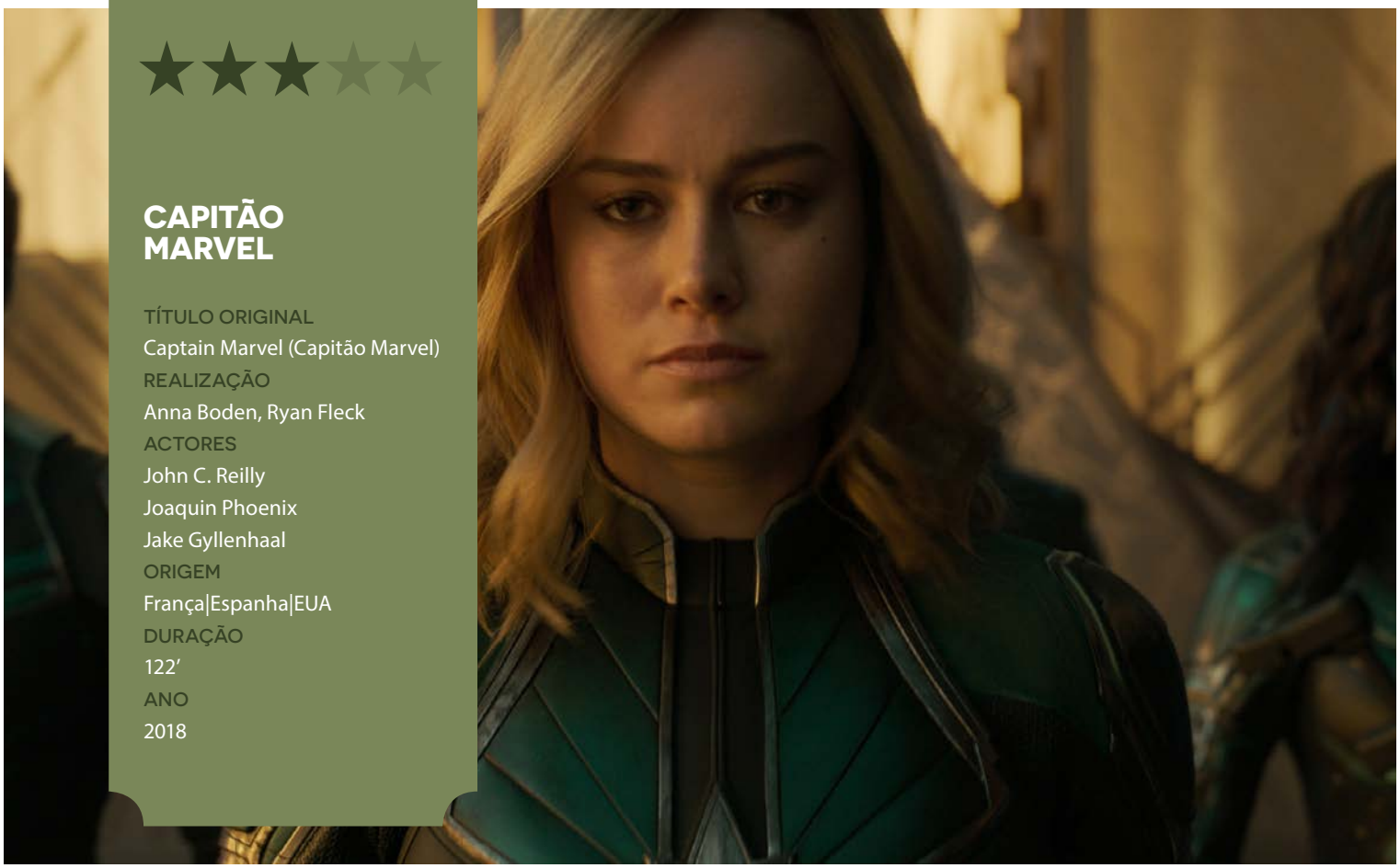
O que é verdadeiramente imponente no trabalho de Chandor, além da caracterização psicológica destes

soldados em perdição moral, é a forma como mistura ingredientes de um típico filme de Hollywood de aventuras com um discurso político que alude para o imperialismo americano quase terrorista. Em última instância, estes cinco mercenários matam e roubam num país da América do Sul supostamente a bem da guerra às drogas. Tal como em «Sicario» (sobretudo o primeiro), fica uma reflexão sobre os conflitos ideológicos da presença militar do exército americano em países desta região. Uma história com um longo passado e que aqui é relatada do lado do "bromance". Se quisermos, este é um filme sobre bons amigos com armas.

De lamentar apenas que Boal e Chandor não consigam no último terço serem mais subtis no processo do conto sobre a ganância humana. Mas «Operação Fronteira» tem os "timings" certos nas regras de filmar ação em contexto de guerra e selva. O diretor de fotografia Roman Yasnanov consegue tirar partido de uma sensação de estarmos reféns da imensa selva da América Latina – sente-se o gelo da serra dos Andes ou a humidade da floresta.

Tal como em «Quando tudo Está Perdido», Chandor assina outra peça de cinema físico e com um diálogo entusiasmante com a natureza, embora o que salte mais ao olho seja seja a forma como encena a degradação da natureza humana. E, já agora, com uma adrenalina que mexe connosco.

Não é a obra-prima de filme de guerra que poderia ser, mas é garantido que não há momentos mortos na intriga. Em boa verdade, era um filme que pedia a experiência de ser visto em sala.**RUI PEDRO TENDINHA**



★★★☆☆

CAPITÃO MARVEL

TÍTULO ORIGINAL
Captain Marvel (Capitão Marvel)
REALIZAÇÃO
Anna Boden, Ryan Fleck
ACTORES
John C. Reilly
Joaquin Phoenix
Jake Gyllenhaal
ORIGEM
França|Espanha|EUA
DURAÇÃO
122'
ANO
2018

Uma vez ou outra, a Marvel volta-se para o espaço para se oxigenar e fugir das convenções e das lutas entre superpoderosos. Mesmo prejudicado com um nó de argumento no primeiro terço, quando a fotografia de Ben Davis procura encontrar a luz precisa, «Capitão Marvel» impõe-se como uma vigorosa jornada de formação para a mais poderosa super-heroína da Disney e como um estandarte político para a batalha em prol do empoderamento feminino. Vencedora do Oscar por «Quarto», em 2016, Brianne Sidonie Desaulniers, ou apenas Brie Larson, usa todo o arsenal gestual que tem para injetar humor, luta e poesia a uma mulher cuja memória foi triturada por via de uma abdução pela raça alienígena Kree. Com uma figura tridimensional nas suas mãos, a cineasta Anna Boden (de «É Uma Espécie de... Comédia») e seu codiretor Ryan Kenneth Fleck (do filmaço «Half Nelson: Encurralados») investem num formato de aventura estelar semelhante à estética pop usada nos quadrinhos marvetes dos anos 1970. A direção segue os moldes de que o genial Roy Thomas, o pai da protagonista, idealizou, por exemplo, em "Warlock" e outras bandas-desenhadas de batalhas de super-heróis com ETs, nos confins da galáxia. É um momento fundamental da edificação da cultura pop, em que a indústria de *comics* criou a centelha narrativa lisérgica do que viria a ser "Star Wars" e outras franquias. Mas há um tempero mediático a mais na direção: como a trama se ambienta na década de 1990, e tem elementos de espionagem, com a participação fundamental da agência de inteligência Shield, Anna e Fleck travaram um diálogo com toda a linhagem de filmes teen de espiões daqueles anos. E houve muita trama nesse modo de 1992 a 1996 - tipo «Hackers», de Ian Softley, e «Heróis Por Acaso», de Phil Alden Robinson – que servem de referência à luta da Capitão Carol Denvers (Brie) para entender por que motivos foi parar entre as estrelas, para ser treinada pelo Kree Yon-Rogg (Jude Law, impecável na criação de um guerreiro dúbio) a fim de combater a raça de transmorfos chamada Skurlls. Quem lê a Marvel desde criança, odeia os Skrull sobre todas as coisas. Mas algo de novo acontece com esse povo neste filme, assente no carisma de Samuel L. Jackson (em estado de graça na pele do jovem Nick Fury, futuro líder da Shield) e da revelação Lashana Lynch, que vive a aviadora Maria Rambeau, amiga da Capitão. A atuação de Lashana por vezes ofusca Brie. **RODRIGO FONSECA**

★★★☆☆

PIERCING

TÍTULO ORIGINAL
Piercing
REALIZAÇÃO
Nicolas Pesce
ACTORES
Christopher Abbott
Mia Wasikowska
Laia Costa
ORIGEM
EUA
DURAÇÃO
88'
ANO
2018

«Piercing» tem alguns pontos fortes, mas acaba por ser um thriller pouco empolgante e que prometia mais. A história tem como foco Reed (Christopher Abbott), que decide alugar um quarto de hotel com o objetivo de matar uma prostituta inocente. Contudo, a jovem que lhe aparece à frente, Jackie (Mia Wasikowska), tem os seus próprios planos e vai obrigá-lo a repensar tudo.

Realizado por Nicolas Pesce, que assina a sua segunda longa-metragem após ter lançado o bem recebido «Os Olhos da Minha Mãe» (2016), o filme adapta o romance homónimo de Ryû Murakami, lançado em 1994. A estética da obra é indagadora, fazendo lembrar um pouco os filmes noir, incrementando o clima de suspense e tensão de cena para cena. A banda-sonora, ora irónica ora corrosiva, é também um ponto alto da obra.

A construção do personagem principal é complexa, dando sugestões ao espectador para decifrar as suas atitudes, procurando também confundi-lo em alguns momentos. Os primeiros dois atos, onde reina a sugestão, são os que têm uma melhor concretização, com o terceiro ato, mais gráfico e explícito, a ter momentos não tão pertinentes.

O elenco é reduzido mas adequado, com interpretações certeiras dos seus protagonistas, que correspondem aos perfis intrincados e tortuosos dos personagens a que dão vida. A obra falha, contudo, na construção da sua narrativa, sendo previsível na sua imprevisibilidade e oferecendo uma narrativa linear que não acompanha o emaranhado da história, onde sobejam *twists*.

TATIANA HENRIQUES

CINEMAX

FILMES BOX OFFICE MAKING OF GOSSIP

Todo o Cinema num canal Português

RTP2

QUARTA-FEIRA 22H50

ANTENA 1

DIÁRIO: 10H40 | SEMANAL: QUARTA-FEIRA 00H00
SÁBADO 18H00

ANTENA 3

DIÁRIO: 14H40 | SEMANAL: SÁBADO 10H00

★★★☆☆

CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS

TÍTULO ORIGINAL
Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos
REALIZAÇÃO
Renée Nader Messora, João Salaviza
ACTORES
Henrique Ihjãc Krah
Raene Kôtô
Krahô
ORIGEM
Portugal| Brasil
DURAÇÃO
114'
ANO§
2018

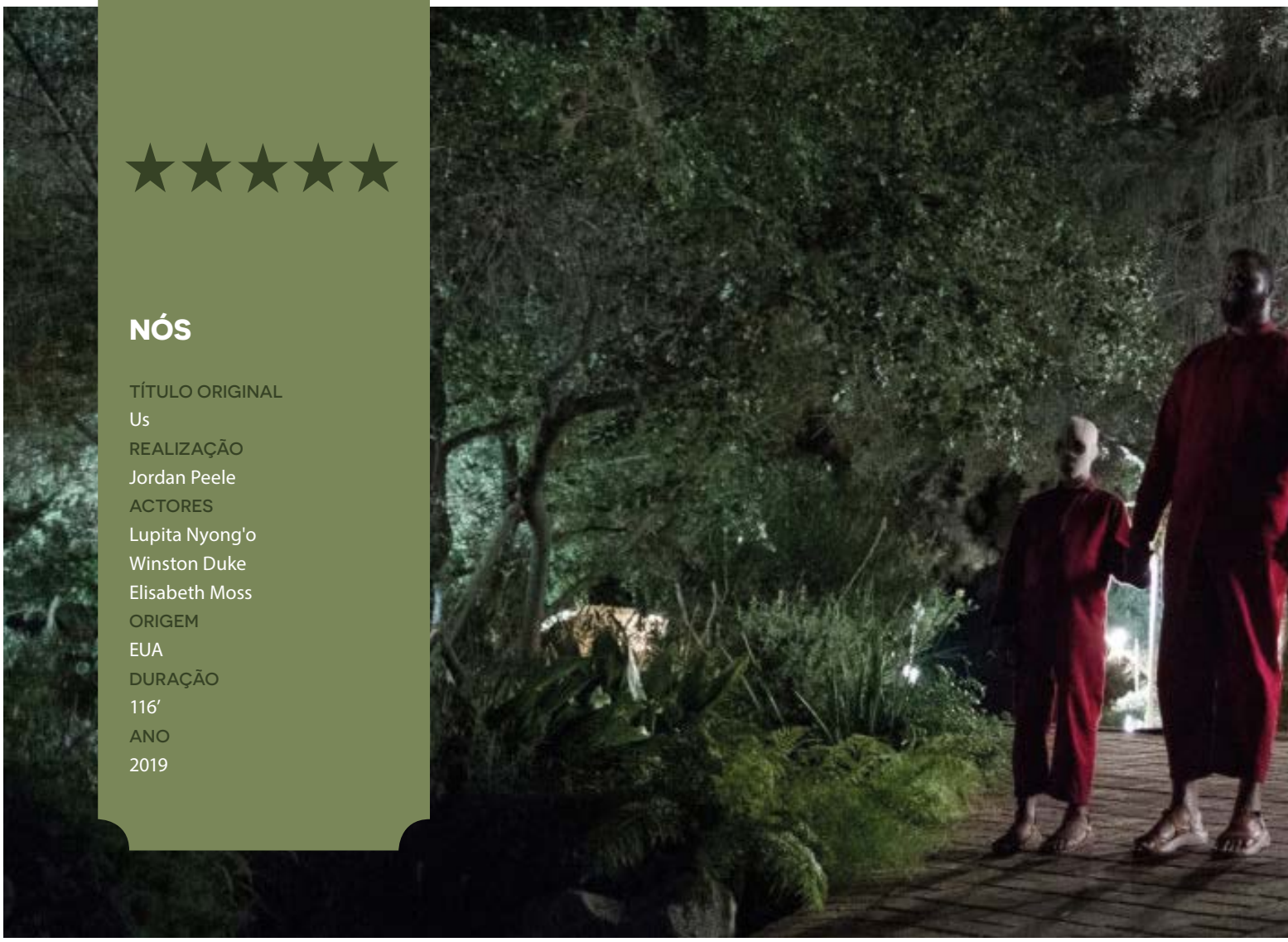
O novo filme de João Salaviza parte de uma vivência duradoura da companheira, a fotógrafa Renée Nader Messora, junto do povo indígena Krahô. Desde 2009 que Renée acompanhou a tribo indígena na aldeia de Pedra Branca, no estado brasileiro de Tocantins. Esse período foi determinante para ganhar um nível de intimidade confortável que transparece no filme que foi rodado durante nove meses.

O primeiro momento do filme permite desvendar os hábitos ancestrais e as rotinas serenas da tribo e conhecer Ihjãc, um jovem de 15 anos, que escuta a voz do pai, morto há algum tempo, pedindo que seja feita a cerimónia final do seu luto para que possa partir em paz. Atormentado com esta situação, Ihjãc afasta-se da aldeia e procura apoio num vilarejo próximo, dizendo-se doente e pedindo para ser acompanhado num centro médico.

Esta deambulação entre dois locais distintos introduz no filme uma narrativa reveladora sobre a distância entre as realidades tribais e sociais. Há uma incapacidade de estabelecer uma relação entre uma vivência tribal ancestral, carregada de uma espiritualidade, de certa forma mágica, e a mundanidade grosseira e ruidosa de uma sociedade branca e ocidental. O nativo indígena sente que não pertence a uma lugar que representa o Brasil contemporâneo.

João Salaviza e Renée Nader Messora rodearam-se de atores não profissionais que acompanham uma narrativa determinada pelo percurso de Ihjãc. O drama documental é um filme sincero sobre a comunidade que acolheu os realizadores e respeitoso em relação à sua identidade cultural. Um exemplo de como é possível olhar com pureza outras realidades.

TIAGO ALVES



★★★★★

NÓS

TÍTULO ORIGINAL
Us
REALIZAÇÃO
Jordan Peele
ACTORES
Lupita Nyong'o
Winston Duke
Elisabeth Moss
ORIGEM
EUA
DURAÇÃO
116'
ANO
2019

Mais preciso dos cronistas da Era Donald Trump – tão preciso que escolheu o terror como seu género de expressão –, o diretor Jordan Peele, um nova-iorquino afrodescendente de 40 anos, fabrica alegorias fazendo da exclusão a sua obra-prima, escalando protagonistas negros, numa ponte (evolutiva) com a tradição aberta por George A. Romero em «A Noite dos Mortos-Vivos» (1968). «Foge» («Get out!», 2017), produção de US$ 4,5 milhões cuja bilheteria beira US$ 255 milhões, valeu-lhe um Oscar, o de melhor argumento original, por um exercício sociológico sob um disfarce de thriller de terror, sobre os dispositivos de alienação de raças numa América que se pauta sob o conservadorismo e a intolerância. Esse estudo de dinâmicas volta em «Nós», mas com uma potência formal amplificada, em comparação com o anterior sucesso. A engenharia sonora é mais refinada, a montagem tem mais precisão na cadência do suspense e os sustos são mais generosos (e arrepiantes). O título original, «Us», remete à primeira pessoa do plural – afinal, os males administrativos do Império chamado Estados Unidos afetam o planeta em peso – e remete a U. S., United States, os EUA como entidade política. É um filme político, que, curiosamente, liberta-se da fase mais politizada da história do cinema americano, a década de 1970, e se volta para os anos 1980 (maioritariamente) e 90. As referências vão do hip hop feito pelo grupo N.W.A. ao sucesso de bilheteiras «Sozinho em Casa». O pop cria aproximação entre a plateia e o mundo quase distópico em que famílias são atacadas por suas contrapartes - termo para designar sósias de atitudes ou índoles opostas às das pessoas as que se assemelham.

No início de «Nós», que custou US$ 20 milhões, estamos nos anos 1980, em Santa Cruz, praia da Califórnia, e tudo parece paradisíaco até uma criança, Adelaide, entrar numa casa de espelhos abandonada num parque de diversões – bem parecido com o que se dá com Tom Hanks em «Big» (1988). A diferença é que Adelaide não sai dele... grande... adulta, mas sim sem voz, atónita pelo assombro que lá encontrou. Vários anos depois, já crescida, empoderada e mãe de família – vivida por Lupita Nyong'o num desempenho formidável -, ela regressa à Santa Cruz com seu casal de filhos e o marido, Gabe (Winston Duke, cuja irónica atuação é de um sabor singular). Mas esse retorno vai significar um reencontro com os

demónios da sua infância: ao sair do mesmo parque que a assombrara na sua infância, ela vê um grupo de pessoas à porta da sua casa que não parece ter a melhor das intenções. A referência ao cinema de Wes Craven, no seu «Os Prisioneiros da Cave» (1991), aí, é explícita. Aquelas pessoas não assustam só por parecerem más: assombram por serem idênticas a cada um dos membros do clã de Adelaide. A diferença é que eles, os monstros, não têm linguagem. Só o "duplo" de Adelaide tem. Ao se dirigir a ela, e perguntar quem ou que eles são, a protagonista recebe a mais aterradora (e política) das respostas: "Somos americanos".

Possuir ou não o domínio da língua é o que gera a segregação estudada por Peele numa alusão (semiológica) direta aos expurgos de mexicanos (e estrangeiros em geral) efectuados por Trump, na sua atual lei de fronteiras. Num mundo que se abre e se conecta em redes, a nação detentora do poderio hegemónico sobre o cinema comercial se veda às diferenças, ao outro. É aí que «Nós» entra, como um grito de alerta, milimetricamente pensado em cada conceito de representação da vida em sociedade. Inclua aí a representação do desejo, encarnado pela família de Kitty, a vizinha frustrada no casamento e preocupada com sua forma física vivida por Elisabeth Moss, numa contundente participação. A relação com «The Handmaid's Tale», série que consagrou Elisabeth, é imediata: lá, como em «Us», estamos diante de um enredo pautado pelo controle e pela submissão dos oprimidos, ou degredados.

Fiel aos bons exemplos dos mestres do suspense e do horror cinéfilo, Peele usa a música para incitar medo (como Hitchcock fazia) e põe o que as imagens mostram em xeque (feito Brian De Palma), sugerindo em vez de escancarar (como M. Night Shyamalan faz), para alimentar nossos fantasmas internos. Mas há um ou outro momento de horror gráfico explícito, que ele arquiteta com eficiência, sem nunca pesar a mão e sem perder o timbre do espanto.

Estamos diante do que pode ser a primeira obra-prima de 2019, com «Glass», do já citado Shyamalan, vindo logo atrás. Ambos alarmados com o que a América virou. Ambos com medo do que sobrará dela... deles, de vós, de nós, sem aspas, mas ainda plural.
RODRIGO FONSECA

★★★★★

THE LITTLE DRUMMER GIRL

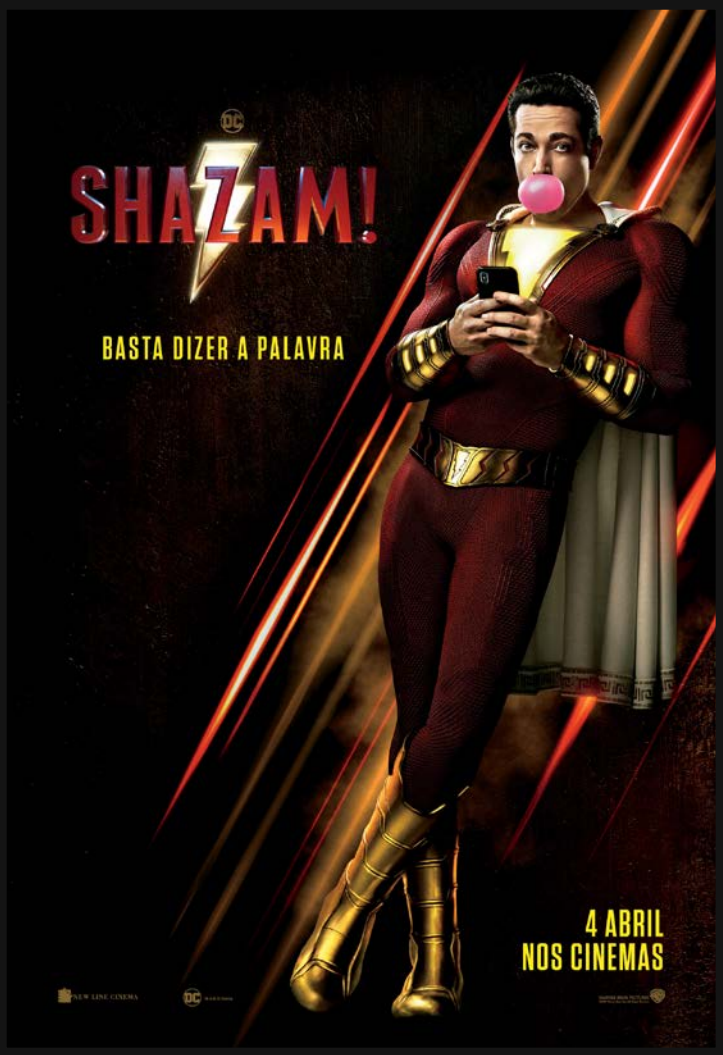
REALIZAÇÃO
Jordan Peele
ACTORES
Daniel Litman
Florence Pugh
Michael Shannon
ORIGEM
UK/USA
TEMPORADAS
1
ANO
2018

Depois do enorme sucesso que foi «The Night Manager», o canal AMC msvolta a dar as mãos àa BBC em mais uma superprodução televisiva com o título «The Little Drummer Girl», e r mais uma pérola da colheita de John Le Carré«. A nova mini-série é baseada num romance homónimo,o considerado uma das grandes obras do mestre de espionagem.
lÀ semelhança de «The Night Manager», «The Little Drummer Girl» é uma série que tem a produção da Ink Factory, uma produtora que tem como principais responsáveis Simon e Stephen Cornwell, os filhos de John Le Carré. Com apenas alguns projectos desde a sua concepção, a produtora tem sido eficaz nas suas escolhas para cinema e televisão e especialmente nas adaptações das obras literárias do progenitor. Além dos títulos acima referidos a Ink Factory produziu «O Homem Mais Procurado», em 2014, realizado por Anton Corbijn e com Philip Seymour Hoffman num dos seus últimos filmes. Em 2018 vamos ver a estrela de «The Little Drummer Girl», Florence Pugh, na comédia com coração «Fighting with My Family», uma produção da Ink Factory baseada em factos verídicos, assinada por Stephen Merchant e que inclui um super elenco com nomes como Dwayne Johnson, Lena Headey, Vince Vaughn e Nick Frost. Após o sucesso de «The Little Drummer Girl», a série que deslumbrou o público britânico no final de 2018, a Ink Factory já está em pré-produção com a AMC, a BBC e a Paramount TV para mais uma adaptação de John Le Carré para a televisão, aguarda-se com expectativa «The Spy Who Came in From the Cold».

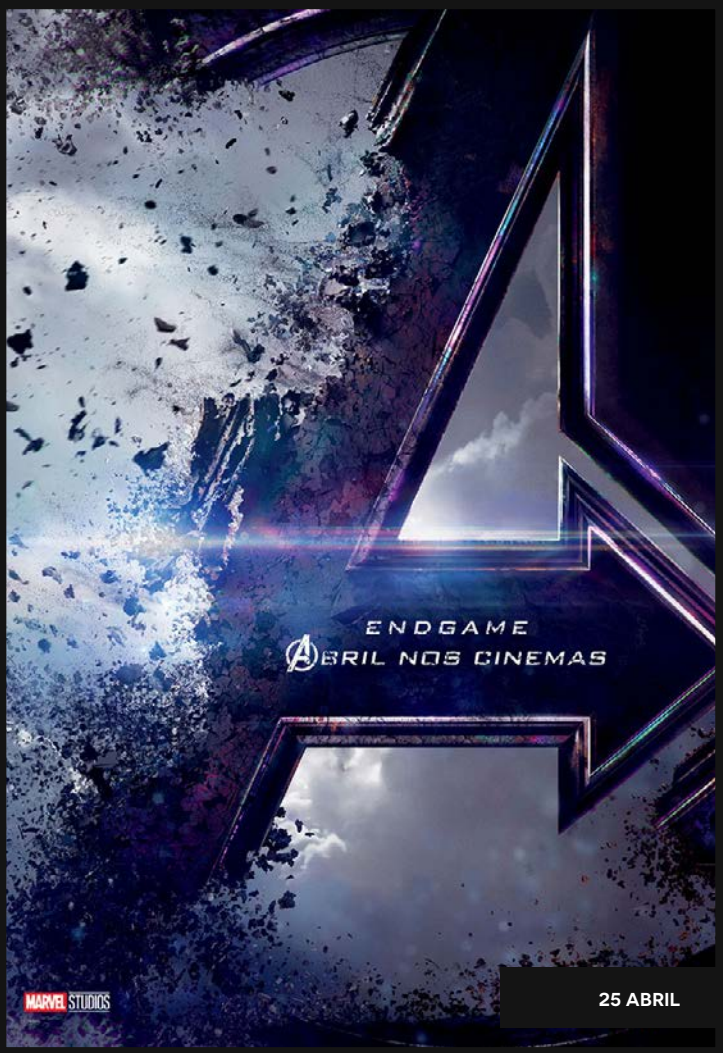
«The Little Drummer Girl» é integralmente realizada por Park Chan-wook. Para esta produção, o autor sul coreano teve à sua disposição actores fantásticos, uma história envolvente e meios técnicos para imprimir o seu cunho estilístico pautado pela violência e sensualidade – é quase como se estivéssemos a ver uma longa-metragem dividida em seis partes. É realmente "estranho" encontrarmos Park Chan-wook na direção desta mini-série, mas a escolha assenta-lhe que nem uma luva pela dimensão da história de espionagem a paredes meias com um romance e representações que abordam a vida como uma performance de palco onde a dissimulação e o "faz de conta" são ferramentas essenciais na luta pela vida e a morte. A câmara de Park Chan-wook é tão enigmática e incisiva quanto a história que decorre perante o nosso olhar atento.

Em «The Little Drummer Girl» temos os predicados de um dos maiores nomes deste género literário mas também um elenco estrelar composto por Florence Pugh, Alexander Skarsgård e Michael Shannon nos principais papéis, sendo que há personagens que foram fundidos no processo de adaptação por Claire Wilson e Michael Lesslie do livro para o ecrã.
A história desenrola-se entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Um atentado terrorista na Alemanha coloca no terreno a Mossads (os serviços secretos israelitas) que tem como principal objectivo capturar um operativo palestiniano da OLP responsável por vários ataques mortíferos em Israel e na Europa. Para este efeito utilizam uma táctica invulgar, no centro da cilada está uma jovem actriz britânica que é colocada perante um dilema mortal mas não hesita embarcar numa trama alucinante.
Florence Pugh, que escancarou as portas do sucesso com a sua performance magnetizante em «Lady Macbeth», einterpreta nesta mini-série o papel de Charlie. Sendo incomum termos uma figura feminina desta dimensão nas obras de John Le Carré, a actriz britânica mostra ter sangue na guelra e veste da cabeça aos pés o papel em mais uma representação assombrosa que, do ponto de vista dramático, dispara em vários sentidos arrastando-nos sempre com ela numa constante flutuação de emoções.
Michael Shannon, no papel de Martin Kurtz, o agente da Mossad, é uma figura meticulosa e o principal "encenador" da cilada ao terrorista da OLP. Alexander Skarsgård fecha a linha da frente em mais uma representação segura e sem falhas.
Nos papéis secundários ainda encontramos boas interpretações em personagens com carisma que são facilitadores na ponte entre o ecrã e a audiência, casos de Michael Moshonov, Clare Holman ou Amir Khoury.
Os temas confundem-se com a nossa actualidade e, nesse sentido, parecem quase imutáveis mas, de forma subtil e sucinta, a dupla de argumentistas, Claire Wilson e Michael Lesslie, explanam os pontos de vista enquadrando-os na longa história do conflito israelo-palestiniano. O espectador rapidamente se apaixona pelo enredo e o visual de pura sedução. «The Little Drummer Girl» mescla o drama de época, o clima político, o sentido de dever e uma paixão fervorosa.

RODRIGO FONSECA



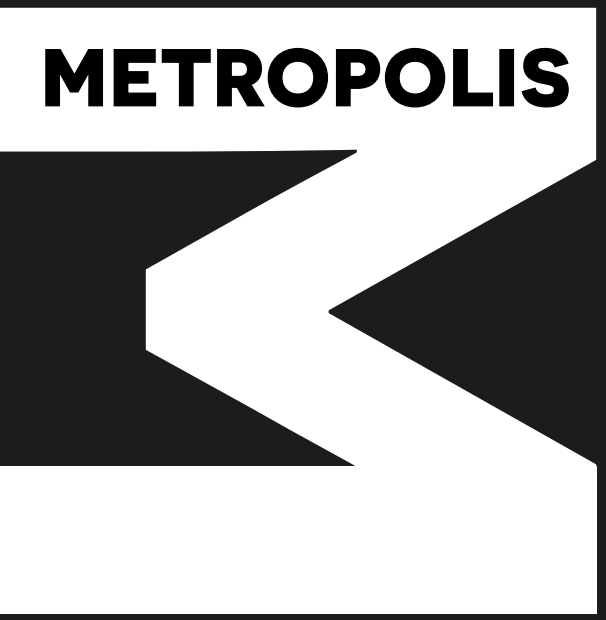
11 ABRIL



25 ABRIL

QUADRO DE ESTRELAS

	CATARINA MAIA	INÊS LOURENÇO	JORGE PINTO	NUNO ANTUNES	RODRIGO FONSECA	RUI PEDRO TENDINHA	TATIANA HENRIQUES	TIAGO ALVES	SARA AFONSO	SÉRGIO ALVES	
ALITA: ANJO DE COMBATE		2		3	2	2		3			
BUCHA E ESTICA		3		2	3	3		1			
CAPITÃO MARVEL			3	2	3	2	3	1			
AS CINZAS BRANCAS MAIS PURAS		4			3	3		4			
DUMBO		3	3		5						
OS IRMÃOS SISTERS		3		3	5	3		4			
NA FRONTEIRA		2				4		4			
OPERAÇÃO FRONTEIRA			3			3					
A PORTUGUESA		3			4	3		2			
NÓS		2	5	3	5	5		3			
SE ESTA RUA FALASSE		3		1	5	3		3			
SNU						3		2	3		
TODOS SABEM		2			2	4	4			2	
UMA CRIANÇA COMO JAKE	3	2									


METROPOLIS